PATRIA!

Livro da Mocidade

Destinado a seus jovens patricios do Brazil, especialmente do Riogrande do Sul,

POR

ALFREDO VARELA

RIO DE JANEIRO
LAEMMERT & C. — Editores
66, Rua do Ouvidor, 66
CASAS FILIAES: EM S. PAULO E RECIFE
1900

PATRIA!

PATRIA!

Livro da Mocidade

Destinado a seus jovens patricios do Brazil,
especialmente do Riogrande do Sul,

POR

ALFREDO VARELA

Vivir por la Patria,
Que dulce vivir!
Morir por la Patria,
Que dulce morir!

Rio de Janeiro
LAEMMERT & C.-Editores
66, Rua do Ouvidor, 66
CASAS FILIAES: EM S. PAULO E RECIFE
1900

TRABALHOS DO AUCTOR

A Constituição riograndense.

Riogrande do Sul. Descripção physica, historica e economica.

Direito constitucional brazileiro. Reforma das instituições nacionaes.

A ENTRAR PARA O PRELO:

Constituição riograndense. Confrontos e annotações.

Geographia riograndense para escolas.

EM PREPARO:

Republica brazileira. Homens e factos segundo as lendas correntes e a historia imparcial.

Diurnal civico.

Jornadas de antanho.

Da monarchia pura na evolução peninsular e brazileira.

Riogrande do Sul. Segunda edição, refundida e completa.

Historia da revolução riograndense (1835—1845).

Morts et vivants, il est encor pour vous unir
Un commerce d'amour et doux souvenir.

(CHÉNIER).

ARTHUR SILVA, o notavel riograndense a cuja memoria dedico este despretencioso trabalho, é a mais perfeita natureza masculina que tenho conhecido: intelligencia vasta, coração adoravel, caracter temperado para as grandes luctas sociaes. O que, porém, mais me captivou nessa creatura, foi o ardente patriotismo, que irrompeu energico, vivaz, scintillante, em sua alma, quando em outras ainda só vivem os brincos e jovialidades da primavera dos annos,

Oriundo de mãi brazileira, irmã da minha, contava seis annos apenas, quando o separaram de nós, indo para Montevidéo viver com a familia paterna, que de lá era, e em cujo seio se guardam todos os velhos rancores da raça. A noção que nessa antiga casa o seu espirito infantil veiu a ter da Patria, foi a menos propria para que podesse estimal-a: antes muito de a ter em grande desapreço. Nos collegios, depois, a mesma pintura odiosa se lhe fazia do Brazil, ali apontado como uma terra de oppressão nas relações internas, e nas externas como um visinho ambicioso e usurpador. Sem communicações pessoaes, nem mesmo epistolares, com os parentes e patricios, perdeu elle de todo até a lingua materna.

Entrava na adolescencia, quando pessoa nossa o foi visitar. O menino cuja prodigiosa vivacidade tanto nos promettia, era agora um vigoroso mancebo, de bella presença e penetrante sympathia:— irresistivel

o encanto de seus grandes olhos scismadores!

Interrogado pelo primo sobre se gostava da gente do paiz, Arthur Silva deixou a attrahente expressão de mansuetude, nelle commum, em que a graça se casava com uma prematura gravidade; fuzilando-lhe a colera na physionomia, disse: «Si les tengo odio!» E contou o que fôra sua infancia, sujeito a passar diariamente pela torturante prova de ouvir malsinar as plagas onde nascera, descrevendo com um exaltamento e fogo desusados nelle, quanta magua recalcara dentro de si, para não melindrar nos impetos da defeza, os proprios que lhe eram mais intimos.

Achei admiravel este brilhar expontaneo da scentelha do amor á terra natal em um coração que debalde tentavam aridecer; achei sublime sua virtude, recatando em um circulo hostil a viva chamma do enthusiasmo civico, que zeloso alimentava;

achei digno de publica homenagem este soberbo traço de caracter: uma criança mantendo para a Patria, o que os extranhos lhe queriam conquistar para a delles, resistindo com firmeza heroica á dissolvente influencia daquelle meio, em que tudo conspirava para apagar-lhe da mente as recordações do berço: — imagens que o tempo tornára confusas, mas que lhe repassavam a alma de poesia e saudade!

Mais tarde, conheceu o moço expatriado que poucos uruguayos compartilham ainda dos resentimentos de antanho, fazendo a fina sociedade a precisa justiça a uma benigna população, alheia a essas intrigas diplomaticas que tão fundas prevenções até hoje despertam no Prata; e amou tambem a antiga Cisplatina, provincia que os pactos internacionaes separaram de nós, mas que continúa a ser muito nossa, pelo irreprimivel carinho que lhe temos, todos os filhos do Riogrande do Sul.

Não exagera um parente que o estremecia, os meritos deste mimoso joven, roubado a nosso affecto aos 22 annos. Delle disse um illustre oriental que a perda era immensa, não só para o Brazil, como para o Uruguay, a cuja cultura devia as luzes do espirito e a educação primorosa.

PATRIA

CAPITULO PRIMEIRO

I

ATRIA é a porção de territorio habitada por um grupo de familias solidarias. Em geral, o laço que as prende é o das tradições communs, o mesmo viver, a fraternidade em meio das venturas e desgraças, esperanças iguaes, interesses irmãos. Mas o que funde realmente os individuos no grande todo nacional, incorpora-os, formando com elles um organismo superior, que enfeixa todas as familias numa só familia, — é o ineffavel sentimento do apêgo ao sitio em que nascemos e onde nos criamos, é o amor ao berço natal, a *nossos*

pagos, como diz o gaucho. Esse canto da Terra em que primeiro brincamos, que, depois, é theatro de nossas ardentes commoções da adolescencia; onde, mais tarde, se completa a educação que nos prepara para as luctas da idade viril, — esse canto da Terra tem a nossos olhos um prestigio mysterioso, irresistivel!

Os outros entes que de sociedade comnosco o povoam, nós os amamos só por serem nados ahi nessa mesma gleba querida em que vimos a formar com elles, no decorrer do tempo, uma sociedade tão perfeita, que na Patria, os pensares se confundem, as aspirações se identificam, os sentimentos se combinam, os actos tendem para o mesmo fim: harmonia sublime, que, quando completa, illustra a Historia, desenhando na evolução humana as scenas do mais grandioso civismo collectivo, ou illumina-a com esses rasgos de pessoal dedicação, eterno exemplo immarcessivel!

O disfarçado egoismo contemporaneo, devastando a alma com os mais funestos sophismas, tenta apagar dos corações a sua imagem sacro-santa, diluir a intensa affeição que lhe temos, em uma outra julgada mais nobre, uma vã philanthropia; como se pudesse merecer confiança esse apregoado amor ao Mundo immenso, ao vasto genero humano, quando

o circumscripto ambito do lugar a que nossa existencia é vinculada desde o olhar primeiro, — não nos inspira ternura e nos é indifferente!...

Sem o amor da Patria, Leonidas se oppuzera nas Termopylas á inundação barbara, ameaçando subverter a Grecia e afundar com ella os destinos da civilisação? Themistocles ousaria affrontar, com um punhado de navios, a frota innumeravel da Persia, que punha em perigo sem remedio a illustre Athenas?

Sem o amor da Patria que fôra essa altiva e portentosa Roma — mesquinho burgo perdido no meio do enxame italiano—hoje apertada dentro de seus exiguos muros, amanhã derramando-se pelas collinas circumdantes; ora vencida e despojada, ora rica da opulencia das cidades rivaes; um dia sob as forcas caudinas, depois impondo o jugo e emfim triumphadora do Orbe inteiro?

Sem o amor da Patria, o povo francez resistira ao embate da Europa colligada, Danton formaria as heroicas resoluções de 93, Carnot tinha improvisado exercitos, Hoche houvera domado os mais praticos veteranos, com seus atrevidos recrutas?

Sem o amor da Patria, a Hespanha ousava fazer face ás aguias napoleonicas, em cujas garras era sujeito o velho continente? Não fôra esse viril

sentimento e seus paizanos em armas esmagavam os experimentados vencedores de cem batalhas?

Sem o amor da Patria, o valor pernambucano reconquistara ao pertinaz hollandez, após trinta annos de porfiada guerra, o Brazil septentrional? Abandonariam ahi em massa os lares e todos os bens, por não dobrar a cerviz diante do invasor? Sem elle, Tiradentes e os martyres de 1817 se tinham immolado com a civica abnegação que tanto os glorifica?

Sem o amor da Patria, os continentistas (1) restaurariam nossas fronteiras do sul e leste, senhoreadas do estrangeiro? Sem esse alto e subido amor, ostentavam na defeza da Republica a tenacidade antiga que o tenacissimo Garibaldi tanto admirou, em dez annos de constante pelejar?

Não! — Tirai da alma dos mortaes o impulso ardente do patriotismo e o brilho da Historia se desvanece, quebra-se a cadeia da evolução, o progresso paralysa-se, o aperfeiçoamento humano é impossivel!

Em nós, então, riograndenses, o amor da Patria é o mais justo e natural dos sentimentos: como

(1) *Continente*, chamavam outrora ao Riogrande do Sul; *continentinos*, *continentaes*, e principalmente *continentistas*, a nossos heroicos patricios desse Estado.

desquerer esse incomparavel solo abençoado, cheio de commodos para nós, fertil em bondades para seus filhos, e, por cima de tudo ainda, tão formoso e seductor, revestido dos encantos mais attractivos que o Mundo tem?

Vêde-o: o terreno abaixa-se em campinas abertas ao transito e ao trabalho, e, quando se levanta, nunca apresenta insuperaveis embaraços á acção do homem; em tudo se lhe mostra ao contrario prodiga a natureza em mil vantagens, já nas graças com que se orna, já na uberdade das terras, já na profusão dos rios que as regam, já na feliz e abundante distribuição dos productos diversos, já na maravilhosa configuração do paiz.

Se só na gleba ha tudo isto para prender-nos, que diremos da Patria, se voa o pensamento atravez de suas chronicas, rememorando os feitos da mais nobre população?

Oriunda dos portuguezes da epoca heroica, labutadora e guerreira, desde os primeiros annos teve em uma das mãos o arado e na outra a espada. O territorio em que habitamos e o hespanhol usurpara, foi, como se disse, por ella reconquistado palmo a palmo, em muitos annos de quasi constante batalhar. Quando governos arbitrarios ousaram exceder-se em demasias despoticas, que a altiveza

provinciana não podia tolerar, levantou-se como um só homem, e, abrigada á bandeira da Republica, encheu a America de admiração com esses prodigios registrados em nossos fulgurantes annaes, que reproduzem os quadros guerreiros do divino Homero: quadros onde a intrepidez inexcedivel allia-se á generosidade maxima no vencer, quanto á inflexibilissima pertinacia na desventura, — grandeza de animo jamais desmentida e que lembra em tudo a magnificencia romana.

Qual escudo ha tido o Brazil nas pendencias externas?

— Por certo esse Estado de lendario renome, cujas epicas façanhas recordam as de semi-deuses e heroes fabulosos da alta antiguidade!

Oh, amar a briosa Patria riograndense não é só dever — o primeiro dos deveres — é prazer sem igual, que insufla nalma do cidadão a mais justa ufania, ao vel-a tão digna; inspira-lhe ardente enthusiasmo, ao conhecer suas illustres tradições; penetra-a de poesia, ao contemplar as deleitosas paizagens de nossa incomparavel natureza; arranca do imo do coração inextinguivel reconhecimento, pelo muito que lhe devemos: gosa gôso ineffavel, ao pensar no que foi, no que é, no que será!

DEVERES PARA COM A PATRIA

II

O primeiro dos deveres é amar a Patria sobre todas as cousas. Seu interesse será preterido unicamente quando vá ferir os interesses superiores da humanidade, pois que se mais devemos á nossa familia do que a nós mesmos, mais á Patria do que á familia, em mais estamos obrigados ao genero humano do que á Patria.

Amar, porém, tão somente, a terra natal, fôra esteril homenagem ; cumpre que estejamos a seu serviço sempre que de nós haja mister, e nisto se resume a vida do bom cidadão.—Em Sparta dizia-se que só ha uma cousa verdadeiramente bella e justa, que é fazer o bem de seu paiz.

Poeta popular da grande revolução do sul muito recommendava ás mãis riograndenses, que zelassem a criação dos futuros cidadãos:

Oh, mimosas farroupilhas,
Cuidai bem vossos filhinhos,
Que a Patria muito precisa
Desses mimosos bracinhos!

Mas, para o cumprimento da nobre missão a que assim as invitam, em primeiro lugar, é forçoso que tenham os infantes a maior docilidade para com os pais, afim de que, com uma austera educação, lhes imprimam nalma a tempera indispensavel nas luctas civicas.

Sem uma conveniente educação, difficil é que comprehendam qual a divida contraida para com seus progenitores, qual o premio com que hão de retribuir os beneficios recebidos: ahi suas primeiras provas. Para ser digno cidadão é necessario ser bom filho: a familia é a officina da vida publica. — Tambem no seio della é que aprendemos a venerar os mais velhos, habito em que de futuro assenta a disciplina social, e a nutrir essa bondade que nos prende e enlaça ao conjuncto dos individuos com quem temos trato continuo na existencia.

Completo mais tarde este noviciado por uma solida instrucção, possue o adolescente seguros

elementos para bem servir ao «patrio ninho amado:» meios de conhecer os deveres que nos cabem e como convem observal-os da melhor maneira.

Assim preparado, cumpre-lhe maduramente reflectir e deliberar sobre a escolha de uma profissão regular, certo de que, seja qual for, constituem todas verdadeiros officios sociaes: — o merito consiste no bom exercicio de cada um dellas, não no maior ou menor brilho que porventura tenham.

Com uma profissão, ficará no caso de contribuir para o augmento do bem-estar da sociedade em cujo seio nasceu,—diminuta retribuição do muito que desta recebe, do muito que faz por nós.

De outro modo, nada mais seremos que despreziveis parasitas, consumindo sem produzir.

O trabalho é beneficio para a alma e para o corpo. No Rio Grande era um recreio; ainda é uma festa em muitas *estancias*.

Em vez de considerar-se o labor pesado da vida campesina como uma dura obrigação, aprovei-

tavam-se as quadras de maior lida para a pratica de bellos exercicios physicos, que deram ao povo do sul essa robustez, destreza, galhardia e bravura, pasmo de quanto estrangeiro ali conviveu comnosco; ou para a sincera expansão dos mais nobres attributos moraes, em folguedos que punham na physionomia de todos, certo ar de franca alegria que só se estampa na face dos bons e felizes.

Era um gosto avistar a mocidade, de par com a saudavel velhice, terçando nas liças gauchas: qual mostrando pericia eximia no domar o bravio cavallo, qual em laçar o furioso touro e impor-lhe a marca, qual em proezas dignas dos fabulosos centauros!

Era um gosto avistar uns e outros, ao fim do dia, após violentas fadigas. Nenhum buscava o descanço, sim a companhia das damas, entrando alta noite em animados divertimentos: a viva palestra, o canto ao desafio, a prazenteira musica, as dansas ruidosas dessa bemaventurada época!

Não havia muitas lettras, mas havia mais felicidade e mais patriotismo: tudo que é essencial para estimulal-o. Como os lacedemonios de Lycurgo, nossos antepassados faziam consistir quasi que todo «seu estudo em saber obedecer, supportar os trabalhos e vencer.» No entretanto, nunca o civismo

foi exercido com mais esclarecida boa vontade, apezar das muitas attenções prodigalisadas á criação, á agricultura.

O homem politico mais amigo da vulgarisação do ensino jámais se deixou dominar da mania, hoje reinante, de « fazer meios sabios,» apenas desejando « dar a cada um as luzes necessarias a seu estado, formar bons cultivadores, bons obreiros, homens dignos, com o auxilio de conhecimentos indispensaveis e habitos convenientes, que inspirem o amor do trabalho e o respeito ás leis, » qual era o plano do insigne Carnot.

E o mais notavel nessa raça lidadora, é que mal o clarim da guerra soava nas quebradas rio-grandenses, — fosse estrangeira a aggressão ou de algum transviado da propria casa — mudava o aspecto dos singelos habitantes da provincia: era de vel-os, indo buscar a um canto das moradas os velhos gladios continentistas, as terriveis lanças, as boleadeiras charrúas! (1)

(1) O coronel Teixeira Nunes, rude quão temerario soldado, dizia que « os que fogem de prestar seus braços á Mãi-patria, quando ella precisa, não são bons filhos, nem bons pais, nem bons esposos.»

Não é, todavia, o empunhar decididas armas pela Patria que o dever prescreve tão somente : a estricta obediencia aos superiores, ou ao chefe mais capaz, é o seguro penhor do triumpho.

« A obediencia, disse Tyrteu, é a mãi da salvação. »

Por sua incomparavel disciplina, Roma alcançou realisar as maravilhas a que antes fizemos referencia, pondo os limites da cidade eterna nos confins do Mundo antigo.

Em 1794, a Europa inteira parecia disposta a ir sobre a França. Esta, sem recuar, levanta quatorze exercitos, voa ás fronteiras e após unicamente dez-e-sete mezes de porfiada lucta, Carnot — o organisador da victoria — podia, perante a Convenção, assim resumir aquelle immortal esforço :

« Esta campanha, cidadãos, deu á Republica : — 27 victorias, sendo 8 batalhas campaes ; 120 combates, 80.000 inimigos mortos, 91.000 prisioneiros, 116 praças ou cidades importantes tomadas, sendo 6 depois de assedio e bloqueio ; 230 fortes ou reductos, 3.800 canhões, 70.000 espingardas, 1.900.000 libras de polvora, 90 estandartes arrebatados ao inimigo.»

Qual a causa de tal portento? Ainda e sempre a causa cujo valor assignalamos : « E' á disciplina

fundada sobre a confiança e o amor da Patria que a Republica deve toda sua boa fortuna, » proclamava o famoso cabo de guerra.

A soberba resistencia dos *farrapos*, baldos de recursos, é fructo igualmente da digna submissão desses nobres republicanos. — Tinham aprendido em visinho exemplo. Não caíra em poucos dias a liberdade oriental, na rapida campanha de noroeste, a disciplina de poucos vencendo o maior numero, ainda que distincto pela bravura; por desconhecer o heroico Artigas o que vale a boa ordem militar? !...

Xenophonte dizia que « onde se sabe amar a Patria, conseguir destreza em tudo que é relativo á guerra, e obedecer aos superiores, ahi só é licito aos homens conceber as melhores esperanças. »

« O começo da fortuna de meu povo será a obediencia, » declarou Mahomet, verdade que a Historia não tardava logo a confirmar.

Inspirado neste rigoroso preceito, jámais o cidadão deixe comprometter o nome em um acto de insubordinação ou pusilanimidade.

Se uma praça de guerra lhe é confiada, por cousa nenhuma do Mundo a entregue, pereça embora com todos os que commande, em honrosa defeza.

— Martim de Freitas, que tinha por Dom Sancho II o castello de Coimbra, intimado que se rendesse pelas forças victoriosas de Dom Affonso, rebelde a seu irmão e rei, negou-se a abrir as portas. E como se lhe notificasse que o principe revoltoso fôra acclamado por todo o reino e Dom Sancho morrera, foragido em Hespanha, julgando ardil a noticia, fez saber aos sitiadores que só se entregaria, caso lhe permittissem ir verificar, elle mesmo em pessoa, o obito do inditoso soberano.

Aceita a composição, dirigiu-se o fidalgo ao outro lado da fronteira; ahi teve certeza do acontecido. Depoz, então, sobre o tumulo de Sancho as chaves do castello a cuja guarda estivera penhorada sua fidelidade. Desobrigado agora, entregou seu honrado posto, ao successor do rei.

— De constancia identica usaram os paraguayos de Angostura. Cercando-os, o exercito inimigo mandou-lhes dizer que era inutil resistir, batidos já os de sua nação e por isso totalmente cortados naquelle

recanto. Os fieis defensores do forte recusaram admittir a verdade. Entregal-o? — Só se lhes consentisse mandarem uma commissão de confiança ver, com os proprios olhos, expugnadas as posições de Lomasvalentinas, em que tanto confiavam.

Foi bello contemplar aquelles poucos heróes, tristemente atravessando o exercito victorioso, após a volta dos seus, ali mandados!

Nobre cumprimento do dever: unicamente depois de contemplarem melancolicos as horrendas provas do desastre (Lopes destroçado, apezar de todos os requintes da bravura humana, em gigantesca pugna de oito dias), resignaram-se á má sorte que os perseguia, nem lhes sendo concedido morrer num campo de batalha,—a unica aspiração de todo paraguayo, ao ver succumbindo a Patria!...

— Tobias Silva, na revolução de 35, com dois hiates armados em guerra, acommettido por navios imperiaes no passo dos Canudos, bate-se com a energia do desespero.

Vê perdidos, todavia, aquelles sobrenaturaes esforços.

Ahi aproxima os dois barcos, fal-os voar, tocando fogo aos paióes. — Carbonisado foi ter seu corpo á praia mais visinha, nos braços da esposa que o acompanhava e a quem se unira para morrer!

Um só marinheiro moribundo escapou da catastrophe, para contar, antes do ultimo suspiro, o heroismo do insigne republicano.

— Firmeza semelhante presenciaram os nossos em Paysandú.

Preparado o successo por um sitio de quarenta dias e continuos bombardeios, resolveu-se o assalto á cidade. Só conseguimos ganhal-a quarteirão a quarteirão, rua á rua, casa á casa, palmo á palmo, após cincoenta-e-duas horas de medonho canhoneio e furiosa fuzilaria, sustentando-se até a derradeira extremidade, á frente dos orientaes, o inclyto Leandro Gomes!

— Firmeza nunca jámais excedida presenciaram ainda na guerra da triplice alliança, em que um povo infeliz, quanto heroico, amparou sua terra com uma epica resolução sem igual na Historia, jurando o pertinaz chefe da incomparavel defeza, morrer na ultima trincheira da Patria, e lá foi morrer, cinco annos depois das mais titanicas acções!

Esta é a invariavel conducta a observar em toda emergencia em que se vejam compromettidos a honra, brio e interesse nacionaes.

Tenha-se presente, em toda a parte e sempre, a divisa dos antigos cavalleiros: « Cumpre o teu dever, aconteça o que acontecer. »

« Benemerito de sua Patria e de seu povo, canta o inspirado Tyrteu, é o homem que se bate com firmeza nas primeiras linhas, esquecido da fuga ignominiosa, oppondo sua vida e alma ao perigo, e encorajando os camaradas a affrontar a morte.

Esse é um bravo nos combates! Elle põe em fuga promptamente as terriveis phalanges inimigas, e, por sua coragem, regula os destinos da batalha.

Se, tombando na vanguarda, perde a vida, glorifica sua Patria e seu povo e seu pai. Sua couraça, seu broquel, seu peito, mostram innumeraveis golpes, e todos o choram, jovens e velhos. Os pesares de sua cidade natal o seguem, e seu tumulo, e seus filhos, e os filhos de seus filhos, e os descendentes destes, são illustres entre os homens. Jámais sua famosa gloria perece, nem seu nome, e, ainda que seja sob a terra, é sempre immortal aquelle que bravamente combateu por sua Patria e por seus filhos, e que a violenta guerra aniquilou.

E se escapa ao longo somno da morte, e é aureolado da gloria resplandecente do combate, todos o honram, moços e anciãos, e deixa o Mundo coberto de louros. Envelhecendo, e o primeiro entre os cidadãos, e ninguem ousaria offendel-o injustamente. Os mais novos, e os iguaes na idade, e aquelles até mais idosos, lhe cedem o lugar.

Que cada um de vós attinja, pois, as alturas desta virtude, que se exalte seu coração, e marche resoluto ao combate!»

Nunca o animo do forte se deixe abalar pelo numero do inimigo.

«Não temer, nem receiar a multidão dos homens,» aconselhou o bardo. O que importa, como acima se declara, é cumprir o dever: que vale que seja contra poucos, se contra numero igual, se contra dez vezes maior?

Superior é o contrario? — Mais alta a gloria de combatel-o!

— Themistocles ainda que visse os gregos aterrados com a incontavel armada do grande rei, não se resolveu a fugir. Cuidou antes de os convencer que «em todo serio perigo, a excessiva conta dos navios, os pomposos e magnificos ornatos de suas proas, os gritos insolentes ou cantos de victoria dos barbaros, nada têm de formidavel para homens que sabem ir direito aos outros e têm a

coragem de bater-se a pé firme: desprezando toda essa vã ostentação, dizia, cumpre correr ao inimigo, tomal-o corpo a corpo e jámais ceder.»

Estes magnanimos conselhos, seguidos á risca, asseguraram aos confederados, triumpho nunca visto: 180 navios aniquilando 1.200, mais fortes e poderosos!

— Paulo Emilio, tendo comsigo apenas oito mil homens, encontra-se de subito cercado, no paiz dos ligurios, por quarenta mil delles. Pede soccorro, mas convencido de o não receber a tempo, resolve, só com os seus e sua audacia, livrar ás aguias romanas da vergonhosa prisão. Precipita resolutamente as legiões sitiadas sobre os ligurios, cinco vezes mais numerosos, e obtém a maravilha de abrir caminho, triumphar dos que o tinham quasi prisioneiro!

— Pelopidas, em uma retirada, inopinadamente topando com os famosos spartanos, temidos por toda parte, e ahi muito mais fortes, alguem nas fileiras bradou: «Caímos nas mãos do inimigo!» ao que o glorioso chefe thebano retorquiu: «Porque não dizes antes que elles caíram nas nossas?»

Correu sobre elles em seguida, e esmagou-os, provando não ser jactancia o que se arroja a ameaçar, por atrevido que seja, um animo varonil.

— Ulysses, o prudente rei de Ithaca, eis como pinta Homero que se resolveu em grave conjuntura :

«Ai! que farei? Tremer em face desta multidão e fugir! Certamente fôra muito indigno; ser aprisionado sosinho aqui! fôra ainda peor... Oh, meu coração! porque deliberar? Não sei que só o covarde se afasta do perigo?

O guerreiro valoroso um só dever conhece : bater-se com pertinacia, seja que o fira, seja que receba os golpes do inimigo!»

Esta a lição do grande epico.

Estabelece elle que em todo caso «o melhor dos augurios é combater pela Patria.»

Pensaram sempre assim os nossos.

— Raphael Pinto Bandeira, primeiro general riograndense, ameaçado de forte exercito hespanhol no Capané, ainda que estivesse com poucos, esperou-o á pé firme no seu posto de honra, e dali veiu a largar somente quando impellido, mau grado seu, pelo immenso numero.

Nem por isso deixou de fazer-lhe rija opposição na immediata passagem do Tabatingahy, indo depois communicar o enthusiasmo que o electrisava á praça do Riopardo, diante de cuja decisão recuou o invasor.

— Na guerra de 1825, Lavalleja movera-se por uma alta madrugada, com o fito de surprehender uma força brazileira de cavallaria, quando a subita visão do extremo perigo decidiu quarenta bravos continentistas, que andavam a descobrir, á mais atrevida façanha: carregar sobre a vanguarda do exercito inimigo, dando assim tempo aos nossos de se precaverem.

Cerrado de nevoeiro era o começar daquelle dia memoravel. Não podendo distinguir bem e suppondo de muitos o arrojado commettimento, que lograra desordenar-lhe as fileiras, pela furia do ataque; o brioso chefe uruguayo hesitou: podem assim os brazileiros ganhar um terreno forte para a retaguarda, mallogrando o intento do inimigo.

— Os dois principaes auctores da gloriosa aventura, Canabarro e Guedes, annos depois, no começo da grande revolução, sabem de uma força imperial pairando pela Cerca-de-pedra. Como eram poucos os partidarios de que dispunham, combinam esperar a juncção do valente João Antonio, mais tarde general da Republica.

O inimigo, porém, avista-os; considera com desprezo a temeraria aproximação do pugilo contrario; do desprezo passa á affronta: breve cruzam-se, de envolta aos insultos e sarcasmos, as

vozes de desafio aos escassos «farroupilhas:» 60 apenas!

Fuzila a raiva no olhar dos livres. Ouve-se o tinir das esporas, a vibração das espadas, com os estremecimentos da colera mal contida, naquellas almas inflammadas: o som cavo das lanças, recalcando o chão, irosas de não poderem impôr um prompto castigo, aos inconsiderados provocadores.

Uma injuria! e o furor bellico repelle de si toda e qualquer cautela: é vencer ou morrer!...

— Tresentos os outros! adverte a prudencia.

— E' o mesmo! retorque, indomita, a bravura.

— Desigual esta lucta...

Nem mais ouviu a sanha ensurdecida!

Chefes e soldados, cabeças que pensam e braços que executam, um só corpo formam e uma só alma: cerradas as fileiras, corseis e cavalleiros, unidos todos como as ajustadas peças de terrivel machina destruidora, precipitam-se na vertiginosa assaltada: passam sobre o campo adverso como um pampeiro devastador!

Horas após chega o reforço: nem sombra de amigos e contrarios!

Levados de roldão, voam em fuga os imperiaes, tres dias perseguidos, por fim completamente aniquilada a sua força, por aquelles poucos homens, um quinto dos outros tão somente.

— Garibaldi cercado, na companhia de um preto, em certo *galpão* do estaleiro do Camaquã, resiste impavido.

Reunem-se-lhe mais onze republicanos, e junctos os diminutos heroes, fazem frente a 150 *caramurús*, pelo espaço de cinco horas.

« Estes (narram as memorias do glorioso italiano) se tinham apoderado de todas as casas, de todos os *ranchos*, de todas as barracas que nos rodeavam, e dali faziam sobre nós um fogo terrivel. Outros haviam trepado na cumieira, onde arrancavam a coberta, tiroteando-nos pelos buracos, e lançando pelos mesmos, morrões accesos. Mas emquanto que uns apagavam o fogo, outros respondiam á mosquetaria, e dois ou tres caíram mortos no meio de nós, por esses buracos que elles proprios tinham aberto.

De nossa parte, tinhamos, com as nossas baionetas, praticado aberturas na parede do galpão, e por ellas faziamos fogo, quasi a salvo. »

O premio de tanto valor foi este: pelas tres horas da tarde, um bello tiro attinge o chefe da força inimiga; retira esta, carregando os feridos e deixando quinze mortos.

Cinco haviam succumbido e outros tantos jazem feridos dentre os republicanos, que não descançam

sobre os louros do dia: unidos a varios, que podem então sair dos mattos visinhos, onde lavravam madeiras para os barcos da joven nação, correm no encalço dos retirantes, e os perseguem até forçal-os a embarcar.

— O cabecilha legal que ahi fôra infeliz, Francisco Pedro, tempos depois obtem surprehender completamente a João Antonio, em Santa Maria-chica.

Abandonava este em plena derrota o acampamento, debandados quasi todos os revolucionarios, quando acode o famoso Carvalho Aragão. Seu corpo era o unico que conservava os cavallos pela dextra, já desarreiados, todavia.

Em pello mesmo, saltam os centauros; tomam de flanco os triumphadores e a victoria se cambia como por encanto, em desbarato!

— Em 1844, ainda o mesmo Francisco Pedro marchava pela serra do Velleda, á frente de uma brigada das tres armas, quando divisa alguns atiradores republicanos alinhados no alto de uma coxilha e sobre elles destaca um ou dois esquadrões, em reconhecimento.

Como não cede o inimigo, reforça-os. Por fim, avança toda a cavallaria.

Somem-se, então, os pertinazes guerrilheiros.

Apressam o passo os outros; chegam ao alto, mas... o topo da coxilha é limpo, na contra-encosta o mesmo: ninguem!

Lançam os olhos para a planicie visinha, que se dilata até o Candiota. Só ahi surpresos descobrem quão poucos haviam tido pela frente: quatro os auctores intrepidos da proeza, quatro cavalleiros, que a todo galope escapam, desapparecendo ao longe!

Não ha barreira que não vença o patriotismo bem inspirado, e se não é assim, vêde-o noutros exemplos memoraveis.

—Iniciadas as hostilidades entre Hespanha e Portugal, no começo do seculo, dois ousados riograndenses, Canto e Pedroso, planejam reconquistar Missões.

Congregam quarenta, ao todo, e com esses poucos homens penetram no vasto territorio, ganham um povo, ganham outro, em poucos dias assenhoream-se de tudo. Debalde, com perseverante esforço, o valoroso hespanhol Rubio Dulce tenta depois expulsal-os dali.

E dizer-se que em tão curto espaço de tempo e com a maior felicidade possivel na guerra, caíu em nossas mãos uma rica e extensissima comarca, justa compensação de nossa disputada Colonia-do-sacramento, perdida para sempre!

« E' que o perigo foge do bravo; a fortuna se compraz em coroar a audacia, » diz o sentencioso bardo escocez.

— Precisando ir ao oceano, para a libertação dessa terra amiga de Santa Catharina, projecto que havia tempo acariciavam, os riograndenses anteviram insuperavel embaraço na frota imperial, estacionada na unica barra existente. Para o civismo daquella época era incentivo o obstaculo e crescia o estimulo na proporção do obice a vencer. O ardor politico era todo suggestões por bem servir a santa causa esposada e inspirou-lhes temeraria, quanto original idéa.

Entre a lagôa dos Patos, scenario até ahi da fragil esquadrilha republicana, e o mar, prolonga-se uma peninsula, coberta de areaes quasi toda. De seu porto mais ao norte, Capivary, á virgem foz do Tramandahy, no procelloso e aparcelado Atlantico, medeiam onze leguas. O transito na zona é penoso, ainda mesmo para os carros leves.

Pois nossos perseverantes republicanos conceberam o designio de pôr sobre immensas rodas, seus

melhóres lanchões de guerra, arrastal-os pelo movediço terreno, para os fazerem fluctuar na inhospitaleira costa visinha, jamais cortada de quilha alguma. Para que se avalie do tremendo risco de arrostar com as furias do oceano nos diminutos barcos da expedição, lá exhibe nosso littoral uma fileira de carcassas de possantes lenhos; e quanto aos da aventura, basta referir que um delles foi logo devorado pelas ondas, com mais da metade dos tripulantes, salvo milagrosamente o heroe italiano.

O outro singrou veloz, galhardo; duas vezes vencedor de todos os obstaculos, da terra e das aguas, toma rumo da Laguna, onde depois de gloriosa odysséa, seria pasto das chammas em terrivel combate, tendo antes ostentado com brilho o pavilhão tricolor, nos mares do sul e nas visinhanças da propria capital do Imperio.

— O exercito da Republica riograndense, que havia annos sitiava Porto-Alegre, viu-se pelo de 1840 ameaçado de ficar a seu turno cercado pelas numerosas forças da monarchia, que pretendiam esmagal-o na Setembrina, graças á superioridade numerica. A passagem para a Campanha julgava-se irrealisavel. Mas, quando o inimigo suppunha colhel-o ás mãos, eil-o que se atreve a effectuar essa temerosa travessia da serra, onde as rudezas do

sertão, fome, miseria, quasi o aniquilam, alfim conseguindo attingir os cubiçados limites da Vaccaria, cujos formosos campos avistaram com jubilo igual ao dos gregos de Xenophonte, revendo o mar — o mar! esperança unica de salvamento.

Nunca se lamente o patriota de sua humilde categoria lhe não permittir vôos ao ardente civismo. Quantas vezes um só homem de boa vontade vale uma legião.

Quem esse José Borges do Canto, de cujo nome falamos já?—Antigo desertor. E Manuel dos Santos Pedroso? — Provinciano ignorado.

Tanto engrandeceram, todavia, o territorio rio-grandense!

Não foi um modesto partidario, o preto Procopio, quem alvejando Francisco Pedro, decidiu da sorte do combate de Camaquã, quando pareciam perdidos Garibaldi e seus heroicos companheiros?

Notai agora este fecundo resultado do sacrificio de um só. Na guerra da independencia da Helvecia, ao ferir-se a batalha de Sempach, onde

suissos e austriacos disputam encarniçadamente, uns pela autonomia, outros pelo dominio; momento houve em que o desfecho da lucta esteve dependente da massa numerosa dos infantes imperiaes, cuja selva de lanças parecia impenetravel, como a celebre phalange macedonia.

Vendo que de uma brecha naquella muralha humana estava o inclinar-se a balança em favor da Patria, Arnoldo de Winkelried grita aos seus: «Vou abrir um caminho á liberdade!»

Atira-se ao inimigo, crava o peito em varias daquellas immoveis lanças, toma ainda algumas com as mãos ambas, sobraça outras, e faz desta sorte um claro nas inabalaveis fileiras, por onde passam os confederados, logo depois victoriosos!

Não menos tocante é este episodio:

Invadida a França, chocam-se os exercitos contrarios em Wattignies, batalha gigantesca que marcou os destinos da revolução franceza. Era forçoso tomar em um flanco Dourlers, povoado onde se intrincheiram fortemente os invasores. Sobre elles avança uma divisão, mas a metralha ceifa implacavel os assaltantes; recuam desordenados, conseguindo apenas alguns atravessar as linhas de ferro e fogo que os dizimavam, entre esses um rapazote de quinze annos, tambor de voluntarios.

Tem naquelle aperto uma idéa atrevida : dá o signal de carga nas costas do inimigo. O effeito foi completo ; este, julgando-se cortado, manda um troço de cavalleiros reconhecer, e deparando-se-lhes unicamente o heroico mocinho, armas á cara, intimam-no que se entregue.

O francez responde como usam os de sua nação nos mais sublimes lances: « Viva a Republica ! » brada com delirante enthusiasmo, rufando o tambor, sempre em som de carregar.

Uma criança... Que exemplo !

Mas aqui temos factos em que o patriotismo apresenta-se sob divinas fórmas de mulher.

Joanna d'Arc, joven pastora, sente a ingenua alma consumida de angustia, com a narrativa das calamidades do paiz. O ardente amor que lhe vota, a exalta, faz-lhe ouvir vozes do céo, que saem de seu proprio coração, vozes que a convencem de chamar a si o sagrado encargo de emancipar a terra natal.

A isto se consagra ; aquelle corposinho fragil resiste a todo cansaço, enfrenta os furores da guerra, guia as hostes reaes á victoria, — transformada a simples donzella em anjo vingador !

Prêsa, submettida a vis ultrages, sujeita a crudelissimo e feroz martyrio, nunca se abate : mulher,

sabe morrer como os mais fortes varões, a redemptora da França!

Este sublime exemplo convence que o dever supremo é o já definido nas guerreiras estrophes do bellicoso Tyrteu:

« Combatamos corajosamente por nossa terra, morramos por nossos filhos, não nos poupemos.

O' mancebos, luctai cerrados uns aos outros. Não temei senão a vergonha da fuga, excitai em vossos corações uma valente e solida coragem e nunca vos inquieteis da vida, enfrentando com o inimigo...

Desses que ousam affrontar seu choque com uma bravura unanime, poucos morrem, e elles salvam seu povo.»

Mas, mesmo sem aquelles ensejos de brilhante devotamento, quanto póde dar á Patria o amor do homem mais humilde...

No simples mister de *vaqueano*, o mais rude camponio garante por vezes o resultado de uma grande operação bellica. O *bombeiro* desvenda o perigo e salva o exercito. O *proprio* conduz por entre mil embaraços e riscos o plano de uma batalha decisiva. A sentinella perdida vela pela sorte de um acampamento inteiro e por seu zelo evita a desastrosa surpreza.

Para observancia dos mandamentos patrioticos e para a propria dita pessoal, é cousa secundaria, tanto a fortuna como a posição que se tem na sociedade: num ou noutro caso, o principal é cumprir o dever.

Por isso deu Solon aquella inspirada resposta ao rei Creso. Tendo-lhe exhibido portentosos thesouros, admirou-se da indifferença do celebre legislador grego e perguntou: «Conheceste porventura um homem mais feliz do que eu?» — «Sim, diz Solon; um simples burguez de Athenas, chamado Tellus, que foi homem muito de bem, que deixou numerosos filhos merecedores de geral estima, os viu encaminhados, e assim os filhos de seus filhos; que viu sua Patria sempre florescente, e no fim de uma vida em todo o tempo a coberto da necessidade, morreu gloriosamente na batalha de Eleusina, combatendo pela terra natal, depois de pôr em fuga os inimigos.»

Jámais a vaidade, o orgulho, falem mais energicamente na alma do cidadão, que o sentimento do amor da Patria.

Cumpre imitar Epaminondas que, com a mais nobre singeleza, desceu do posto supremo da Republica para o de soldado raso.

Tristão Pinto e Mercio Pereira, emulos riograndenses do grande thebano, afastados injustamente de commandos superiores no exercito brazileiro durante a campanha paraguaya, arrancam os galões e apresentam-se a servir como praças de pret.

Bento Gonsalves, não menos magnanimo do que estes, não menos singelo do que o primeiro, para que calasse a inveja e tivesse um termo a discordia, que dissolvia o Estado; depõe nas mãos de seus oppositores as mais altas funcções civis e militares, revertendo ao exercito, em um commando secundario.

Nas magistraturas civis, convem ter sempre igual abnegação e nobreza. Juiz, por exemplo, a imagem da lei seja nosso culto; prefira-se a morte á deshonra de transigir com os poderosos ou fraquear diante das seductoras solicitações do coração. Juiz que se presta á vinganças de potentados ou toma partido por um, contra outro cidadão, ou cede á sympathias pessoaes, é indigno desse posto sublime: cumpre arrancar-lhe a toga, para castigo e vergonha eterna de tamanho criminoso.

« A lei deve ser como a morte, que a ninguem poupa. »

« Sustenta-se a justiça na perfeição das leis e no zelo dos ministros que as hão de executar. »

A Republica ha mister antes de tudo de ordem e liberdade; desta o melhor escudo é o juiz, tambem forte esteio daquella, porque a equanime distribuição do que a cada um pertence é seguro meio de obstar as dissensões, começo de toda anarchia. Se o juiz falta a este duplo dever, o nome que traz é um escarneo, seu papel um maleficio, sua acção perturbadora,— fonte de incalculaveis desgraças. Emquanto uma sociêdade confia nos juizes, raramente faz appello ao funesto e calamitoso recurso da guerra civil, o maior dos flagellos. — Estejam disso muito certos todos os governantes.

A Republica ha de ser o que sonharam as grandes almas civicas, ou não ha de ser: o reinado da moderação nas relações dos superiores com os inferiores, e do respeito destes para com aquelles; da igual participação da recta justiça, na ordem privada, e da serena tolerancia, na ordem politica; das mais amplas garantias a todos indistinctamente e da mais escrupulosa punição legal dos culpados quaesquer, sem maior severidade para com o adversario, sem maior benignidade para com o amigo ou sectario; — reinado da paz, do direito, da moral,

que o eximio republicano Joaquim Pedro Soares compendiou nesta formula divina: « a Republica é o regimen de todas as virtudes. »

Proclamando que o juiz deve resistir á prepotencia, dissemos tambem que lhe cumpre fugir ás seductoras solicitações do coração, isto porque, é força confessar, nas sociedades de hoje mais se esquece a rasão de Estado que o interesse dos individuos...

Em tudo que diga respeito á disciplina social, mostre-se inflexivel o juiz.

Veja-se a este respeito a seguinte lição de Plutarcho:

« Caio Lucio, official a serviço de Mario e seu sobrinho, quiz induzir Trebonio, joven legionario, á praticar de companhia comsigo uma acção infame, no que foi dignamente repellido. Tentando, porém, obter pela força o que as mais cariciosas deligencias não conseguiam, o offendido arranca da espada e mata o vil militar.

« Chega Mario ao acampamento, sabe da morte do parente e faz citar Trebonio, para vêr-se julgar em sua presença. Este comparece. Muitos se apresentam como accusadores, ninguem o quer defender.

Não perdeu com isso a coragem; adiantou-se com firmeza, expoz como se passara o facto e nomeou testemunhas, provando as indignas propostas de Caio, sua constante perseguição ao reu e o despreso que tinha este mostrado pelos grandes dons que lhe offerecia o outro: preferira á todas as riquezas a sua honestidade.

« Mario, encantado, cheio de admiração, ordena que lhe apresentem a coroa com que Roma sóe premiar as mais altas façanhas, e recebendo-a, cinge elle proprio a cabeça de Trebonio, pela acção que praticara, em um tempo que, segundo disse, estava precisando de grandes exemplos. »

Era igualmente recta assim a justiça de Timoleão; nem os laços do sangue detiveram seu braço, quando foi mister ao bem da Republica.

Timophanes converte-se em tyranno de seus patricios, auctor das mais condemnaveis violencias, dos mais desregrados actos. Usa de razões convincentes aquelle, para arredal-o da impia carreira em que se desordenara. Insiste, mas por muito que o

faça, baldado empenho: o perverso afunda-se ainda em maiores iniquidades.

Era urgente pôr um termo aos horrores do monstro. Timoleão combina com dois amigos praticarem uma derradeira tentativa, com o fim de vêr se arredam do crime o relapso e, se fosse inutil, abandonal-o então ás naturaes consequencias de tamanhos erros.

Timophanes assediado por elles, não sabendo como responda, vale-se de despresiveis sarcasmos, que deixam patente o irregeneravel estado de sua alma. Timoleão retira as vistas d'aquelle infeliz.

E esse mau homem é o irmão a quem no mais arriscado lance havia salvo pouco antes, em perdida batalha!...

Consolando-se com o bem da Patria, que promoviam, Timoleão cobre a cabeça com o manto, desfeito em lagrimas. Os outros acabam alli mesmo a transviada creatura.

Brutus, mais severo ainda — pois é contra amados filhos o rigor — descobrindo que entravam numa imperdoavel conjuração contra a Republica, subiu elle proprio ao tribunal, condemnou-os á infamante pena do açoite, depois á ignominiosa morte, e assistiu impassivel a um e outro supplicio, sobrepondo

ás dores de pai o jubilo do cidadão, que vê, por obra sua, salva a Patria!

Ninguem mais benigno do que Bento Gonsalves. Soube, um dia, que alguns companheiros politicos, nas jornadas do anno 36, se desmandavam pelos caminhos, commettendo roubos e outros atropellos. Elle, que era o chefe e o juiz supremo da columna liberal, summariamente julgou-os, pronunciando irrevogavel sentença de morte pelo fuzil contra quatorze de seus bravos camaradas, e os fez executar no passo de S. Borja.

Morbida lastima ou erronea noção da liberdade, jamais detenha o braço do juiz. Sirva-nos de eterna lição aquelle preceito de Hoche, o archetypo do soldado-cidadão: « E' servir a liberdade o restringil-a na pessoa de quem a reclama, com o fito de machinar contra ella. »

Archelaus disse de um de Sparta, excessivo na clemencia, a quem classificavam de muito bom: *Oh! como não será bom elle, se não tem forças até mesmo de ser mau para os maus!* « Julgamento profundo, no pensar de um escriptor moderno. E' defeito em um principe o ser muito-bom, e não ter força de ser mau para os maus; porque isso é fraqueza. Em um principe é ser verdadeiramente bom o ser mau com justiça. »

Se como juiz convem que seja assim a conducta do patriota, em qualquer outra funcção o esmero não deve ser menor. A cuidadosa solicitude, o extremo zelo, a austera honradez, recommendem sempre os cidadãos de todas as classes.

Quando o espirito hesite na escolha do proceder a seguir, recordem os filhos do Riogrande (e póde imitar todo brazileiro) os grandes exemplos dos maiores: tem-se ahi um bello conjuncto de normas, o mais primoroso compendio de moral pratica: modelos em todos os generos de perfeição!

Manuel Martins da Silveira Lemos (para citar uma dentre as figuras do tempo) serviu á Republica, na qualidade de presidente do thesouro nacional, representante á Constituinte e ministro de Estado, sempre de fórma irreprehensivel, e assim procedeu até o fim da probidosa existencia. Ninguem sabia de um rico deposito deixado sob sua guarda, pelo barão do Cambahy, annos depois da guerra civil. Morrendo este, foi Lemos restituir logo a quem de

direito os sessenta contos de réis que lhe confiaram e de que não havia a minima menção, nos papeis do titular. — Esta nobre creatura viveu e morreu pobre.

O general Manuel Lucas, um dos proceres da mesma Republica, nomeado commandante das forças estacionadas na fronteira, pelo tempo da guerra contra Rozas, dissolvidas ellas, entrou para os cofres nacionaes com a importancia de sessenta contos de réis, que, de iniciativa propria economisara. O honrado republicano igualmente findou seus dias em extrema pobreza e, annos depois, na miseria, a sua digna consorte, D. Ignez.

Um companheiro de armas de Lucas, o illustre coronel Joaquim Pedro Soares, incumbido da compra de muares para o exercito, durante a campanha do Paraguay, recebeu para isso a quantia de quarenta contos de réis. Terminada a commissão foi restituir dez-e-seis que sobravam ao pagador de nosso governo, em Montevidéo. Recusou o funccionario, dizendo-lhe nada ter que voltar, pois a ordem recebida era de entregar-lhe aquella somma para haver os animaes que tinham sido adquiridos: *que o dinheiro não podia ser outra vez escripturado.*

Teve o digno militar de perder tempo na procura de pessoa idonea em cujas mãos depositasse os

dez-e-seis contos, o que alfim realisou, para descanço de sua escrupulosa consciencia.

Mas, demos, depois do exemplo dos grandes, o dos pequenos.

Contava o venerando Coruja que ao fazer-se o tratado de paz de 1845, havia nas prisões do Rio-de-janeiro mais de cem republicanos riograndenses. Temerosos de que alguns podessem, urgidos de necessidades, commetter qualquer acto que deslustrasse a honra de sua provincia, varios conterraneos alugaram uma casa na rua da Imperatriz, com viveres para tres mezes, onde deviam abrigar-se todos os ex-prisioneiros.

Pois no fim de quinze dias, o ultimo entregava as chaves, dizendo nada mais precisar della, por já estarem todos empregados : não consta que um só desses trilhasse outra errada senda !

Cumpre reconhecer que não só o Estado meridional cita em seus annaes destes memoraveis rasgos de probidade.

—As chronicas pernambucanas registram aquelle tão brilhante do grande Fernandes Vieira.

Antonio Telles da Silva, governador do Brazil, ordena aos *independentes* que assolem os cannaviaes da capitania, com o fito de hostilisar os hollandezes, senhores della. Vieira considera o prejuizo que ia

acarretar a violenta medida : — se anniquilla os engenhos do inimigo, destroi igualmente os nossos, de onde tantos recursos hauria a campanha libertadora. Com o designio de ganhar tempo, emquanto representava contra a fatal idéa junto do governador, propoz em conselho de officiaes que lentamente se désse cumprimento á ordem ; assim nem soffre a disciplina com a inexecução, nem de todo se pratica um injusto e errado alvitre.

Como era, porém, proprietario de muitos cannaviaes, receioso que attribuissem a impulso do interesse o que era inspiração do amor ao bem geral ; o magnanimo patriota, poupando os alheios, mandou tocar fogo ao seus !

— Derrotados os revolucionarios de 6 de Março, retiram-do Recife para o interior; na esperança ainda de constituir governo fóra da capital, levam comsigo os dinheiros do Estado. Desesperando de conseguil-o, infelizes como estavam sendo em todas as acções de guerra, combinam dispersar, para na fuga terem salvação.

E o erario publico ?

Ainda que tendo noticia das sanguinolentas scenas vingadoras do governo real no Recife, uma commissão arriscou-se a ir á cidade, pôr nas mãos do triumphador o sagrado deposito : a morte ignominiosa

lhes parecia preferivel á deshonra do desvio dos dinheiros nacionaes !

— O tenente Cachoeira, de que adiante se faz menção, senhor por uma ousada interpreza, do navio que o levava prisioneiro, precisando desembarcar no Uruguay, onde não tinha curso a moeda que possuia (um conto de réis, papel), pede ao commandante Demoly que lha trocasse por moeda ouro. O francez declara possuir quinze contos desse metal, que recebera em deposito, sendo portanto obrigado a devolvel-os intactos, mas que, como tinha que lavrar seu protesto pela violencia de que fôra victima o barco, podia Cachoeira tomar conta de toda esta somma, que elle se justificaria de tudo com a prova do acto de força que se fizera no navio.

O integro *farrapo* respondeu : « Mas isto seria proceder como um ladrão ! » accrescentando que pedia apenas o cambio do dinheiro-papel, visto precisar do outro para a travessia até o Riogrande, no que afinal acquiesceu Demoly, e, para que ficasse livre de toda suspeita a sua honrada conducta, exigiu elle que o dito commandante escrevesse fiel exposição do acontecido, publicando-a Cachoeira nas folhas contemporaneas.

Estas são as tradições republicanas no Brazil : eis os exemplos legados aos homens de 15 de Novembro.

Como quando a Patria precisa, toda despeza superflua é um crime, se considera-se a economia, em toda epoca, uma salutar e fecunda regra, nos tempos anormaes é um estricto dever.

O vigario João Cavalcanti de Albuquerque apresentando-se a 9 de Março de 1817 ao governo da Republica em Pernambuco, declara: « Pais da Patria, eu vos offereço para as urgencias desta querida Patria, toda a baixella e trastes de prata, os quaes parece me não fazerem falta: já se acham substituidos por outros de ferro e pau. » E mandou tambem todos os paramentos preciosos de sua igreja.

Bento Gonsalves, presidente e general em chefe do exercito da Republica, nas marchas por dias chuvosos, descalçava as botas para melhor as poupar: — nem por isso soffreram nunca o mais leve menoscabo as altas dignidades de que se achava investido. Joaquim Pedro vestia pobremente, repudiando o uso dos chapeados de prata nos aviamentos dos cavallos, paixão gaucha do tempo, pois dizia elle

ser inadmissivel esse luxo, na quadra em que o Estado carecia de tudo.

Chegou o rigor a ser tamanho a este respeito nas forças da revolução, que, aprisionada uma excellente banda de musica no combate do Riopardo, o chefe do exercito sitiante de Portoalegre mandou fardal-a ricamente á sua custa, e isto despertou censuras taes entre os *farrapos* (cujas vestes andavam como indica o seu nome), que o general resolveu-se a mandar a banda de musica, objecto de tanto clamor, para a capital do Estado, afastando-a das vistas dos militares republicanos.

E não era outra cousa de esperar entre homens que tudo sacrificavam pelo bem da Patria, as familias mais abastadas sujeitas ás maiores privações, fiando e tecendo, fazendo chapéus para os guerreiros, provendo do necessario as enfermarias, para os curativos dos feridos, nos incessantes combates.

Esta parcimonia é sublime virtude republicana quando a Patria é necessitosa, e, quanto aos appetites individuaes, deve ser observada em todo tempo.

A temperança antiga era a força e robustez do Riogrande. O continentista julgava-se perfeitamente nutrido com um bom e simples assado, de manhã e á tarde, refeições que completavam alguns

mattes *chimarrões*, e só! (1) Hoje... o estomago tem exigencias outrora desconhecidas, com muito prejuizo da saude e caracter de nossos patricios.

« Em que póde ser util á Patria um corpo que não é mais que um ventre, » dizia Catão, de certo sujeito. E' preciso que ninguem diga de nós o que mereceu esse triste individuo.

A probidade, finalmente, em todas as relações, privadas e publicas, em casa como fóra della, seja o norte de todo bom filho deste paiz, porque as minimas faltas dos particulares vão manchar-lhe o nome: empanam o brilho de sua gloria.

« O patriotismo sem probidade é uma chimera; e a liberdade seria um fragil edificio, se não se fundasse nas luzes e no patriotismo. »

---

(1) Veja-se em ligeira biographia que faz de Bento Gonsalves, como pinta o nobre Garibaldi a singeleza e frugalidade do general republicano: « Bento Gonsalves, verdadeiro cavalleiro andante do cyclo de Carlos Magno, irmão pelo valor, dos Oliverios e Rolandos, vigoroso, agil, leal como elles, verdadeiro centauro, governando um cavallo como nunca vi, a não ser o general Netto — modelo completo do cavalleiro, — estava ausente e em marcha, á frente de uma brigada de cavallaria, para combater Silva Tavares, que tendo transposto o S. Gonsalo, hostilisava esta parte do territorio de Piratiny, séde então do governo.

....

Achando-me desoccupado em Piratiny, pedi para fazer parte da linha de operações do S. Gonsalo, commandada pelo presidente. Foi ahi que vi pela primeira vez esse bravo e que passei

Os primeiros occidentaes que appareceram nos mares da China, não se pejaram de iniciar o trato com os indigenas, salteando povoados inermes. Até hoje pagam taes faltas os povos de raça branca, mantendo-se no Celeste imperio, sincero odio aos que conheceram como vandalos.

Os mercadores da Europa que encetaram transacções no paiz visinho do mencionado, o Japão, houveram-se com tanta deshonestidade, que gosam ali da peor fama os que se lhes seguiram; não se fia um vintem a essa gente.

---

alguns dias em sua intimidade. Era na verdade o filho dilecto da natureza, que lhe deu tudo o que faz o verdadeiro heroe.

Bento Gonsalves tinha perto de cincoenta annos quando o conheci. Alto e esbelto, montava a cavallo, como já disse, com uma graça e desembaraço admiraveis.

A' cavallo não se lhe daria mais que vinte-e-cinco annos. Valente e feliz, não hesitaria por um instante, qual um cavalleiro de Ariosto, combater um gigante, fosse elle da corpulencia de Polyphémo e tivesse a armadura de Ferraguz. Fôra um dos que primeiro lançara o grito de guerra, não com fins de ambição pessoal, mas como qualquer outro filho desse povo bellicoso.

Seu passadio no campo era o do ultimo dos habitantes das planiciés: carne assada e agua pura. No primeiro dia em que nos vimos, convidou-me para sua frugal refeição, e, conversamos com tanta familiaridade como se de há muito fossemos companheiros de infancia, e iguaes.

Com tantos dons e prendas naturaes, Bento Gonsalves foi o idolo de seus concidadãos... »

Não fosse tão errado procedimento e que maravilhosa troca de producções já existiria com o laborioso archipelago asiatico, se a alavanca do credito promovesse um mais intenso commercio!

Essa probidade que tanto recommendamos, lá iriamos aprender como se observa rectamente.

Tem o japonez na mais extraordinaria conta a sua e a reputação da Patria; o Mikado, no passaporte que expede ao emigrante, convida-o a proceder sempre conforme os dictames da honra. Os subditos do Imperio morrem de nostalgia; o mais ardente estimulo para o trabalho em terra extranha, é ganhar de modo que sem demora possam rever a propria, que tanto amam: — pois o governo lhes dicta que prefiram acabar a vida no estrangeiro, a pisar um só que seja, no solo japonez, deixando atraz de si a divida de um ceitil sequer.

Tão alta concepção dos deveres civicos, mostra-nos que naquellas remotas ilhas do extremo-oriente, se pensa com o primor de Platão e Plutarcho, sobre a felicidade e força do Estado, as quaes (dizem elles), segundo o entender de muitos, « consistem na opulencia, luxo e grandeza, » quando mais dependem « da pratica das virtudes que conservam a Republica. »

No remanso da paz o dever do cidadão é facil de distinguir, sendo penoso faltar-lhe, porque a isto obsta a opinião publica e o castigo da lei.

E' nas contendas armadas que a impunidade abre licenciosos braços a tudo e a todos; ahi, portanto, que a moral dos individuos ostenta sua baixeza ou excellencia.

— Tenha-se em taes quadras como alvo perpetuo o bem da Patria, seu prestigio e gloria.

Quando de nós dependa escolher entre dois alvitres, ambos patrioticos, um delles, porém, mais humano ou mais digno do que o outro, seja aquelle preferido sem hesitações.

Agir assim é acertar sempre.

Sabedor dos espantosos massacres executados pelos rebeldes da Vandéa, Carnot escreve ao commandante de Cherburgo, inspirando-lhe a conducta a seguir, e temos ahi traçada a que convem que observe todo republicano, em situações analogas:

« O meio de acalmar esses bandidos, cidadão general, é estabelecer a disciplina mais rigorosa,

fazer que se respeite a vida, os bens, os costumes e até as fraquezas dos cidadãos, dispondo-os a amar a Revolução...

Fazei respeitar as choupanas, os infelizes, as mulheres, as crianças, os velhos...

Vejam em vós os povos os seus libertadores.

Cumpre que seja temido o nome francez, não odiado! »

Pondo em pratica esta fecunda politica, o grande Hoche mostrou aos rebeldes que a Republica, assim como era capaz da mais severa das repressões, podendo realisal-a com terrivel efficacia, estava disposta a conceder aos transviados filhos da França, generosa misericordia: as garantias offerecidas aos que reentrassem pacificamente nos lares, bem o mostrava quanto eram serias o actual respeito das tropas, para com todos os cidadãos que permaneciam tranquillos.

....

Mas não julgue o guerreiro que, com o estricto cumprimento do dever civico, tem feito tudo o que a terra natal lhe merece. E' preciso mostrar nisso o maximo esforço possivel, a maxima tenacidade.

Se vencido, seja o maior empenho de cada um cair com o mais alto brilho para a sua bandeira.

Leia-se a linguagem do forte, num episodio de Ossian :

« Esforça-te, filho, em continuar a gloria de teus pais : lança-te no campo de batalha como a aguia nos ares.

Porque temerás morrer ?

— Tombem os bravos combatendo ou seu broquel repilla os arremessos da morte, a fama vota o nome de uns e outros á veneração dos seculos por vir.

Não vês, Gaul, quanto minha velhice é cumulada de honras ?

— Se Morni apparece, os jovens guerreiros param ; contemplam-no com admiração : olhos fitos nelle o seguem em silencio, com um respeito em que se mescla o orgulho.

E' que jamais, filho meu, fugi ao perigo ; minha espada triumphou nos combates : o estrangeiro desapparecia diante de mim e só o aspecto de teu pai punha por terra o inimigo ! »

— Dispersa por surpreza a escolta do general Netto, em 1840, quando seguia rumo do Camaquã, e perseguido de perto o seu secretario, depois ministro da Republica, major Luiz Barreto, gritou-lhe um dos *caramurús* que mais se lhe avisinhavam com a ponta da lança : « Entrega as armas, *farrapo* ! »

« Vem tomal-as ! » respondeu-lhe serenamente o republicano.

Com esta corajosa calma, foi livrando-se como poude, dos outros; alcança o proximo arroio, onde a nado se atira com o brioso cavallo que montava, salvando-se honrosamente, para prestar ainda inestimaveis serviços á boa causa.

Provou-se mais uma vez assim que é de grande acerto a sentença de Homero:

« A morte mais poupa do que ceifa, os guerreiros que a não temem; e para os fugidiços, não ha nem força, nem gloria. »

E cumpre assignalar aqui: não se cuide esteja o merito só em vencer.

— Pausanias, vaticinando-se-lhe a derrota dos seus e crendo no vaticinio, não se julga desmerecido por isto; o que roga aos deuses, « com o rosto em lagrimas, » é passar com honra pelo amargo transe: « Se não está na ordem dos destinos que os gregos sejam os vencedores, ao menos não pereçam senão depois de terem vendido caramente a vida, e mostrado aos inimigos, por acções dignas de memoria, que vieram fazer guerra a homens valentes e experimentados nos combates ! »

O genial Hoche teve um revez na carreira triumphadora. Carnot escreveu-lhe: « Um revez não

é um crime, quando tudo se fez para merecer a victoria. Não é pelos acontecimentos que julgamos os homens, mas por seus esforços e coragem. O que queremos é que se não desespere da salvação da Patria... Nossa confiança em ti continúa, cidadão general: reune tuas forças, marcha, e dispersa as hordas realistas... »

Diz a Historia, em fulgentes paginas, que fez depois pela França o sublime soldado !... E' que « a gloria póde sobreviver a uma derrota. O Sol occulta ás vezes os raios em uma nuvem do meio-dia, mas logo ostenta de novo todos seus esplendores, sobre as verdes collinas. »

Se o patriota é infeliz e cai prisioneiro, tudo faça por voltar á lucta, e sendo impossivel, anime-a de longe que seja, com a constancia de ininterrupto amor. — Assim faziam os riograndenses da grande época.

— Os tenentes *farrapos* Cachoeira e Chaves, prisioneiros dos imperiaes no combate do Iruhy, depois de purgarem um anno de prisão nas fortalezas

da Côrte, seguem na companhia de mais vinte republicanos para o Maranhão, escoltados em navio mercante, do commando do francez Demoly, com destino a um corpo de linha estacionado na provincia, em o qual seriam incluidos como simples praças.

Não podiam conformar-se com o exilio os homens de então: longe da Patria e ella tanto precisando do devotamento dos seus, isso nunca! pensaram elles.

Cachoeira tinha nalma o destemor necessario nas arriscadas emprezas; incita os correligionarios, Chaves o auxilia, e em viagem concerta-se o levante.

Falta, porém, o essencial para o tentamen: faltam as indispensaveis armas, para a lucta corpo a corpo, no tombadilho...

Tudo supre o valor: servem para o projectado golpe as muitas achas de lenha, abundantes a bordo, a tempo e com vigor manejadas.

Corria o barco serenamente no vario oceano, descuidosa a guarnição, quando Cachoeira grita: «Vamos!» e veloz como um tigre, precipita-se impetuosamente sobre o chefe da força. Imitam a rapidez do ataque Chaves e os outros: num abrir e fechar de olhos, a escolta é subjugada!

Desarmam-na, e, livres, obrigam Demoly a velejar para Maldonado, onde desembarcam, cruzam sem

demora a campanha oriental e animados do ardente patriotismo que inspirara a atrevida façanha, vão jubilosos apresentar-se ás autoridades riograndenses.

— Bento Gonsalves foge á nado e com grande risco das prisões da Bahia. O mesmo fazem Onofre e Côrte-Real no Rio-de-janeiro. Por differentes meios além desses, escapam todos os que podem da cidade referida e de Portoalegre, apressados em voltar ás armas, os constantes e fieis republicanos.

— Pedro Boticario, menos feliz que elles, não logrou nunca ver-se livre assim, mas nem as agruras dos calabouços do Brum, no longinquo Pernambuco amorteceram-lhe o ardor social e enthusiasmo pela idéa nova. Do fundo do carcere, enviava aos antigos companheiros de jornada revolucionaria, hymnos ao memoravel 20 de Setembro, que a saudade lhe inspirara.

— Hoche injustamente preso como suspeito á Republica, da propria masmorra dá provas do exuberante civismo que o abrasa, suggerindo salvadores planos de guerra ao proprio governo que tentava infamal-o.

Mas esse governo era o da Revolução... Portanto, mau grado seus erros a respeito do immaculado patriota, elle não se julgava com o direito de negar-lhe aquella efficaz e gloriosa collaboração.

— As matronas paulistas do periodo colonial, avistando de regresso seus maridos e filhos, que retiravam, depois de batidos pelos *emboabas*, negaram-se a recebel-os, protestando jámais admittil-os juncto de si, emquanto se não desforrassem, — o que os fez voltar de novo sobre os triumphadores, affrontal-os corajosamente, inflingindo-lhes total derrota.

Observai o que praticaram os riograndenses em 1845.

Bateram-se até a derradeira extremidade; quando lhes não era mais possivel procrastinar a guerra com infallivel exito, conquistam uma paz honrosissima, que foi o tacito reconhecimento de sua obra, — dessa gloriosa Republica que o governo monarchico apparentava não tomar a serio e com a qual depois negociava!

Ahi estão os artigos do Tratado com o Imperio, em que todas as vantagens exigidas por uma das partes contractantes (os directores da revolução) foram admittidas pela outra, para attestar diante da Posteridade, que nossos campanhistas não sabiam ceder sem honra.

« E' preciso caír de pé, » advertia S. Cyrano: assim caíu a Republica riograndense, predecessora illustre da actual.

Saiba esta sempre marchar na integerrima senda que a primeira trilhou!

Vencedor o filho desta terra magnanima, a humanidade ha de ser o sentimento que ouça, jámais a cabiça dos despojos fazendo esquecer o que deve a si mesmo e á honra do paiz.

O poeta da Caledonia põe na bocca de seu pai estas palavras: « Ossian, sê terrivel como a tempestade no meio do combate, mas detem o ferro sobre o inmigo que tombou a teus pés. A esta conducta devo toda a minha gloria. Cuida, ó filho, de assemelhar-te ao chefe de Selma. Quando o guerreiro arrogante penetrava em meu palacio, nem me dignava de pôr-lhe os olhos em cima, um momento que fosse; estendia, porém, a mão bemfazeja aos desgraçados, e minha espada saíu sempre da bainha, quando o fraco e o opprimido imploravam seu apoio.»

Territorio ha neste vasto paiz, onde os naturaes não precisam de semelhantes conselhos: era esse o proceder de todos.

Na historia da Republica riograndense — livro de portentosos exemplos — temos entre innumeros,

tres bem significativos, que mostram como se observava antigamente o preceito moral aqui preconisado: exemplos que merecem por certo a imitação de contemporaneos e vindouros. (1)

---

(1) Poderá, talvez, parecer a muitos que o amor patrio excede-se aqui nos louvores ao berço natal. Leia-se, porém, o que diz um laureado estrangeiro, ao ex-ministro da Republica riograndense, sobre essa terra illustre.

E' uma gloriosa creatura de eleição, dos humbraes da immortalidade adiantando os juizos da Historia.

« J. Garibaldi a Domingos José de Almeida.

Modena, 10 de Setembro de 1859.

Meu estimadissimo amigo.

Quando eu penso no Riogrande, nessa bella e cara provincia; quando penso no acolhimento, com que fui recebido no gremio de suas familias, onde fui considerado filho; quando me lembro das minhas primeiras campanhas entre os vossos valorosos concidadãos, e dos sublimes exemplos de amor patrio e de abnegação que delles recebi; eu fico verdadeiramente commovido!

E... esse passado de minha vida se imprime em minha memoria como alguma cousa de sobrenatural, de magico... de verdadeiramente romantico!

Eu vi corpos de tropas mais numerosos, batalhas mais disputadas; mas nunca vi em nenhuma parte homens mais valentes, nem cavalleiros mais brilhantes que os da bella cavallaria riograndense, em cujas filas principiei a desprezar o perigo e a combater dignamente pela causa sagrada das nações!

Quantas vezes eu fui tentado de patentear ao Mundo os feitos assombrosos, que vi effectuar por essa viril e destemida gente, que sustentou por mais de nove annos, contra um poderoso Imperio, a mais encarniçada e gloriosa lucta!

Não tenho escripto semelhante prodigio pela carencia de habilitações; a meus companheiros de armas por mais de uma vez, porém, tenho commemorado tanta bravura nos combates,

— Canabarro vendo um dia ficar em sua frente, immovel de pavor, certo soldado a quem ia matar no meio da refrega, gritou-lhe mostrando um caminho ali perto: « Fuja por aquella *canhada*, amigo! »

No fragor da peleja o ia acommetter; humilhado assim, o braço se lhe deteve, — que não era para fracos aquelle braço herculeo!

— Antero de Brito, presidente da provincia, decidido a pacifical-a a todo transe, mandou perseguir os republicanos *como a feras*. Prisioneiro

---

quanta generosidade na victoria; tanta hospitalidade, quanto afago aos estrangeiros, e... a commoção que minha alma, então ainda joven, sentia na presença e na magestade de vossas florestas... da formosura de vossas campinas... dos viris e cavalheirescos exercicios de vossa juventude corajosa; e, repassando pela memoria as vicissitudes de minha vida entre vós, em seis annos de activissima guerra e da pratica constante de acções magnanimas... como em delirio, brado: «Onde estarão agora esses bellicosos filhos do Continente, tão magestosamente terriveis nas batalhas? Onde Bento Gonsalves, Netto, Canabarro, Teixeira, e tantos valorosos que não lembro?!... »

Oh! quantas vezes tenho desejado nestes campos italianos um só esquadrão de vossos centauros, avezados a carregar uma massa de infantaria com o mesmo desembaraço com que o fazem a uma ponta de gado!...

Onde se acham elles?

Que o Rio Grande atteste com uma modesta lapide o sitio em que descançam os seus ossos! e que as vossas bellissimas moças cubram de flores esses santuarios de vossas glorias, é o que ardentemente desejo. — *José Garibaldi*. »

delles em seguida, foi alvo de taes attenções, que, livre depois e administrando Santa Catharina, escreveu ao chefe revolucionario antes nomeado, offerecendo seus serviços e assegurando-lhe que *em qualquer tempo, estaria sempre disposto a ser agradavel aos liberaes riograndenses.*

— Amaral Ferrador aprisionou, nas Dores, varios *caramurús,* resolvendo mandal-os fuzilar por motivo hoje ignorado, mas que devia ser poderoso, attentos os raros casos de tal severidade. Ia a ordem executar-se, quando os incumbidos do castigo descobrem que um dos condemnados trazia um cinto recheiado de onças de ouro, sendo logo prevenido o chefe da força.

Não se demorou a contra-ordem: « Soltem-nos; não quero que se diga que os republicanos os mataram para roubar. »

Jámais o cidadão consinta que o estrangeiro melindre sequer o paiz, quanto mais humilhal-o. Se é ameaçado de affronta extranha, antes de tudo

cumpre correr ás armas, por amparal-o e soccorrel-o: o bom cidadão é o escudo de sua Patria.

Esqueçam-se divisões civis, odios particulares, interesses individuaes, se alguem ousa ser-lhe hostil, e nesses instantes nunca se pense na pujança do adversario.

« A coragem do povo é o fundamento da grandeza de um Estado. »

Nada poderá o maior numero diante da resoluta decisão de tudo sacrificarmos em defeza do solo sagrado que nos viu nascer. Este é o segredo de inconcebiveis victorias que a Historia assombrada registra.

Não vale a covarde allegação de estar-se desprovido para a lucta, depois da lição mexicana.

Lycurgo dizia: « Não imagineis que uma cidade não tem muralhas quando em lugar de pedras, tem ella em torno de si, homens valentes, determinados a defendel-a. »

A autonomia e liberdade da Patria, sem nenhum desmaio, mereçam os mais mimosos desvellos. Para nós principalmente, homens do sul, este é o ensino das gloriosas tradições conhecidas desde o berço: a mais fina homenagem que nos é licito render a immortaes antepassados, cujo anhelo de engrandecimento da terra natal foi tão alto, que sonharam

um lugar distincto entre as nações para o Continente, de quem diziam ufanos, suppondo-se já para sempre divorciados das demais provincias: «O Brazil é dos brazileiros... E esta Patria querida é dos riograndenses. A natureza, topographia e fertilidade de seu solo, riqueza e caracter de seus habitantes, sobejamente garantem a independencia e liberdade que juraram!»

O mais tenue signal de aggressão aos foros já conquistados, seja o de vigilante alerta para nós: o minimo attentado ponha toda a communidade em armas, — e nada de ceder, nem transigir, nem descançar...

> Tregua? Jamás! ó vencimiento ó muerte;
> Que nunca fatigó, ni impuso miedo
> Contínua guerra al corazon del fuerte,
> Ni abatió de su espirito el denuedo!

Finalmente, ponha o bom cidadão o maior apuro na lealdade para com seu paiz.

Faltar-lhe, nunca!

Jámais esmorecer em seu serviço: bons para nós ou ingratos os directores que tenha, feliz ou desditosa, vencedora ou vencida, —que importa isso a corações amantes?!

« O melhor dos augurios é combater pela Patria,» dissemos que sentenciou Homero.

Sim, por ella sempre! Tanto nas lides da guerra, como nas da paz, que é tão fecunda e doce aos mortaes!

Este sentimento da lealdade para com a Patria gera no coração dos homens bem formados, as mais raras virtudes e os guia ás mais peregrinas acções.

Vêde estas com que encerramos o capitulo presente, modelos de formosissima grandeza moral.

E' a primeira a do indio Jaguarary, tio do benemerito Antonio Felippe Camarão.

Apresentou-se aos nossos para combater os invasores; quando nos tomaram a Bahia, passou ao campo delles com o fito de haver o filho e a mulher, á mercê ali do inimigo, desde que se apossara da cidade. Conseguido o intento, volta pressuroso aos arraiaes dos portuguezes.

Accusam-no estes de infiel. Justifica-se, mostrando as causas da apparente deslealdade.

Com amargura vê a rasoavel escusa repellida. Separado dos entes mais caros, o erro dos homens o precipita em negro calabouço, onde geme oito annos no mais duro captiveiro.

Por fim, chega o termo do doloroso martyrio: abrem-lhe a masmorra. Mas... não avista os ingratos alliados, que, reconhecendo alfim o infando erro, restituem o preso ao lar saudoso?

São os hollandezes os libertadores, — os hollandezes que sempre guerreara!

O resentimento em almas vulgares que fizera? a propria gratidão?!

Em Jaguarary menos podem as maguas que a pura lealdade, o apêgo á terra natal: o reconhecimento que julga dever-lhe, sobrepuja outro qualquer.

Voa de entre os batavos, congrega os da sua raça: vai de novo servir aos injustos julgadores, maravilhados agora de tanta fidalguia no rude coração de um indio havia pouco civilisado, e presta-lhes os inestimaveis serviços que a nossa historia aponta, rememorando os feitos de Simão Soares, nome que Jaguarary adoptou ao baptisar-se!

— Ao lado de tão formoso exemplo, admire-se este outro, em que figura tambem um brazileiro, o tenente França, natural da Bahia, pertencente ao exercito portuguez, quando se deu a invasão franceza. Abandonado Portugal pelo rei, nobreza e clero, attonito o povo, sem ter quem o dirija, o general de Bonaparte ordena o desarmamento das forças nacionaes.

O brioso militar sente como ninguem aquella humilhação.

Indignado, quebra a espada sobre o tumulo do grande Affonso Henriques, compondo ahi estes inflammados versos:

A teus pés, fundador da monarchia,
Vai ser a lusa gente desarmada.
Rende hoje á traição a forte espada
Que jámais se rendeu á valentia.

Oh, rei! Se minha dor, minha agonia,
Penetrar póde sepulchral morada,
Arromba a campa, e com a mão mirrada,
Surge a vingar a affronta deste dia.

Eu, fiel, qual te foi, Moniz, teu pagem,
Fiel sempre serei; grata esperança
Me sopra o fogo de immortal coragem.

E o pranto que a teus pés minha dor lança,
Recebe-o, grande rei, por vassallagem,
Aceita-o em protesto de vingança!...

Agora é a Biblia, em sua linguagem singela, e por vezes tão magestosa, que nos recorda um bello rasgo de patriotismo.

Nehemias tem uma condição ditosa na côrte da Persia: é copeiro querido de Artaxerxes. Todavia, a melancolica lembrança da Patria destruida tortura a alma do nobre judeu. Sua fronte meditativa traduz um dia estas secretas cogitações. O rei o vê abatido chegar á sua presença, para o cumprimento dos deveres habituaes: «Porque está triste o teu rosto, se te não vejo doente? Isto não é sem causa; que mal não sei faz padecer teu coração.»

Cheio de temor, Nehemias responde: «Como não ha de estar o meu rosto amargurado, se a Cidade que é a casa dos sepulchros de meus pais está deserta, devoradas pelo fogo as suas portas?» — E Artaxerxes: «Que me queres pedir?» — «Se é do agrado do rei e se este servo é acceito em tua presença, peço-te que me mandes á Judéa, á Cidade dos sepulchros de meus pais e eu a reedificarei.»

E assim o fez o illustre patriota! Reuniu carinhosamente o rebanho tresmalhado de Moysés, incutiu-lhe no espirito os seus grandes designios, poz na alma dos notaveis israelitas, como do commum das tribus, o ardor pela santa empreza.

Foi espectaculo grandioso ver esses homens dispersos por todos os termos de vastissimo Imperio, acudindo ao sagrado appello, abandonando moradas, negocios, intransportaveis haveres, para o resurgimento da Patria: o milagre de Nehemias, o escanção do rei!

Era tambem immensa, incommensuravel a saudade que tinham daquelle venerado canto do Mundo. Desde quando cantavam, perdida toda esperança de voltar:

«Juncto dos rios de Babylonia, ali todos assentados, ficamos a chorar, lembrando-nos de Sião.

« Nos salgueiros que ha no meio delles, penduramos nossas harpas, ao nos pedirem palavras de canções quem nos levava captivos: — Cantai-nos um hymno dos canticos de Sião.

« Como cantar o cantico do Senhor em terra alheia?

« Se me esquecer de ti, Jerusalem, a esquecimento seja entregue o meu flanco direito. Fique-me a lingua pegada, se me não lembrar de ti: se me não propuzer a Jerusalem, como principal objecto de minha alegria! »

Mas eis aqui um quadro em que Homero nos pinta o summo patriotismo:

Heitor, depois de um desses mil combates terriveis em que a cada minuto arrisca sua vida por Troya e a de um inimigo corta, Heitor vai descançar os olhos fatigados do sangue, no mimoso Astianax, em quem se revê: deleita-os na visão do filho querido, de sua amada companheira.

Andromaca, em pathetica exhortação, quanto lhe exprobra o muito que se expõe:

« Cruel, perder-te-á o teu proprio valor; não tens piedade de teu filho inda no berço, de mim infortunada, viuva muito breve, pois não tardarão a matar-te os gregos, atacando-te todos juntamente. E perdendo-te, melhor me fôra desapparecer para

sempre! Nenhuma outra alegria para mim quando o destino marcar tua hora; não tenho mais pai, nem minha augusta mãi!

O divino Achylles, depois de haver devastado a celebre cidade dos Cilicios, Thebas de soberbas portas, matou meu pai... Lá tinha eu sete irmãos; todos em um só dia precipitados nas trevas da morte. O impetuoso Achylles immolou-os, ao tempo que guardavam nosso gado, nossas brancas ovelhas.

E minha mãi, que reinava em Hypoplacia, terra de sombrosas florestas, elle a conduziu aqui, com seus despojos. Só a entregou mediante infinitos presentes, e já succumbiu tambem, no palacio paterno.

Heitor, tudo me és tu, meu pai, minha veneravel mãi, meu irmão e meu joven esposo. Apieda-te de Andromaca, defende-te do alto de nossas torres, não deixes orphão teu filho, viuva a tua companheira! »

O sublime heroe, o magnanimo Heitor responde nestes termos: «Mulher, teus cuidados são os meus; mas, eu coraria diante dos troyanos e do longo veu das troyanas, se, como um covarde, evitasse os combates. Depois, minha alma a isto se recusa. Não aprendi a agir como um bravo, combater nas primeiras filas, para conservar a gloria de meu pai e a minha propria?

Entretanto, meu coração, minha razão, me o dizem: dia virá em que succumbirão a santa Ilio, Priamo e o povo do bellicoso Priamo! »

No primeiro exemplo, uma alma ingenua vota ardente amor á Patria e em nome della é infamado e perseguido: mais um motivo para redobrar de dedicação! E' o filho repellido que volta e insiste por merecer a confiança de sua mãi, com testemunhos de puro amor, mais extraordinarios do que esses prodigalisados antes. O patriotismo aqui é de finissima e pura nobreza.

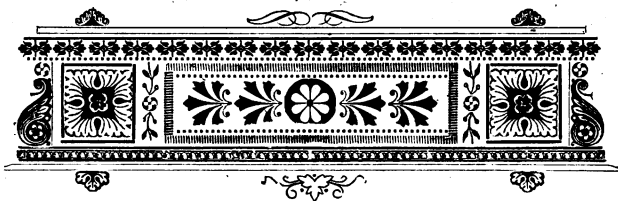
Mas, no segundo, extrema-se o amor: não é a uma Patria cercada do apoio de muitos que a fidelidade se manifesta: é uma Patria orpham de affectos, abandonada de todos, varejada pela soldadesca estrangeira. Ainda assim o amantissimo cidadão lhe jura a mais constante lealdade: protesta solemnemente vingal-a.

Em Nehemias, sobe mais ainda o amor: já não existe a Patria e a fidelidade tenaz e firme do hebreu é sempre vívida. O fausto de uma côrte asiatica lhe não faz esquecer os desolados muros da extincta Jerusalem. O enthusiastico, vibrante patriotismo do egregio varão pretende dar vida á ruina, soprar alentos em immensos destroços, reanimar a solidão... E, todavia, o portento se consumma!

Homero, porém, retraça na scena inegualavel, a perfeição no amor da Patria.

Heitor o diz, o reconhece: sua obra é vã, esforço inutil aquella valorosa defeza de Troya: nada lhe póde valer, porque suas horas estão marcadas.

E' a mais sublime expressão do amor da Patria: ainda que condemnada, tudo intenta pôr desviar o fatal destino: dá-lhe, até o ultimo suspiro as mais raras provas de amor, em lances de sobrehumano heroismo!

Ficção ou realidade, tem o civismo assim um esplendor divino!

O GOVERNO

CAPITULO SEGUNDO

I

NA ordem politica, o governo é a garantia de nosso bem-estar, publico e privado. E' a entidade superior que, no seio da Patria, ampara o lar, escuda as relações sociaes, firma a paz, sem a qual não ha o necessario desenvolvimento das artes, sciencias e industrias: sobretudo, é o sublime baluarte da honra nacional.

Paiz em que o governo é fraco e não gosa do preciso respeito, decai arruinado; é presa do estrangeiro, mais cedo ou mais tarde.

Assim succedeu á culpada quão inditosa Polonia. Exageradamente ciosos da liberdade, viviam

ali os nacionaes em guerra continua com o poder publico: debilitando-se cada dia mais o Estado, acabou o paiz na escravidão russa, — triste e logico fim daquella dissolvente anarchia.

Liberdade sim, mas bem entendida: nunca seja firmada em detrimento do prestigio e força essenciaes á autoridade, que, de facto é o mais forte esteio della.

Como os reis se haviam tornado tyrannicos, uma errada idéa inclinou os homens na idade moderna, não a privarem o poder das attribuições que lhe facilitam os abusos, mas a tentarem supprimir as proprias funcções do governo.

Que diriamos do camponio que possuindo um carro de difficil e perigosa tracção, pelo enorme peso, lhe adelgaçasse tanto as varias peças, que afinal não pudesse supportar nenhuma carga? — Rindo-nos da ignorancia da rude creatura, conviriamos que tornou o vehiculo improprio para o seu fim.

Pois o que pretendem certos politicos de hoje, quanto ao Estado, é fazer cousa semelhante: apoucal-o tanto, que se torne incapaz para o papel que lhe cabe na evolução social.

« Grandes funcções exigem grandes forças, » e aos que pensam com um differente criterio, podiamos dizer aquella espirituosa phrase de Anaxa-

goras: « Pericles, quem precisa da luz de uma lampada, cuida de lhe pôr azeite. »

Bem junto de nós tivemos um nitido quadro da anarchia. E' de proveito relembral-o, para que nossos patricios tenham presente as preciosas vantagens de um governo regular, sufficientemente energico, digno emfim de tal nome.

Desmantelada a Republica, imperava o bacamarte de ponta a ponta do Uruguay: o latrocinio era regra; o assassinato, prazer; a violencia, lei, — infernal orgia, parecendo reproduzir num canto da America as pavorosas scenas da primitiva ferocidade.

Qual de vós, riograndenses, qual de vós, filhos de outras zonas do Brazil que ides viver ali nas hospitaleiras plagas fronteiriças, não ouviu, transido de pavor, as narrativas sanguinolentas do que se passava no visinho Estado oriental? A degolla horripilante, o assalto aos lares aterrados, a profanação das donzellas, o destruidor incendio, a satisfação dos mais brutaes instinctos, encarniçados contra aquella mesquinha sociedade, que dava ao Mundo em pleno seculo XIX o extranho espectaculo de uma nova irrupção de barbaros, peores do que os antigos: com os refinamentos malvados de uma civilisação corrupta, qual a do nosso tempo? —

Pois esse nobre paiz afundou-se em tão baixa miseria, porque não tinha governo!

Vêde nosso Brazil. Porque decaíu? Por nos não assegurar liberdade o regimen extincto? — Não: ainda que incompleta, era grande a de que gosavamos.

Decaíu, porque o imperador deixava correr tudo á revelia, a licença acabando por impossibilitar toda séria administração.

Em total desprestigio os representantes da auctoridade nacional, desde o delegado de policia ao monarcha; não se sentiu mais em nada a benefica mão forte do governo: a anarchia tomou azas e desencadeiou seus males sobre este paiz. Perdidas assim as noções do respeito social, audaz grupo um dia insurge-se, e róla em pedaços a altiva coroa mal guardada.

Severo exemplo!

Não aproveitou elle aos herdeiros da monarchia. Fundaram um governo imperfeito, origem das desordens da Republica, que nos puzeram a dois dedos do abysmo, a cuja borda, incerto, se tem de pé o Brazil enfraquecido!

DEVERES PARA COM O GOVERNO

II

O primeiro dever para com o governo é obedecer-lhe voluntariamente, dentro dos limites marcados em lei. Mas, obedecer-lhe sem constrangimento de especie alguma e antes com aquelle benevolente respeito de que usavam nossos antepassados: — com orgulho de o reverenciar, pois é elle a representação suprema da Patria estremecida.

Para isto, não procuremos lições no presente, que é quanto a este ponto muito desavergonhado, na realidade; e sim, entre os antigos.

Acatar o governo e ser-lhe subordinado com a nobre boa vontade, sem subserviencia, de nossos avós portuguezes, dos bons tempos. O mais poderoso

fidalgo, e o mais humilde plebeu, nunca se sentiram desairados em dar provas de digna submissão ao rei, representante nessa época dos altos poderes da nacionalidade: antes lhe prodigalisavam continuas e sobejas mostras de profunda veneração.

Este respeito exhibia-se com realce, não só nas manifestações externas de publica e visivel deferencia, como no intimo pendor de todos, sempre pressurosos em cumprir suas ordens, — deferencia que nunca impediu os austeros varões lusitanos de pôrem o pé adiante do monarcha, se exhorbitava: opposição quasi sempre bem premiada, nobremente desistindo este.

Na Republica riograndense, oriunda de uma geração assim educada, as auctoridades gosavam de um prestigio raro em governo tão inconsistente, como os que dependem do directo voto do povo. Quando a insubordinação logrou medrar, a Republica prestes caminhou para seu fim!...

« Alguem dizendo que Lacedemonia subsistia porque tinha reis que sabiam commandar, um delles, Theopompo, retorquiu: *Mas antes porque tem cidadãos que sabem obedecer*. Pois que, accrescenta Plutarcho, os povos que sabem devidamente commandar, são só aquelles que sabem devidamente obedecer. »

Hoje é de moda affectar desprezo pelo governo, ostentando uma revel independencia. Estude-se, porém, o que se agita no fundo de tal sentimento, e ver-se-á que, geralmente, não é elle o fructo dos mais puros estimulos e sim dos impulsos grosseiros do orgulho ou da vaidade, insatisfeitos e incontinentes.

Sobe ao poder um homem de bem e é logo amarrado ao pelourinho diffamador.

Nada se lhe perdoa, e, personagens que apertam a mão e aceitam o braço de verdadeiros salteadores (porque os ajudam nas guerrilhas e manejos partidarios), taxam de vis infamias as menores faltas do governante, de ignobil servilismo, a minima aproximação ao *grande criminoso*, ainda que seja com o fito de collaborar em um consideravel beneficio social.

Marcellus, o grande Marcellus, depois de tomar á viva força Syracusa, regressa a Roma, coberto de louros. Os habitantes da cidade expugnada mandam uma commissão accusal-o de abusos, na conquista que fizera.

Bem podia o senado desprezar imputações talvez interesseiras, buscando por despeito marear a gloria daquelle triumpho... Mas, não. Roma é severa; quer conhecer a conducta de seus generaes: dá o governo audiencia aos embaixadores syracusanos.

Marcellus está presente; depois de com modestia fazer um discurso de defeza, passa a presidencia do senado ao outro consul, retira-se do recinto e vai docilmente esperar á porta, a sentença que se pronunciaria logo que fossem ouvidos os queixosos, e isto faz sem manifestar colera alguma contra estes, nem resentimentos contra o senado.

Quem entre nós daria este exemplo de cordura e respeito?

E' um escandaloso vozear contra os directores do paiz que mais nos agrada, quando a boa comprehensão das conveniencias sociaes aconselha que acatemos até mesmo o governo que haja tido uma origem impura ou illegal, desde que aquelle que o exercita se esforce por bem servir á nação: que toleremos quanto possivel, se erra ou mostra incomprehensão do papel que lhe incumbe, mal sempre muito preferivel aos esforços empregados em desalojal-o do lugar, ou aos horrores de uma lucta civil, — tanto mais que, no geral dos casos, o tirocinio governativo vem a tornal-o apto, com a experiencia adquirida.

Só quando uma incuravel perversão moral, felizmente rarissima, ou uma absoluta incapacidade, inclinal-o para a tyrannia ou puzer em perigo sem remedio o Estado, — só nessas hypotheses, é licito

ao patriota derimir o conflicto por meio das armas, isto mesmo depois que tenha esgotado todos os expedientes capazes de afastar o inepto ou ver se o que pecca inspira-se de novo no bem publico, o que muitas vezes se consegue.

Ingram, espirito conservador e progressista, confessando em palestra com o genial philosopho republicano do seculo, que «apesar de sua convicção da nullidade das escolas e partidos revolucionarios, ainda por vezes sentia os instinctos revolucionarios levantarem-se dentro de si,» ponderou o incomparavel pensador: «Não deveis surprehender-vos com isso; eu mesmo os sinto ainda em mim de quando em quando. Mas, nunca esperei muito dos movimentos insurreccionaes. Sempre tenho dito: *Tomai cuidado, senhores, o desfecho delles pode deixar-vos em peor situação do que aquella em que vos achais agora.*»

Na propria lucta contra os abusos do poder, a reacção popular deve ser comedida: nunca intentará desde logo deitar abaixo o governo existente. Se diante da firmeza de alguns ou de uma formal intimação da communidade sublevada, recusa pôr-se dentro da lei, desde ahi corre por sua conta a responsabilidade do que depois vier a succeder.

Haja, porém, o cavalheirismo de poupar humilhações á auctoridade e sempre encontraremos

formula apropriada para uma digna transacção, sacrificando cada qual um pouco de suas exigencias, nas aras da Patria.

Exemplos memoraveis encontramos nas chronicas portuguezas e nas nossas.

Entre outros, meditemos estes:

Sabe-se que o rei de Portugal mandou abandonar aos hollandezes « a campanha de Pernambuco, » que os *independentes* defendiam com subida galhardia.

« Lidas as ordens, não houve coração que o pasmo não deixasse indifferente, entre a obediencia e a isempção. João Fernandes Vieira, respeitando muito as determinações de sua magestade, disse que elle estava convencido que El-rei não estava bem informado dos progressos que nossas armas haviam feito; que era impossivel que elle abandonasse á crueldade e tyrannia de seus inimigos tantos milhares de vassallos; ponderou que havia casos em que os decretos dos reis eram condicionaes, e concluiu dizendo: Assim quê me parece repliquemos a sua magestade, com a informação do estado das cousas, e dos inconvenientes que traz comsigo esta resolução, continuando com a guerra na fórma presente até nova ordem sua. E dado caso que confirme seu dictame, digo que não hei de largar empreza, tanto do serviço de Deus, e dum principe tão catholico, como

é libertar milhares e milhares dalmas da morte temporal e eterna, certos na sujeição ao dominio da heresia e do aborrecimento. Este é o meu voto, e meu parecer; cada qual siga o que lhe dictar sua razão, e não sua conveniencia. »

Apreciemos a este respeito a fecunda lição do grande Tacito:

« E' habitual em a natureza do homem o odiar elle a quem o offendeu; e a colera de Domiciano, facil de inflammar-se, era tanto mais implacavel, quanto mais a escondia. Comtudo, mitigavam-na a prudencia e moderação de Agricola; ambas muito oppostas a esse espirito de resistencia e dessa vã ostentação de liberdade, que, cubiçando renome, affrontam o destino.

Saibam os admiradores de tudo que ousa arrostar o poder, que, até mesmo sob maus principes, apparecem grandes homens, e que a deferencia e a submissão, se acompanhadas de talento e vigor, tanto conduzem á gloria, como essa temeridade que, sem fructo para a Republica, se precipita atravez dos abysmos e parece disputar a honra de uma estrepitosa morte. »

Não se deve limitar, porém, a uma passiva obediencia o concurso dos cidadãos: deve ser acompanhado de uma activa collaboração.

Se um delles occupa um posto qualquer, deverá não só honral-o, cumprindo fielmente suas obrigações, como pressurosamente esforçar-se por exceder ao que ellas lhe impõem: praticar em summa tudo que esteja a seu alcance, para o bom andamento da machina administrativa.

Se é simples particular, compenetre-se de que no organismo social *tudo concorre* para a marcha do conjuncto, e que, portanto, se procede bem, se trabalha prestimosamente, se coopera nos limites de sua efficacia para que seja regular o movimento da communidade, — presta tão bons serviços á Patria, como o mais graduado e magestoso funccionario.

Diligente observancia do dever, mais ainda do que mandam as leis, — é o grande meio de contribuir, sem falta nenhuma, para o bem-estar da Patria.

Alguns exemplos esclarecem melhor este preceito.

Se encararmos as cousas que se relacionam com a publica economia, basta que mostremos quanto a solução do temeroso problema financeiro depende dos particulares. Por muito poupado que seja o governo, se dermos para gastar loucamente os generos estrangeiros, sem augmento dos productos de nosso trabalho, com que os pagamos, o cambio cada vez baixará mais, e, dahi cada vez tambem tornar-se mais difficil ao Estado o satisfazer os compromissos nacionaes. A rasão é esta: se exportarmos tantos valores quantos os que importamos, o cambio estará ao par; se importarmos mais do que exportamos, teremos que pagar a differença em moeda corrente nós paizes com que commerciamos, que é o dinheiro ouro. Ora, este, como qualquer mercadoria, augmenta de preço com a procura, e, portanto, o adquirimos dando por elle mais do nosso dinheiro-papel, do que naquella primeira hypothese, isto é, o cambio passa a ser contra nós. Imagine-se agora que, nestas condições desfavoraveis, chega para o governo a época de fazer os pagamentos no exterior: por muita ordem e economia que tenha havido na gestão do Estado, todos os calculos falham, ruem por terra. O que reservara para esse fim não chega, é preciso dispor

de mais recursos para a devida satisfação dos compromissos.

Eis a braços a Republica com gravames novos, eis a administração outra vez oberada, até que o paiz lhe forneça em novos impostos aquillo de que precisa — porventura para achar-se em iguaes circumstancias, até que se remova a causa real do phenomeno: a que foi acima apontada.

Ahi está um eloquente exemplo de quanto a nossa conducta privada póde affectar a vida geral de uma nacionalidade. Estudai, porém, alguns outros aspectos da questão, ponderosos como aquelles.

Se procedessemos bem, observando os mandamentos da lei, o governo precisava da numerosa policia actual? — Por certo que não.

Respeitassemos as auctoridades subalternas como outrora, e na maior parte das villas e aldeias bastavam ellas, para repressão das faltas; quando fosse caso do encarceiramento de um criminoso de vulto os vizinhos ajudariam, como antes se praticava.

Calcule-se que estes usos se restauram e eram dispensadas, digamos, no Estado do Riogrande, a fôrça militar e quasi todas as policias locaes, que accarretam uma despèza talvez de tres mil contos de réis. Tendo essa economia emprego fecundo, todos os annos invertida, por exemplo, em viação-

ferrea, poderiamos construir não menos de cincoenta kilometros por anno, quer dizer que em meia duzia de annos todas nossas povoações estariam ligadas entre si.

— Não se queixem, todavia, os cidadãos de que o governo os priva desse esplendido resultado... Quem os priva disso é a revel disposição de animo em que vivem.

Por ideal de perfeição que fosse o governo que viessem a organisar, elle havia sempre de armar-se, diante de animos hostis, poisque, nos tempos que correm, «bondade sem força, bem pouco segura está!»

Não se repute mera utopia o que acima dizemos: ha sitios em Portugal, onde o parocho unicamente mantem a ordem na communidade. O que elle não regula com sua intervenção, fal-o a educação civica, o respeito pelos direitos alheios.

Um aldeão, se ao passar em um trilho, no centro de plantios que lhe não pertencem, abater com o pé um arbusto qualquer; por grande pressa que tenha, pára, ergue-o, chega-lhe terra e só depois continúa o séu caminho. Ali é permittido apanhar no transito pelas herdades os fructos que se appeteça, apenas sendo vedado levar comsigo um só que seja: raro sería ver-se fazer o contrario e abusar desta generosidade algum dos transeüntes.

Em terras povoadas por gente escrupulosa assim, é quasi inutil uma grande policia.

Pense-se como nos aproveitaria a sincera imitação desses dignos costumes!

Emquanto não nos decidimos á pratica de taes virtudes, sejamos ao menos observantes daquellas a que nos obriga a mais vulgar honradez.

E' crime repugnante a infidelidade no manejo dos dinheiros publicos, aliás muito commum hoje. E cousa singular: quando o peculatario se limita ao desvio de algumas tristes migalhas (mais servindo de degradal-o, que de prejuizo ao erario), o o delinquente é perseguido e apontado á execração geral. O que descaradamente devora grandes cabedaes da nação, é o mimo de todos; a impudencia com que ás vezes, de um modesto escriptorio de clinica ou advocacia, que não dava para sustentar as despezas de reduzida familia, se subiu á alta governação e de lá se desceu para viver como um riquissimo herdeiro, nas mais culminantes posições, —deixou de ser cousa que surprehenda, nos curiosos dias de nossa lamentavel actualidade.

No entretanto, outrora...

Paulo Emilio, «depois de haver arruinado e destruido um grande Imperio, não augmentou seus bens com uma só drachma, nem tocou mesmo nos

grandes thesouros» conquistados para Roma. Epaminondas «foi enterrado á custa do publico, porque morrera em tamanha pobreza que, depois de morto, não se achou em casa delle mais que um simples ferro de cozinha, em que preparava seu alimento.» O nosso Patricio Correia da Camara, cinco vezes vice-presidente da provincia do Riogrande do Sul, deixou para seu enterro apenas uma «pataca,» quantia unica encontrada ao fundo de velha arca. Jardim, ex-presidente da Republica, fazendeiro, deixou a familia na miseria. Bento Gonsalves, seu successor, ao terminar a revolução, estava tão pobre, que começou a trabalhar de novo, recebendo de Dionisio Amaro, companheiro da cruzada republicana, duzentas rezes para repovoar a *estancia* do «Crystal,» onde jaziam até ha pouco seus restos, que ainda o povo riograndense não se lembrou de depositar em mausoleu condigno do grande patriota.

....

E' de tamanha importancia o muito que póde fazer a iniciativa dos particulares que, talvez, só no evitar os desperdicios praticados nos varios serviços, se conseguisse o equilibrio dos orçamentos da Republica...

Insistamos neste ponto.

O funccionario que deixa inutilisar o material do Estado, o cidadão que estraga bens alheios ou proprios (*Convém á Republica que cada um faça bom emprego daquillo que lhe pertence*, dizia a sabedoria romana), o menino que no collegio publico faz em pedaços, por destruidora fantasia, uma simples folha de papel, — concorrem de muito para aggravar a situação penosa do Thesouro.

Vejamos este ultimo significativo exemplo.

Tomando por base a população escolar do Rio-grande do Sul, admittamos que a do Brazil monte a 416.000 meninos. São 416.000 folhas de papel por dia, as quaes, por anno e pelo valor médio de 10 réis cada uma, fazem 1.518 contos.

Se isto é assim, em se tratando de um desperdicio relativamente insignificante, imagine-se a que formidaveis algarismos não attingiria a somma delles, contando-se as assombrosas prodigalidades da alta administração!

Estudemos um outro caso. No Rio-de-janeiro, quasi todos os annos, com a entrada do estio, se torna de urgencia prover ao abastecimento dagua, sempre julgada insufficiente, apesar da continua acquisição de novos mananciaes para supprirem as caixas de deposito. A crise annual da agua não é ousado suppor que mais se dá pelo esperdicio do

liquido, que por augmento de consumo util. Se cada pessoa que vê uma penna aberta ou um encanamento vasando, fechasse aquella e désse aviso deste estrago á repartição competente, é bem possivel que essa unica e facil poupança resolvesse, por largos periodos, um arduo problema, até hoje insoluvel.

Derradeiro exemplo, para pôr um remate a este genero de considerações, vai mostrar, de maneira evidente, o que póde pelo bem do Estado o proceder individual.

Uns por outros, não estamos longe de garantir que todo brazileiro dissipa diariamente ao menos 1$000, numa dispensavel garrafa de cerveja, no exagerado fumar, em funestos jogos, etc. Digamos, porém, que essa quantia é excessiva; seja a decima parte: 100 réis.

Se por um bello rasgo de patriotismo, os dezoito milhões de compatriotas nossos resolvem quotisar-se e á custa de um minimo sacrificio de prazeres desnecessarios, depositam quotidianamente nas recebedorias publicas aquella diminuta importancia, durante só trese mezes; sabeis o admiravel resultado desse acto de facil abnegação e commodo desinteresse?

— E' que a Republica achar-se-ia habilitada com o preciso para exonerar-se da pesada divida

interna que representam os 700.000:000$ de papel moeda inconvertivel, com que nos brindaram os illustres financeiros do paiz e que tanto cooperam para a baixa do cambio, assim como para os continuos desequilibrios orçamentarios.

Um soberbo milagre desses, obtido com tão insignificante esforço: calcule-se o que faria a boa vontade patriotica dos brazileiros, se a moral publica e privada fosse outra!...

DEVERES DOS GOVERNANTES PARA COM OS GOVERNADOS

III

Mas, não é só exigir deveres dos particulares para com a Republica. Aqui chegamos aos que competem ao proprio cidadão a quem é confiado o governo.

No alto posto de chefe do Estado, tenha « essa feliz compleição, em que a gravidade se combina com a doçura e paciencia, as quaes podem ser contadas entre as maiores virtudes politicas. » Plutarcho censura o brilhante Coriolano de a não possuir, e diz « ignorar elle que um homem disposto a intervir no governo e ter commercio com os outros homens, deve evitar sobre todas as cousas a teimosia. » Mas, falemos daquellas virtudes; deste vicio não é necessario

tratar: costuma ser mais natural aos brutos que aos homens.

Sem a gravidade, desvanece-se o prestigio do poder, estabelecem-se relações intimas de mais, que acabam por enfraquecer a obediencia e banir ás vezes a propria cortezia no trato official. Não é preciso que o governante seja familiar com qualquer, para mostrar que é bom ou bondoso: mostrará isto melhor na fiel applicação dos recursos e forças sociaes ao bem social. Urbano, exemplarmente, foi Washington, mas sua gravidade perfeita: a conversação, o aspecto, os gestos, os actos todos da vida, indicavam soberanamente a quem o observasse, que tinha diante de si o magistrado supremo de um povo livre e grande.

Tal qualidade, sem doçura, é todavia um defeito: é arrogancia. Predispõe á dureza, ao afastamento, e convém que o chefe do Estado seja benigno, «como que o pai e a mãi dos subditos,» prompto sempre a acolher a todos, ouvindo o que lhe reclamam os governados. De outra fórma, como vai saber do que carece o seu povo, como remediar as injustiças que porventura soffre dos auxiliares da administração?

Um governante republicano, esse, como que se ha de fazer tudo a todos, esmerando-se no serviço do paiz a que tem a honra de presidir, dedicando-lhe

activa affeição sem intermittencias, identificando-se com elle a ponto de poder dizer, como um magnanimo imperador da China: « A fome de meu povo é minha fome, o peccado de meu povo é meu proprio peccado! »

« Quem não quererá, diz um notavel escriptor politico, antes a sorte de Sesostris, vivendo com seus vassallos, como um pai no meio dos filhos, e levando comsigo á sepultura as saudades de todos naturaes e o respeito de todos os estrangeiros; do que a de Pygmalião, encerrado no meio de sua torre, inaccessivel a todo o mundo, e apesar disto morrendo por effeito de uma conspiração? »

A virtude politica essencial é, porém, a paciencia.

Com esta excellente disposição de caracter, soffre com animo igual as contrariedades da sorte e irritantes obstaculos oppostos por tenaz adversario; desdenha a maledicencia dos desaffectos, e supera as machinações da intriga e do interesse privado que a marcha governativa tem por força que ferir: não ha emprehendimento que não saiba vencer, especialmente se essa longanimidade for ajudada de destreza no manejo dos negocios.

« Com o tempo e paciencia a folha da amoreira se muda em setim, » affirma a sabedoria chineza.

Em quem governa, a maxima e inalteravel moderação.

Póde por acaso reger os outros quem a si proprio se não domina?

Porfirio Dias, apoiado pelas classes conservadoras e rasoavelmente progressistas do Mexico, e em 54.000 baionetas, nem por dispor de tão universal dominio, deixa de ter a cordura e circumspecção que exigem suas elevadas funcções. O presidente lê, sem alterar-se, as mais violentas imputações ao governo; declara até, a seus intimos, que gosta de apreciar a liberdade de linguagem assim usada pelos mexicanos. O que lhes não tolera é que saiam das fogosidades innocentes da critica para a rebeldia: ahi é inexoravel. Quer a paz, a livre paz trabalhadora para seu paiz, sempre antes convulsionado.

Homero nos traça um quadro educador, em magestoso episodio do canto IX da divina *Iliada*.

O chefe dos gregos, Agamemnon, reune os guerreiros; descorajado de tomar a soberba Troya, propõe a retirada. Apesar de seu supremo poder e do numero de forças que conduziu por si só ao cerco, Diomedes ataca a direcção que tem dado e quer dar á guerra; ultraja-o até, em represalia das anteriores injurias do formidavel atrida.

No entretanto, nem este usa de seu vasto poderio para vingar a affronta, nem mesmo responde sequer.

Nestor é quem, apaziguando, intervem: propõe que se tome uma resolução, longe da assembléa dos guerreiros, só entre os mais velhos, na tenda de Agamemnon. Ahi mesmo o impetuoso Diomedes censura o grande rei, e elle escuta com immutavel serenidade; ouve as brandas admoestações do venerando Nestor e então responde: « Oh, nobre velho, não é injustamente que expuzestes minhas faltas. Errei e não o nego... Cedi a funesto desvario...»

Que liberdade se respira nesse admiravel scenario da antiga vida grega! Que magnanima franqueza e generosa confissão das proprias faltas, em um alto personagem!

Eis em plena antiguidade realisado o que se suppõe um sonho inattingivel, e que, como observa Tacito, Nerva Cesar estabeleceu mais tarde no mundo romano, «unindo duas cousas, segundo elle, antes incompativeis, o poder supremo e a liberdade!»

Este dominio sobre si mesmo, alguns governantes o tem levado tão longe, que nem mostras de desagrado costumam elles manifestar, por mais que as cousas lhes quadrem mal. Diz-nos um auctor que o grande Carlos V, em seu retiro, costumava zangar-se, «jámais, porém, quando figurava como

imperador. Então, mais é o principe uma idéa-governante, que um homem. Mais de todos que de si mesmo. Não ha de obrar por inclinação, sim pela rasão de Estado. Não pelo primeiro impulso, senão por arte. Seus costumes mais hão de ser politicos, que naturaes. Seus desejos mais nascerão do coração da Republica, que do seu. Os particulares dirigem-se como lhes parece, os governantes segundo a conveniencia commum. »

Quando as côrtes portuguezas se reuniram para decidir sobre a sorte da monarchia, que os patriotas esclarecidos queriam confiar ao Mestre de Aviz, um fidalgo levantou-se, no seio da memoravel assembléa e protestou a brados contra a eleição do referido principe, quando existiam legitimos successores do defuncto rei, e dizendo ser essa uma illegalidade que nunca admittiria. O celebre condestavel Dom Nuno Alvares Pereira, inflammado com a subita opposição ao que era desejo geral dos portuguezes, foi pressuroso ter com o Mestre, offerecendo-se para ali acabar logo com o adversario, a quem desafiaria. O Mestre, sem demora, deu prova brilhante de quanto acertavam os que o queriam para rei: penetrou rapido no recinto, concitou os desavindos á harmonia em bem da Patria, solemnemente affirmando *que não tolerava se fizesse a menor*

violencia aos que não estavam pela escolha de sua pessoa, que havia de ser livre : o fidalgo assim votava porque tinha as suas razões.

Não é sem as ter, como se vê, que a Historia o menciona entre os mais egregios varões lusitanos!

Nunca a longanimidade degenere, comtudo, em estimulo á licença. De accordo com os intentos e fim da lei, os que se destinam ao governo das nações sejam a proposito severos e clementes.

Rigor extremo para com os que se mostrem irregeneraveis e incapazes de voltar ao bom caminho; nesses não póde haver mais esperanças:—arrancar a herva damninha, para que brote o util vegetal! Quando, no entretanto, haja um meio de fazer que torne ao redil a ovelha desgarrada, seja o castigo suave: almas ha que se rendem logo a uma ligeira pena, outras a que, por altivas, mais aproveita a lição da clemencia, que a punição austera.

Nas quadras de desordem publica, então, é que o homem de Estado pode dar a justa medida do tino politico que possue, applicando essas duas medidas.

Emquanto a força da auctoridade é precaria, jámais ceder a uma perigosa benignidade ; antes de tudo, salvar aquelle mais poderoso elemento de conservação social. Mas, logo que seja sentido por todo o ambito do territorio, o braço energico da lei,

convem que o Estado descrimine na rebeldia as responsabilidades de cada um, para melhor orientar-se, variando conforme os individuos, e a natureza da falta, os processos de repressão.

A' massa em geral, que teima em manter-se sob as armas, á força darmas mostrar-lhe tambem o peso da lei; os que, porém, individualmente se lhe apresentem, receba com esquecimento, perdão e caridade.

Reserve o castigo em particular para os verdadeiros responsaveis: os chefes. Para estes, é justo. Assim como teriam as vantagens do triumpho, carreguem no insuccesso, com as consequencias do intentado.

Ainda neste caso mesmo, procure o governante distinguir com intelligencia, entre o que se levantou por impulso de errado patriotismo (é sempre patriotismo!) e o que subverte a nacionalidade, para poder usurpar o poder, ou exploral-o. Quanto áquelle, se não fôr possivel perdoar-lhe, aceitem-se no julgamento todas as attenuantes; quanto a este, use-se de toda a severidade, — mas só a marcada em lei!

E' duro; todavia é preciso! Mais longe vai um velho doutor nos segredos da politica: não põe limites no rigor. Se « todo grande exemplo, diz elle, tem seu pouco de injustiça, o mal de alguns é resgatado pela vantagem de todos. »

No entretanto, — e para aqui chamamos a maxima attenção dos que nos lêm — saiba-se que não só por meio da violencia e sim tambem do convencimento, se funda, depois de largas e prolongadas discordias, uma paz duradoura. Por isso os gregos distinguiam dois generos de paz, dando o nome de *eirene* « á paz que a razão, e não a força, faz nascer entre dois partidos, » « porque, diz Dacier, a que é só effeito da força, é mais uma servidão do que uma paz, e só dura emquanto o partido derrotado se acha fraco. »

S. Gregorio disse : « Ha circumstancias em que é preciso dissimular prudentemente o mal, outras em que convém supportal-o com paciencia, outras em que se deve reprehendel-o com brandura, e outras finalmente em que cumpre combatel-o com vigor. »

Tantos são os criterios que se deve empregar, na grave emergencia das dissensões civis !

Este ponto é o mais delicado da arte de governar, pois, se a severidade fóra de proposito é

nociva, tambem o é nos homens de Estado a commiseração, « quando se apodera rapidamente do animo e não deixa obrar a razão e a justiça, porque condoendo-se de entristecer a outros, com a reprehensão ou castigo, não se oppõem aos inconvenientes, ainda que os reconheçam, e deixam correr as cousas, surdos aos clamores publicos; e têm-na de tres ou quatro, que são auctores delles... Tão sanguinolento foi o reinado de Dom Henrique IV, por muita clemencia, como o de Dom Pedro, por muita crueldade. A clemencia e a severidade, aquella prodiga e esta temperada, são os attributos que fazem amado um governante. Esse que com tal destreza e prudencia mesclar estas virtudes — que com a justiça se faça respeitar e com a clemencia amar — não errará, antes seu governo será todo elle uma suave harmonia, como a que resulta da combinação entre as notas agudas e graves. »

Note-se: nesta severidade de que tanto aqui se fala, é mister que seja indistincta para todos a justiça. Cumpre que o governo cubra cada cidadão com o « forte broquel » a que allude Solon, « afim de que um não possa jámais opprimir iniquamente a outro »: uma especie de volante, na machina politica, para que todas as peças se movam no mais perfeito rhythmo.

E' a superior equanimidade aconselhada por Cervantes: « Achem em ti mais compaixão as lagrimas do pobre, nunca, porém, mais justiça que as informações do rico. »

Carlos Alberto de Saboia deixou nos annaes de Sardenha um formoso exemplo de justiça, dessa que não deixa inclinar a balança, nem para favorecer o humilde com quem se sympathisa, nem o poderoso a quem se teme.

Certo mui alto personagem condemnado á pena ultima, por um grande delicto, valeu-se de toda a influencia e recursos de que dispunha, para obter do rei a suspirada salvação. O nobre chefe do Estado poz termo á estas manobras, manifestando assim o seu pensar:

« Se a offensa me dissesse respeito pessoalmente, de boa vontade a perdoara; mas neste caso, nada mais sou que o procurador da parte offendida, e não hei de atraiçoar-lhe a justiça. Que confiança poderia ter-se em mim daqui por diante, se eu assim fosse infiel ao meu mandato? Quando Deus me chamou ao throno, não foi para infringir as leis, foi para fazel-as cumprir. »

Veja-se o contraste entre Themistocles e Aristides, conforme estes ligeiros traços que traduzimos de Plutarcho:

« Dizendo alguem um dia ao primeiro, *que governaria perfeitamente bem os athenienses, se se conservasse igual sempre, não se inclinando mais por uns do que por outros;* respondeu: *não permitam os deuses que eu me sente jamais em um tribunal em que meus amigos não tenham mais credito e favor juncto de mim, do que os extranhos.*

Aristides, ao contrario, não cuidou dos outros, no cumprimento do dever; marchava sósinho, por assim dizer, e buscou seguir um caminho todo especial em sua maneira de governar, porque, no começo, não quiz agradar a seus amigos, por gosto delles commettendo injustiças, nem desagradal-os, recusando-lhes tudo e jámais concedendo-lhes a minima graça. Depois, vendo que o apoio dos amigos arrastava a maior parte dos governantes á abusarem do seu poder, para a pratica de injustiças; precatou-se contra essa tendencia, cuidando de gravar em seu espirito e em o manifestar sempre, que o verdadeiro cidadão, o homem de bem, devia fazer consistir toda sua força e todo seu apoio em praticar e em aconselhar, em tudo e por tudo, o que fosse conveniente e justo. »

Está aqui, no que respeita á politica, a *arvore da sciencia do bem e do mal*: o pomo escolhido pelo grande Themistocles é o veneno e perdição de

todo regimen; o que preferiu Aristides é o da perfectibilidade infinita: é o paraiso, no mundo das relações civis.

Se o governo, em vez de manter-se nas suas estrictas funcções, neutro e equanime, deixa-se dominar da vil intriga ou rebaixa-se nos aviltamentos da prevenção e da suspeita, tudo se perde. Como póde pretender inspirar confiança quem de todos desconfia?

E cumpre que se confesse: isto é indicio de um coração vulgar; os politicos de largo descortino distinguem-se pela grandeza dalma, pela confiante magnanimidade. Os outros... «por muito habeis e proprios que sejam para commandar, a inveja ou zêlo de gloria que lhes inspira muitas vezes seus iguaes, eis o maior obstaculo a impedir nesses homens a pratica de bellas e grandes acções, porque olham como seus inimigos, no caminho do bem, aquelles mesmos a quem deviam tomar por

auxiliares, e dos conselhos e da assistencia dos quaes antes se serviram, para nelle adiantar-se. »

Tiberio recebe o Imperio das mãos de seu padrasto, que collocara á frente das legiões do Rheno o nobre Germanico. Em vez de confiar nesta nobre figura de antigo patriotismo (o sobrinho que Augusto lhe fizera adoptar como filho), entra a suspeitar de sua lealdade, quando este poderia ter-lhe disputado victoriosamente o throno, se quizesse.

De balde o illustre guerreiro empenha-se em dissipar tão injustos pensamentos. Centro das esperanças geraes e o homem mais popular ao tempo da morte de Augusto, Germanico, quanto « mais pertos e via do supremo poder, mais se esforçava em firmar nelle Tiberio. Fel-o reconhecer pelas cidades mais vizinhas, as dos sequanos e dos belgas. Breve, informado da revolta das legiões, parte a toda pressa e as encontra já fóra do acampamento. Vieram a seu encontro, olhos baixos de arrependimento. Quando o general se achou no recinto, confusos murmurios se foram ouvindo. Alguns soldados, tomando-lhe a mão, sob pretexto de a beijar, deixaram que seus dedos deslisassem da bocca sobre as gengivas, já sem dentes; outros lhe mostravam os corpos curvados da velhice. Todos eram alli promiscuamente; ordenou elle que se formassem em

manipulas, afim de melhor ouvirem sua resposta: que tomassem suas insignias, para que ao menos pudesse distinguir as cohortes. Obedeceram, mas lentamente.

« Então começando por prestar piedosa homenagem a Augusto, passa a falar das victorias e triumphos de Tiberio, e celebra antes de tudo suas gloriosas campanhas da Germania, á frente das proprias legiões ali formadas. Mostra-lhes o accôrdo unanime da Italia, a fidelidade das Gallias, emfim a paz e a união reinando no vasto Imperio. »

« Essas palavras foram escutadas silenciosamente, ou apenas excitaram leves rumores. Exprobrando-lhes, porém, a criminosa sedição, prorompem em queixas de toda sorte e reveis exclamações; terminam, todavia, por expôr os votos que fazem pela grandeza de Germanico, e offerecimento de seus braços, se queria o Imperio. Isto ouvindo, como se um crime houvesse manchado sua honra, precipita-se de seu tribunal e quer afastar-se. Os soldados põem-lhe ao peito a ponta das armas, ameaçando-o, se não torna a elle. Grita então que morrerá antes de trair sua fé; puxa da espada e a levantava já para mergulhal-a no peito, quando os que o cercam lhe desviam o braço, constrangendo-o a desistir do intento. »

E' de Tacito a descripção da grandiosa scena cujos extractos demos aqui. Conhecida em Roma, — nem o nobre desinteresse que patenteia, nem o mais alto devotamento, nem a mais pura vida, conseguiram illuminar com a luz resplandecente da innocencia a alma suspeitosa do imperador: o veneno poz termo, breve, a uma vida de immaculada benemerencia, que arrastou comsigo as esperanças da humanidade inteira!

É de uma tragica e magestosa solemnidade a serena morte deste justo, sem uma queixa contra a impia ingratidão daquelle a quem tanto servira e que o perdia! Morrendo, disse elle estas memoraveis palavras: « O primeiro dever da amisade para com aquelle que deixou de existir, não é ter estereis saudades; é guardar a lembrança do que elle quiz, realisar o que ordenou. »

Succedeu que para o Mundo sumiu-se tudo com Germanico, nesse momento da civilisação; o chefe do Estado perdendo um auxiliar inestimavel e um substituto cuja gloria faria esquecer seus erros, pelo merito da escolha, — substituto que engrandeceria a obra de Augusto, continuador do grande Cesar!...

Em lugar do egregio principe, a devorante suspeita deixou para reger o amplissimo Imperio, o feroz Caligula, cuja ascensão ao throno havia de

assignalar-se pela morte violenta de quem de tantos se precatara. —É assim: o golpe da traição vem quasi sempre de onde menos se espera...

Eis o fructo da ambição inquieta e egoista, que a outra — a que impelle o homem á supremacia para o serviço social — é nobre e benemerita.

Aquella, para conseguir o predominio, usa de larguezas e adulações com o povo; por isto, faz notar um antigo que os capitães anteriores ás guerras civis, tinham como « maior vergonha adular o soldado, que temer o inimigo, » ao passo que os que se lhes seguiram, se sujeitavam a este, « não percebendo que assim como que punham a Patria em leilão, e que elles proprios se tornavam os escravos dos mais scelerados, para chegarem a commandar os que são mais dignos. »

E' o que commummente se vê nos regimens em que os governantes surgem, por voto directo, da eleição popular. Os que aspiram ás diversas magistraturas, nada ha que não promettam ; de fórma que chegados ao governo, cousa nenhuma lhes é licito negar aos sequazes, e a estes tudo cedem, em detrimento do Estado, — triste contingencia em a qual aquelles mesmos ainda bem animados de sãs intenções, podem dizer como usa o povo: «Livre-me Deus dos meus amigos, que dos meus inimigos

livro-me eu!» Com taes creaturas subir aos altos postos da Republica, é preparar para si a escravidão de que antes se fala: para a Patria é reduzil-a a mero despojo dos vencedores, nas miserrimas pugnas eleitoraes! (1)

Isto não quer dizer que se esqueçam os politicos de premiar os sinceros collaboradores: fôra ingratidão; grave falta esta, denotando quasi sempre sentimentos inferiores. Pode fazel-o, sem o minimo sacrificio dos interesses sociaes e só assim é-lhe isto admissivel, com o poder que obteve para o cumprimento de sua missão.

Quando este sagrado deposito esteja comsigo, tenha-o alcançado por meios dignos ou indignos,

(1) Com esses, para dilapidação do paiz, outra praga os persegue, os aduladores e lisongeiros: «Não menos perigosos seus afagos que as armas dos inimigos. A mais principes tem destruido a lisonja que a força. Que purpura real não roe esta punilha? Que sceptro não perfura esta carcoma?— No mais alteroso cedro se introduz, e a pouco e pouco lhe lavra o coração, e dá com elle em terra. Damno é este que só se descobre com a ruina feita; primeiro se vê seu effeito, que sua causa.»

cumpre servir com devoção á communidade, e fazer-se amar. Entendem outros que o segredo do dominio é augmentar o poder e fortalecel-o quanto mais possivel, querendo-o até alguns discricionario, quando «o poder sem limites nunca está seguro.» «O unico dominio firme e duradouro é o que se tornou agradavel aos proprios sobre que se o exerce,» dizia o grande Camillo, com uma longa experiencia, pois fôra cinco vezes dictador e varias outras tribuno militar, dignidade que em seu tempo estava á frente do Estado. A seu turno, assenta o padre Parado, na sua *Arte de reinar*, que «o amor dos vassallos é o mais efficaz meio de os governar»: «façam os principes muito caso de grangear o amor dos seus, que não ha fortaleza mais segura.»

Faxardo, igualmente aconselha: «Aprendam os principes... a manter suas pessoas e Estados com o amor dos subditos, que é a mais fiel guarda que podem trazer em tôrno de si... Esta é a mais inexpugnavel fortaleza de seus Estados.»

Taes conselhos, dados a principes, bem merecem a adhesão dos governantes republicanos.

Para obterem, todavia, a affeição dos povos, é mister que se disponham a seguir sempre o caminho do bem. E' arduo e difficil, mas quão certo

em premios para o que chega ao termo delle, sem esmorecer, sem falhar!

E' certo que taes primores de patriotismo nos homens politicos, se despertam o reconhecimento da maioria dos contemporaneos e dos posteros, levantam a grita dos prejudicados com a boa ordem dos negocios da Republica. « Um peito magnanimo não teme, porém, as frivolas murmurações do povo, nem cubiça a commum nomeada; o que desestima esta gloria vã, adquire a verdadeira. Bem o conheceu Fabio Maximo, quando preferiu a salvação publica aos rumores e accusações do vulgo, que culpava sua tardança. »

A verdadeira gloria consiste no devotamento social. Desapparecem da face da terra os mais elevados personagens, como os mais humildes cidadãos, e persiste somente a viva luz de seu altruismo.

— Homens que anhelais fama imperecedoura, uni vossos nomes á boas obras: é a unica infallivel eternidade.

Sem este esforço sublime para garantir a perenne memoria de seu nome, o que póde valer o geral das creaturas, quando o senhor do Mundo, Tiberio Cesar, chegou a proclamar um dia, em pleno senado romano, que a esta regra não escapam nem os soberanos:

OS PRINCIPES PASSAM; SÓ A REPUBLICA É IMMORTAL!

A LIBERDADE

Capitulo Terceiro

I

Um povo, para ter existencia regular, antes de tudo precisa de auctoridade, de um centro coordenador dos movimentos sociaes. Constituido elle, do que mais ha mister, na vida moderna, é de liberdade; e da harmonia de uma e outra resulta a plena ordem, sob o aspecto politico.

« Em um Estado livre, o homem aprende a ter conhecimento de sua dignidade, a ter-se como homem, a considerar-se alguma cousa no systema que elle mesmo approvou e para cujo estabelecimento contribuiu, e por conseguinte, tende a regular sua

conducta em conformidade da segurança e conservação desse systema. Ama o Estado, porque tem sua parte nas altas funcções delle. Sua obediencia não é o frio e repugnante resultado do terror, e sim o vivo, alegre e expontaneo effeito do amor. »

Sempre, entretanto, que haja conflicto entre os interesses representados por esses dois principios, o da auctoridade e o da liberdade, cumpre que subordinemos este áquelle, o que equivale dizer que, se para salvar o primeiro, fôr necessario restringir o segundo e até supprimil-o, é dever nunca hesitar, pois « os direitos do Estado dominam os do individuo, » sua salvação é a suprema lei. E a salvação do Estado, em definitiva, é a da propria liberdade, que não póde existir sem tal esteio, como advertimos no capitulo anterior.

Liberdade é o conjuncto de garantias de que a lei cerca o desenvolvimento da actividade individual, no que não é incompativel com o bem da communhão. Modernamente é entendida de fórma bastante viciosa : como uma conquista sobre o poder publico, com o qual é preciso que viva em lucta permanente, dizendo os auctores do absurdo que, para triumpho completo della, conviria supprimil-o de todo, — a liberdade de cada um só devendo encontrar limites na liberdade de seu semelhante.

Pois bem. Imagine-se por momentos uma sociedade em cujo seio tenha desapparecido o governo: onde essa fantastica liberdade que por ahi sonham os idealistas do nihilismo? Se bem observassemos o temeroso scenario, verificariamos sem demora que nesse estado social, de brutissima lucta pela vida, gosam della somente os poderosos. Sociedade deste modo anarchisada faz lembrar a gruta da Italia, onde expostos os cães ás exhalações mephiticas do solo, succumbem os pequenos e triumpham da morte os grandes.

Viver assim é decairmos de um estado social superior, a essa illusoria situação em que os homens, « entregues á anarchia, suppõem ser livres, pelo facto de não mais terem senhor, » como escreveu Tacito.

A liberdade é sobretudo filha de um governo forte,— o que está longe de dizer que seja duro ou cruel, abusivo ou tyrannico. Mais tem florescido sob o amparo da mão energica de Porfirio Dias, (1) que

(1) Leia-se a opinião da distincta litterata hespanhola Eva Canel, sobre este personagem politico: « Só o Mexico, essa adiantadissima Republica, que conta com um grande mandatario, com um homem de inflexivel caracter, de elevado criterio, de vontade integerrima, de honradez acrysolada e de sufficientes virtudes civicas para fazer a felicidade de seu povo, só o Mexico, repito, gosa e gosará paz emquanto existir o general Dias, presidente que julgo vitalicio, porque manda e governa a contento de seus concidadãos, voltado só para o engrandecimento de sua Patria. »

sob os administradores que antes teve o Mexico; todos elles, todavia, regendo a Republica por certo com muito mais diminuta força e fazendo sentir infinitamente menos a acção da auctoridade.

« Ha presentemente o mau veso de nutrir um excessivo amor da liberdade, acompanhado de indifferença por tudo o mais, que perde o governo popular (diz Platão) e torna necessaria a tyrannia. Devorado o Estado democratico de sêde ardente de liberdade, até o excesso da embriaguez, se não lhe dão quanto quer, accusa os governantes de traidores, de aspirarem á tyrannia, e os castiga. Trata com desprezo os que conservam ainda o devido respeito e submissão aos magistrados, increpando-os de nullos, de escravos por vontade e baixeza. »

Certos individuos aproveitam esta fatal disposição de animos e (em vez de apazigual-os) com um tom blandicioso, muito do agrado das massas, e discursos eloquentes e phrases retumbantes, quasi sempre vasias de sentido, — convencem-nos, jogando com os incautos ao sabor de acariciados planos, que tudo abandonem por disputar as regalias da liberdade ao governo, o qual é pelos agitadores apresentado como o eterno inimigo sempre a ameaçal-a, quando na maioria dos casos de conflicto, só a restringe ou supprime, para obstar ou reprimir os manejos de

taes sycophantas. Zangões é o nome que dá o philosopho a esses a quem devora insatisfeita ambição, a esses que vivem a negar com estrondo e ruidosamente todo concurso ao poder social, a pretexto de que é injusto, e os priva do lugar que lhes é devido na publica jerarchia, não querendo confessar que muitas vezes é a propria radical incompetencia delles que os deixa assim desclassificados.

Outros, por vingar insignificantes aggravos e obter os premios que julgam pertencer-lhes, exploram a profunda e desordenada paixão de liberdade que censuramos, apparentando defendel-a de imaginarios botes. No delirio egoista em que decaem essas almas desnaturadas, afim de impor-se e garantir inevitavel exito a descabidas pretenções, chegam a perpetrar o convulsionamento do Estado, ou a fazer-lhe implacavel opposição, ou a negar-lhe todo e qualquer concurso.

Em Achylles figurou Homero um espirito assim, disposto a sacrificar a causa commum á secundarias offensas, que o affectam individualmente. Em furor e colera, horas e horas consome energias que teriam melhor emprego na obra que, juncto aos muros de Troya, congregara toda a Grecia.

— « Que fructo recolhi, pergunta o irritado filho de Peleo, das penas que me sangraram o

coração, expondo, dia a dia, minha vida nas batalhas? »

— « Modera os arrebatamentos de tua alma, a benevolencia é melhor, aconselha Ulysses; foge das funestas dissensões e os guerreiros, tanto jovens como velhos, galardoar-te-ão com maiores honras. »

Pratique o povo o que se contém em tão util aviso. « Só o homem sem familia, sem tecto, sem lar, póde comprazer-se nas discordias civis, » como succede ás incontentaveis personalidades a que acima alludimos: a tudo se abalançam, nada tendo a perder com a desordem social.

Pratique o que se aconselha a Achylles e terá premio conforme ás suas obras. Em eterno combate com os governos, na idade moderna, como quer encontrar nelles um desprevenido e confiante amigo? Denegrindo todos seus actos, como espera que lhe retribua com impeccavel justiça?

Tenha-se como certo que «dizer verdades, mais para patentear que o governo é mau, que para que se emende; é uma liberdade que parece advertencia e é murmuração: parece zelo e é malicia. Por tão má devemos julgal-a como a lisonja, porque se esta se acha ser delicto de servilismo, aquella é uma falsa especie de liberdade. »

— Espiritos inquietos, que confundis a dignidade com o assomo revel e o serviço da Patria com as vãs satisfações de mal entendida arrogancia, aproveitai esta lição antiga: entre a resistencia que esterilisa esforços e a submissão que deshonra, é sempre possivel achar-se uma estrada simultaneamente isempta de baixezas e perigos: sobretudo muito mais util á sociedade.

Confundem por vezes os cidadãos a falta de liberdade com o que é fructo apenas das desclassificações sociaes. As desordens, a confusão, que engendrâm a anarchia e abrem caminho ao despotismo, em muito provém desta causa que aponta o encantador Platão: «Se o carpinteiro se intromette no officio do sapateiro ou o sapateiro no do carpinteiro, se trocam de ferramentas e o salario que recebem, ou se o mesmo homem pratíca dois officios ao mesmo tempo, não é de crer que essa desordem cause grande mal á sociedade. Mas, se aquelle que a natureza destinou a ser artesão ou a viver de soldada, ensoberbecido com seus cabedaes, credito e força, ou qualquer outra vantagem semelhante, immiscuir-se em o que é relativo á profissão do guerreiro ou o guerreiro nas funcções do magistrado, sem a necessaria capacidade; se trocarem os instrumentos proprios a seus empregos e as vantagens que a elles

se ligam, ou se o mesmo homem quizer desempenhar ao mesmo tempo esses differentes empregos, — então, creio, e concordar-se-á commigo, que tal mudança e confusão arrastam infallivelmente a sociedade á ruina.

« A confusão e mistura dessas tres ordens de funcções é, pois, o que pode acontecer de mais funesto á sociedade. Posso dizer que é um verdadeiro crime.

« Quando cada ordem do Estado, a dos trabalhadores, dos guerreiros e dos magistrados, se mantem nos limites de seu emprego e não passa além, julgo que a isto se deve chamar justiça: é isto que faz que se considere justa uma Republica. » Justa e livre, porque onde cada qual se limita á esphera que lhe é propria, não ha abuso, não ha invasão da esphera de actividade de ninguem, que é o que constitue a liberdade.

Sem uma perfeita estabilidade nas relações de natureza politica, não vinga nenhum regimen livre, e tinham clara noção de que sem uma nunca existe a outra, os regeneradores esclarecidos de 1835. Diziam elles, em certo estribilho patriotico, que os « farroupilhas liberaes » eram « amantes da boa ordem. »

Se, porém, uma sociedade sem governo regular, não desfructa da liberdade, uma sociedade de nossa

civilisação não póde florescer sem liberdade, porque este é o penhor do progresso, o qual a seu turno é a garantia da ordem, como sentenciosamente proclamara o hymno da Republica riograndense:

O magestoso progresso
E' preceito divinal:
Não tem melhor garantia
Nossa ordem social!

A liberdade, comtudo, mais depende de nós do que das leis: não esqueçam isto nossos concidadãos.

Concedei instituições livres a um povo servilisado: nem por merecer tão preciosa dadiva será menos escravo. Vivem ellas da applicação que se lhes dá; o que as vivifica é o caracter dos que as representam e põem em pratica, a nobreza do povo a que foram destinadas: da propria alma nacional em muito depende a orientação e movimento das instituições de um paiz.

Cesar funda um governo liberal em Roma, devorada por decadente e cupida olygarchia. Augusto o manteve. Tiberio respeitou essas tradições, ainda que aspirasse ao despotismo; tal, porém, a miseria das almas daquelle tempo corrupto, que, segundo contam, este ultimo imperador, ao retirar-se diariamente do senado, onde era alvo das mais repulsivas

bajulações, exclamava: « Homens, homens, promptos sempre a toda classe de servidão! »

« Assim, observa Tacito, até quem mesmo desejava destruir a liberdade publica, via com repugnancia a servil e paciente abjecção dos romanos. »

A liberdade não se decreta: é livre o povo que tal se considera: a lei o que faz é consagrar o que já existe de facto. Mas, como isto se não comprehende, vivemos a pedir aos legisladores e governantes aquillo que mais depende de nós, do que delles.

O homem cuja gula é irrefreavel, que mais que um perfeito captivo?

Como ter independencia o individuo que se subordina em absoluto á mais vil tyrannia, a da parte infima de nosso organismo?

Quando o arabe diz: « Entre nós a alma sabe sempre dominar o ventre, » elle proclama quanto é livre e senhor de si mesmo.

Gabassem-se de cousa igual os extremosos liberaes de nossos dias!...

E o que patenteamos ahi das consequencias da gula, se póde referir a todo genero de sensualismo. Se essas grosseiras cadeias os prendem, como se presumem de independentes? Muito ao contrario. Deixando-lhes gosar ainda, « as apparencias enganadoras da liberdade, » o governante dispensador dadivoso dos bens ou favores do Estado, resolvido a comprar esses escravos que apenas conservam os signaes exteriores do homem livre; acorrenta-os facilmente a seu carro triumphal.

Dois irmãos, chefes na Germania, Arminio e Flavio, separam-se um dia. Este abandona os lares para ficar a soldo dos romanos; aquelle prefere o dominio de si mesmo, nas florestas nataes.

Uma feita encontram-se face a face. Flavio ostenta heroicas cicatrizes, o outro pergunta qual premio deu Roma aos serviços attestados por ellas. Exhibe aquelle varias prendas da munificencia dos senhores do Mundo, e cita as vantagens de seu viver no meio delles. Pouco acha o irmão. O altivo Arminio pasma, diz o historiador, que se venda a liberdade por tão baixo preço! — Ahi se mostram neste exemplo, as miserias da cubiça, a fortaleza de quem se lhe sobrepõe.

O perfeito typo do homem liberto das cadeias da ambição, deu-nos a cidade incomparavel, no grande Cincinato.

Com alma igual sobe aos mais altos postos e delles desce assim tambem. Quando a escolha de seus concidadãos o retira do arado, para o supremo cargo de consul, singelamente recommenda á mulher a modesta lavoura: « Temo seja mal cultivado nosso campo este anno! » Parte, assume o poder, salva a Patria da anarchia: despe as insignias da magistratura superior e regressa ao lar.

Novos perigos, todavia, o arrancam dahi: fazem-no investir do summo poder dictatorial, que dura em Roma seis mezes. Vence os inimigos; quinze dias depois volta á condição privada, negando-se a partilhar dos immensos despojos, que distribue aos soldados. Offerecem-lhe em compensação e justo premio uma vasta propriedade: rejeita, tudo despreza.

Nada perturba aquella magnanima e serenissima natureza: fortuna, mando, omnipotencia...

Eis um homem livre!

O camponio Gérardin adquire a casa em que nasceu Joanna d'Arc. Mostrando-a um dia a certo inglez ricaço, tem este a fantasia de possuir a velha morada da heroina que ousou levantar o estandarte real, contra o dominio extranho, nessa amada França.

Offerece ao proprietario, pela pobre mansão, nada menos de 7.500 francos. Recusando, offerece 10.000, 20.000, 25.000. Nem assim disperta a cubiça do modesto patriota.

« Porque isto? » inquire admirado o bretão. « Crêdes, responde, que por ser um pobre camponez, tenha menos honra e patriotismo que um outro qualquer? Ignorante como sou, sei o que valia Joanna d'Arc, o que fez por nosso paiz; e, nesta villa, onde a amamos todos, como se a houvessemos conhecido, onde as crianças sabem sua historia, antes de aprender a ler, eu passaria por um covarde e um traidor, se vendesse a um estrangeiro a casa de onde ella saiu, para salvar a França. »

Eis mais um homem livre!

O riograndense antigo era sobrio e simples. Julgava-se o mais feliz dos mortaes em seu *rancho* de palha, por cujas paredes mal seguras soprava ás vezes o minuano, nos dias hibernaes. Juncto da companheira, em geral pouco exigente e providencia do lar, e dos filhos, creados á lei da natureza; passava os dias tranquillo, entre os labores da roça e os cuidados da criação. Vendo a mulher com o asseado vestidinho de chita ou lã, ao pescoço o gracioso lenço de seda, ornado do interessante laço republicano; os pequenos, com as limpas

vestes, e a si proprio com os simples trajes do gaucho, — nada mais queria! Apenas, como um luxo, a que não podia resistir, tinha elle o gosto de apeirar o cavallo de montaria, unica superfluidade a que se entregava com verdadeira paixão.

Montado no querido ginete, senhor dos espaços, sem precisões, adivinhava-se no ar daquelle camponio altivo, alegre e franco, que ali estava uma alma independente, que se julgava na posse de sua pessoa, como o mais poderoso personagem: um *monarcha!* chamavam-no. De facto o era, o soberbo filho da Pampa!

Eis mais um homem livre!

Mas não só a cubiça; a quantas concessões nos convence a frivola vaidade...

Para obter as graças do poder, os fascinadores cargos officiaes, — por vezes quanta subordinação e miseria!

Carnot, o intransigente republicano, contemplando a França sob a ameaça de ser esmagada pela Europa, dá treguas á divergencia politica.

Aceita de Napoleão amargo posto de sacrificio: a defeza de Antuerpia. O general-chefe dos alliados, numa epistola em que tece ao francez os maiores louvores, acena-lhe com o poder supremo, o governo de uma França a reconstituir, que os inimigos

daquelle tresloucado imperador lhe confiariam por inteiro.

Seductora a offerta: seu genio podendo alfim reorganizar a desfallecida Patria!...

Mas era antes de tudo preciso ser leal para com esse funesto governo que, não obstante imperdoaveis erros, representava no momento o seu paiz invadido: o puro Carnot repelliu nobremente a proposta.

Bonaparte já era deposto e conservava-se fiel a praça confiada ao irreductivel republicano. Só quando um emissario de Luiz XVIII a mandou largar, por não pertencer mais ao territorio nacional, de lá saíu, com as bandeiras ao ar e todas as honras da guerra!

Eis mais um homem livre!

O orgulho, o instincto de dominação, é outro freio a que vive sujeito mais de um individuo, que julga muito zelar a propria autonomia. Pelo mando, estas suppostas almas independentes rastejam aos pés dos grandes, como do vulgacho; beijam as mãos daquelles mesmos a quem intimamente aborrecem ou desdenham; sujeitam-se aos mais vis papeis. Escravas hoje daquelles a quem solicitam suffragios, escravas amanhã daquelles de quem depende sua permanencia no poder!

Paulo Emilio ao ser designado para consul, em vez de fazer, como de costume, um discurso de agradecimento, usou para com seus eleitores da mais digna franqueza. Disse-lhes que *por isso não lhes ficava devendo nada e que, portanto, não esperassem de si nenhuma condescendencia: que se acreditavam que houvesse melhor general para conduzir a guerra, elle deixaria voluntariamente o lugar*, e *que se tinham nelle inteira confiança*, *deixassem de superintender suas acções e em vãos discursos prescrever-lhe os deveres de seu cargo para apparentarem de generaes, mas sim que obedecessem no que fosse util ás operações, pois se continuassem a querer commandar a seus commandantes, expunham-se cada vez mais ao ridiculo, ficando á mercê dos inimigos*.

Eis mais um homem livre !

Carlos V é o chefe da mais poderosa monarchia do Mundo ; sobe ao throno do Imperio da Allemanha, domina a Italia, humilha o papado ; seu sceptro é obedecido na Europa, America, Africa e Oceania.

Todas as honras temporaes conhece.

Desprende-se dellas, de tudo, e vai terminar os dias, como simples monge, no fundo de um mosteiro solitario.

Eis mais um homem livre !

Emulando com o grande principe, um singelo republicano o excede. No fastigio das mais puras glorias civis e militares, triumphador da soberba Albion, despreza a corôa que lhe é offerecida, logo depois de conquistada a independencia de seu paiz, preferindo os louros de fundador das livres instituições americanas. Era o pai da Patria, quiz ser o patriarcha da liberdade.

Duas vezes os americanos lhe entregam o poder; exerce-o com inexcedivel nobreza. Uma terceira é eleito; receioso, porém, de qualquer má consequencia para a Republica, da sua permanencia á frente do Estado, recusa a investidura.

Foi acabar a vida proveitosa na herdade que possuia, qual outro Cincinato.

Eis ainda um homem livre!

Dai instrucção, dai intelligencia, dai até mesmo coragem a um povo: com isto somente não alcançará ser digno arbitro de seus destinos.

Não basta para ser livre,
Ser forte, aguerrido e bravo:
Povo que não tem virtude
Acaba por ser escravo! (1)

---

(1) « Hymno ao 20 de Setembro » (1835).
O *Americano*, orgam official da Republica riograndense, no seu cabeçalho, definia assim os deveres do homem livre:

Pela Patria viver, morrer por ella,
Guerra fazer ao despotismo insano;
A virtude seguir, calcar o vicio,
Eis o dever de um livre americano!

Livre é o homem para quem a sobriedade é costume, a temperança, regra: que é modesto de condição, desinteressado, corajoso em face da prepotencia, paciente diante dos obstaculos, perseverante em seguir as boas inspirações do proprio espirito, quando o guie para o caminho do bem, no que respeita a si mesmo e aos seus, á Patria e ao genero humano.

Só na escola destas virtudes republicanas, que é a escola dos fortes, dignifica-se o homem e póde um dia considerar-se livre.

Por isso, oh vós que as famas estimais,
Se quizerdes no Mundo ser tamanhos,
Despertai já do somno do ocio ignavo,
Que o animo do livre faz escravo.

E pondo na cubiça um freio duro
E na ambição tambem, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vicio da tyrannia, infame, e urgente;
Poisque essas honras vãs, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor é merecel-os sem os ter,
Que possuil-os, sem os merecer!

DEVERES PARA COM A LIBERDADE

II

O cidadão que suba ao eminente posto de chefe de um Estado republicano, comprehenda que seu papel se resume, pura e simplesmente, em manter a ordem material; em nada do que fôr alheio a isto ha de immiscuir-se, nem tolher, no minimo, os actos individuaes que a não perturbem, e estejam de harmonia com as leis vigentes.

Considerem os governos que, se sua acção firma a liberdade, a existencia desta, se não fôr licenciosa, robustece-os sobremaneira: só em casos excepcionaes um povo livre inquieta o Estado.

Succede infelizmente e é muito commum, que o poder, buscando fortalecer-se, excede-se, sem desculpa.

Disse a este respeito o velho auctor da *Arte de reinar*: «Costume é mais praticado, que justo, cortarem os principes por todos os respeitos, á conta de sustentarem qualquer ponto de auctoridade, querendo que a rasão se sujeite ao seu poder; já em tempo de Cornelio Tacito parece que corria esta pratica: quando a fortuna venta por popa (diz elle) medem-se as cousas pelo poder, não pela justiça, devendo ser muito ao contrario, porque onde ha mais poder, diz Salustio, ha menos rasões para usar delle. Mas é trabalho sem fructo querer persuadir os principes a tratarem mais da conservação da justiça, que da auctoridade; não digo que della se deve fazer pouco caso, mas deve ser de sorte que a mesma auctoridade se fique ajudando da justiça... Quererem os principes usar de poder absoluto, e tomarem em caso de honra o que é occasião de proveito, é a mais impia rasão de Estado. Quanto o poder for maior, diz Seneca, tanto mais regulado deve ser pela justiça, — que nisto consiste a verdadeira auctoridade de um principe.»

E se isto se declara a respeito de um governante coroado e privilegiado, o que conviria dizer em relação a um governante republicano?!

O perigo deste commum abuso evitar-se-á, todavia, mais seguramente, delimitando a esphera de

acção do governo e instituindo com efficacia e rigor a sua responsabilidade, do que definindo-a prolixamente nos codigos politicos, como é costume, sem essa precaução essencial.

E' certo que ainda aqui a solução do problema menos depende das leis, e cautelas de que as cercam, do que dos homens: haja amor do bem-publico na alma dos estadistas, e elles proprios se incumbirão de instituir a liberdade.

Alfredo o Grande, com um poder sem limites, foi a melhor garantia dos seus. Costumava dizer: « Seria justo que os inglezes fossem tão livres como seus pensamentos. »

O general Dom Porfirio Dias, apoiado, como já dissemos, em 54.000 baionetas, e dispondo de vastas faculdades, domina o Mexico. Restaurou ali a ordem, constituiu uma brilhante administração, florescendo o paiz como nunca, depois do seu advento ao poder politico. Podendo esmagar os inimigos, elle só os persegue, se se tornam igualmente inimigos da paz publica.

A liberdade, rasoavel e pratica, é tão completa que, segundo se conta, o presidente gosta sinceramente de ler os escriptos de opposição, até as mais acerbas criticas pessoaes tendo por objecto o chefe do Estado.

A historia romana memora uma insigne serie de dictadores: raro esqueceram que o poder lhes fôra confiado para usarem de toda a força delle no serviço da Patria e nunca em detrimento da liberdade dos cidadãos.

Nestes em geral o zelo pelas liberdades deve ser tão extremoso, como seu respeito pelo supremo representante da lei. (1) No entretanto, quando intente ferir aquellas, ponham em jogo os particulares os remedios legaes para constrangel-o á observancia do dever, e, esgotados todos os recursos que possam dar esse resultado, abandonem então outros interesses menos preciosos, corram ás armas, imponham-lhe o que por bem não obtiveram: — volta á legalidade ou uma definitiva destituição.

---

(1) E' o que já ensinava Manoel Lucas, ministro da guerra da Republica riograndense, definindo assim « as virtudes caracteristicas do verdadeiro republicano: valentia no conflicto dos combates, amigo da ordem, respeitador dos direitos do cidadão, e grande inimigo do arbitrio. »

« Que lhes ficaria, se não salvar a liberdade, ou morrer antes de a perderem? ! »

Nosso estatuto federal brilhantemente firmou-a. E' instituida em nosso paiz como em nenhum outro ainda o foi mais. Com orgulho podemos fazer diante do Mundo a exposição de nossos luzidos fóros!

Aqui o pensamento humano voa livre como o condor dos Andes, não só na escolha de uma religião, como na expressão das idéas; aqui o homem não foi sujeito á cadeias, reune-se ou associa-se a seus semelhantes ou separa-se delles, entra ou sai do paiz, percorre-o em todos os sentidos a seu bel-prazer, nunca se lhe deparando o minimo embaraço; aqui tem o domicilio inviolavel, a correspondencia sagrada, os direitos inatacaveis; aqui adquire bens, dispõe do que possue, faz com elles o que fantasia, sem outra restricção que não sejam as de ordem moral; aqui, se algumas das inestimaveis liberdades referidas soffre a mais leve quebra ou ameaça, os tribunaes aparam o golpe da prepotencia ou impedem-na de continuar a oppressão.

E' verdade que muitas destas franquias liberaes são continuamente violadas pelos mandões e corrilhos partidarios, de posse do poder e explorando-o em beneficio da grei politica; deste facto, desolador sem duvida, tirando os espiritos superficiaes ou

malevolos a extranha consequencia de que as instituições não prestam, que é preciso mudal-as.

Admiraveis são ellas, ainda que incompletas, e cumpre mantel-as, custe o que custar: o mal estava hontem nos homens e nas instituições, hoje está naquelles principalmente, — pela errada ou viciosa applicação que têm dado ao novo regimen.

Para que nos convençamos quanto dos brazileiros depende o fiel estabelecimento de uma Republica liberal, baste assignalar que os tribunaes (tribunaes!) ousam annullar textos da pureza mais crystalina, sophismando-os desassombradamente, qual se tem dado com o relativo ao exercicio das profissões, para as quaes a lei fundamental estabeleceu ampla liberdade.

Ahi está um exemplo perfeito de que não é sufficiente figurarem nos codigos as franquias populares: é preciso pol-as em pratica, modificando os homens, culpados da resistencia que encontram, na sua execução. E' a cruzada a emprehender agora, e não essa irritante propaganda de mudar de continuo as instituições, remedio que apontam como sendo o unico salvador, todos os opposicionistas, de qualquer matiz.

Não é propriamente substituir as existentes por outras, o que convem no actual momento historico;

sim, desenvolver o systema republicano já esboçado, com todas as consequencias logicas que entranha, e dar fiel applicação á lei.

Neste urgentissimo trabalho de aperfeiçoamento, é tempo de banir certos principios regalistas, que foram mantidos onde as normas liberaes tinham mais rasão de ser: tradições do absolutismo monarchico ou parlamentar, cerceando indispensaveis immunidades populares. Os espiritos organicos, as almas amigas da liberdade precisam continuar a campanha politica tendente a abolir de nosso meio velhas e obsoletas praxes, e, a imitação do que fez o adiantado Riogrande do Sul, firmar perfeitamente a plena liberdade de ensino, a liberdade de usar do proprio credito, a liberdade de accesso aos cargos, eliminando tambem da Carta de 24 de Fevereiro, as retrogradas disposições que nos privam ainda da liberdade legislativa.

Restricta a primeira, em o Estado impor seus programmas, estabelecer insustentavel concurrencia com os estabelecimentos particulares e pelos favores que concede aos seus; restricta a segunda, em impedir que use do credito quem o tem, para fazer de conta propria operações sobre titulos de credito, e em dar esta faculdade a quem muito bem lhe parece; restricta a terceira, em exigir condições

de preparo scientifico official para certos cargos, preparo que aliás em nada assegura o fim que se tem em mira; restricta a quarta, em haver a Lei suprema monopolisado nas mãos de uma corporação privilegiada e incompetente o que devera ser obra de um ou de poucos, sob as inspirações do conjuncto da communidade.

E' preciso completar as liberdades nacionaes: — preparem-se para a sublime obra os jovens filhos desta Patria querida, que delles espera sua perfeita regeneração politica e moral, — caminho seguro do mais deslumbrante, do mais formoso porvir!

O LAÇO FEDERAL

CAPITULO QUARTO

I

UMA folha que teve grande brilho entre nós, o *Recopilador liberal*, de Portoalegre, já dizia em 1833: «O provincialismo, a nosso ver, não é outra cousa mais que o verdadeiro amor que o homem deve ter á sua Patria. E como é forçoso olhar para os homens taes quaes são, e não como deviam ser, encontra-se mais facilidade em fazer germinar este affecto em um pequeno circulo de relações, porque o amor repartido se enfraquece. Nunca se pode amar ternamente a uma familia tão numerosa que apenas se conheça. E' preciso que nos convençamos,

que o amor da Patria, como todas as outras paixões, nasce do amor proprio dos individuos, e que nunca póde apparecer este sentimento, quando a ignorancia dos legisladores não põe na mesma linha os interesses da Patria ligados ao interesse dos particulares; por isso tem assentado todos os publicistas modernos, que o systema democratico é só proprio para uma nação pequena, onde as relações estão de tal modo ligadas, que a vantagem de um cidadão é o interesse de todos, que preferem ser bem governados, á louca, e vã ostentação de pertencerem á uma nação grande, donde lhes não vem vantagem alguma real.»

O Brazil, pois, sob a fórma unitaria, de ha muito representava uma violencia e um atrazo, porque não se concebe uma radical manifestação dessa ordem contra o regimen estabelecido, da parte de um periodico que definia naquella epoca o pensamento do Riogrande do Sul; se elle offerecesse garantias de facil e franco desenvolvimento das provincias, que aspiravam progredir.

De facto, pretender administrar, do Rio-de-janeiro, os vastos e multiplices interesses do immenso territorio nacional, já é de si tentamen absurdo, inexequivel, quanto mais entender fazel-o por via de processos uniformes, onde ha tamanha diversidade de condições sociaes.

Julgaram isto praticavel os organisadores do Imperio e os fructos foram esses que registram os annaes do tempo.

Taes eram os erros originados pela monstruosa centralisação, que vimos vigorarem aqui disposições fiscaes radicalmente aniquilladoras da forte industria de uma circumscripção politica do paiz, e fomentadoras do consumo da similar estrangeira, porque se tinha a infeliz idéa de querer, por uma só medida, regulamentar o commercio respectivo do modo que parecia mais conforme á conveniencia da maioria das provincias, como se deu com o *xarque* riograndense, mais oberado de impostos que o genero platino.

No que diz respeito á igualdade das leis, por exemplo, a imposição era tanto mais clamorosa, em um regimen que se proclamava liberal, quanto sabemos que na propria Russia, Imperio autocratico, as leis geraes são decretadas pelo soberano, mas podendo soffrer modificações conforme as localidades, para attender-se aos costumes e necessidades peculiares a cada uma.

No immenso Brazil, não! Julgava-se, e julga-se, que populações dessemelhantes, com habitos e tendencias moraes tão variadas, por força se conformam facilmente a identicos preceitos legislativos:

viver diverso sujeito a regular-se por um só modelo, — eis a disparatada concepção dos cerebros fantasistas de nossos homens politicos.

E admittiu-se que, com taes vicios organicos, pudesse ter definitiva consolidação o systema que assim violava as condições normaes da existencia de um povo!...

Que só conseguiu implantar-se violentando as aspirações nacionaes, ahi temos sobejas provas nos pronunciamentos armados sob o primeiro Imperio, nas revoluções que agitaram o periodo regencial e inicio do segundo reinado, pondo em perigo a integridade da nação; nos vívidos protestos que assignalaram seus ultimos annos, em os quaes se chegou a pregar abertamente a separação! Que só conseguiu apparente estabilidade, ahi tivemos a eloquente prova no modo insolito por que caíu: uma instituição vinculada ao paiz e a elle adaptada, nunca ruiria assim, sem um energico protesto, ao menos de nossas populações do interior!

Regimen que armou, em consideraveis massas, brazileiros contra brazileiros, e que mais tarde, em vez de apagar, mantem o fogo das discordias entre provincias irmãs, acabando por prestigiar até a idéa do desmembramento; não podia ser o que de facto ambicionavam nossos gloriosos antepassados.

Vivesse o grande José Bonifacio e de certo promovera sua reforma. Ousou tental-o opportunamente o preclaro França e quasi é realidade sob a regencia, caíndo por um voto o principio federalista. Obedeceram a esse forte pendor da nacionalidade os dignos brazileiros que fizeram vingar o Acto addicional; os administradores clarividentes que figuraram sob o segundo reinado, todos elles reconheciam ser urgente dar-lhe justa satisfação. A monarchia já não podia resistir á onda reformista: seu mais respeitado homem politico era adepto ultimamente do federalismo: a mais larga descentralisação ia ser-lhe arrancada, quando ruíu.

Salvo a questão abolicionista, não houve ainda entre nós uma que mais apaixonasse os espiritos e contasse mais largas adhesões: verdadeira aspiração nacional, desde os primeiros dias do Imperio!

Reparando os erros da absurda centralisação, a vigente lei organica instituiu uma união federal, que dá aos Estados larga autonomia e reserva para o governo superior só aquellas attribuições que attendem a interesses geraes da communidade brazileira, é certo que erradamente deixando-lhe ainda algumas que lhe não competem.

Todavia, o que é lei é lei.

Emquanto uma sensata reforma se não fizer, com a devida opportunidade, aperfeiçoemos o que existe, como bons progressistas, que não desdenham a obra de seus predecessores, e antes procuram tirar todo o partido possivel do que nos legaram, convencidos como devemos estar de que é principio de sabia politica o que prescreve *melhorar*, *conservando*.

Mantenhamos as grandes conquistas feitas e cuidemos calmamente de outras, que completem as instituições em vigor, já firmando de todo, como antes se disse, as liberdades republicanas, com a inteira abolição dos privilegios e monopolios, ainda enxertados no organismo politico do paiz, já retirando da acção do governo central funcções que lhe não devem caber, em virtude do regimen adoptado na Carta de 24 de Fevereiro, que é incompativel com ellas, — mas sem nos esquecermos de dar ao papel da suprema auctoridade nacional mais saliente relevo, no que é de sua jurisdicção, hoje em parte usurpada pelas representações locaes que formam o Congresso.

Tenha o governo propriamente dito o que deve ter, com plena confiança e inteira responsabilidade. Só assim haverá no centro federal um poder legitimamente republicano.

DEVERES PARA COM A UNIÃO

II

A força e prestigio da architectura politica que fundamos, depende da boa vontade com que os brazileiros cooperem para que a União e os Estados vivam lealmente, em mutuo respeito, cada qual agindo na esphera de sua competencia, firmada pela Constituição. Nisto está a garantia de todos, no que diz respeito ás relações internas do paiz. Este, comtudo, é um dever negativo.

Cumpre que se não limitem os brazileiros ao que estrictamente impõe a alliança nacional: concorram em tudo que lhes seja possivel, para o bem-estar das populações irmãs, ora, facilitando meios para o fomento industrial umas das outras, ora,

estabelecendo mais proveitoso commercio intellectual entre ellas, ora, tornando mais intimos os laços moraes que as unem.

Neste ponto ha largo, extenso, immensuravel campo para a iniciativa patriotica. Sob aquelle primeiro aspecto, o que se não pode fazer no sentido de favorecer uma grande e mais proveitosa troca de productos, pondo de lado os similares estrangeiros; sob o segundo, o que não alcançará a propaganda, por exemplo, de idéas renovadoras com que altruisticamente queiramos beneficiar a todos os Estados, não nos limitando a disseminal-as em o nosso tão somente; sob o terceiro, que bella unidade não poderiamos cimentar, mais fecunda e duradoura do que a fragil unidade politica!

E desta é urgente curar, já que nos falta a outra e antes que o indigno jogo de bastardos partidos estinga as sympathias naturaes, vívidas até ha algum tempo, entre a multidão dos brazileiros. Precario é o liame politico, quando os vinculos moraes de todo se quebraram ou são prestes a desapparecer!...

« Uma obra qualquer só pelo amor pode viver; o amor que a creou, somente elle pode eternisal-a: desmorona-se, desde que se rompe o laço da solidariedade fraternal. »

Torne-se o governo da União perfeitamente neutro entre os Estados, cumpra os deveres que lhe incumbem, seja o palladium de todos, e renascerá o amor da nacionalidade, com o prestigio do poder que a represente.

Continuará ainda por alguns annos a grita dos que nas varias circumscripções locaes, se sentirem lesados, mas isto é deixal-os dirimirem entre si as questões que se suscitem. O appello ao governo-providencia, ao governo superior do paiz, é um habito centralista; o meio de corrigil-o é negar-lhe attenção. Assim os homens chegam um dia a comprehender que é na reforma das instituições das antigas provincias, e dos costumes politicos e privados, que devem buscar o remedio a seus males.

A intervenção do governo central nas contendas locaes, sobre ser indebita, é contraproducente. Hoje serve-se della proveitosamente contra um governo de Estado o partido em opposição? — Já sabem os que passam a fazel-a, o caminho mais facil para retomar-se o perdido.

E esta ha sido a deploravel attitude dos gremios politicos entre nós. Fazendo nossas as palavras do romano, podemos dizer que descem a todos os servilismos no Rio-de-janeiro, para conseguir a dominação nos Estados.

Ha um ponto em que as mais altas conveniencias reclamam absoluta uniformidade de pensamentos entre os naturaes do paiz: as relações externas. Haja sempre aqui o mais completo accordo no que diga respeito á defeza e guarda do bom nome do Brazil: «o aggravo feito a um só particular disperte o interesse de toda a nação,» phenomeno moral que Solon considerava indicio seguro de possuir um povo o governo mais perfeito ou que mais lhe convem. Haja uma sincera e ardente disposição de tudo sacrificar á honra, liberdade e independencia de nossa federação, e potencia nenhuma da Terra ousará attentar contra nossa existencia politica e brios nacionaes.

Foi assim fazendo que a confederação das minusculas republicas gregas obteve a estrondosa e salvadora victoria de Salamina, contra o colosso persa: poucos soldados, poucos navios, mas muita união, muito patriotismo. O mesmo effeito deram causas identicas, na alliança dos diminutos cantões

helveticos. — Forte o Imperio contra quem se sublevavam: mais forte ainda a resolução de conquistar a liberdade!

Após uma guerra desigual, em que o heroismo suppriu o que faltava ao menor numero, a fraternidade suissa impoz o reconhecimento de sua appetecida independencia.

A união das colonias norte-americanas e o soberbo surto do civismo puritano tornaram possivel a lucta com uma altiva metropole, disposta a tudo envidar pelo triumpho de sua supremacia. Por vezes pareceu que a obra do patriotismo ia ruir abalada pelo poder immenso da Inglaterra, mas por fim aquelle sol, tantas vezes fitado pelo generoso Franklin, illuminou, não o occaso, mas a aurora da liberdade.

Essa propria Inglaterra, com a poderosa França, auxiliadas ambas por um governo americano esquecido do que lhe impunha a confraternidade continental, e mais com a cooperação de transviados filhos do paiz; aggridem as provincias federadas da Argentina. Sob o energico impulso de Rozas, unem-se estas, combinam seus esforços, e recúa a formidavel colligação, — exemplo precioso nestas terras americanas, sobre cujo horizonte perpassam ao longe tantas ameaças!...

França, Austria e Hespanha não dispõem certo dia, como de cousa sua, dos Estados do Mexico ? — Um simples advogado transforma-se em general, para defendel-os. A seu fogoso chamamento desperta-se a concordia entre elles, o foragido Juarez vem alfim sobre os invasores da Patria, ganhando-lhes hoje uma cidade, amanhã outra, até entrar na capital e ahi punir com o fuzil, o temerario principe que desconhecera quanto pode o amor da liberdade, nos filhos do Novo-mundo !

Neste momento mesmo, presenciamos o exito, incerto, mas brilhante, dos esforços combinados de duas nações de mesquinho tamanho em relação ao adversario, por serem sinceramente alliadas : o Transwaal e o Orange até hoje insubmissos, porque domina, na alma dos boers, a heroica determinação de tudo sacrificar pela Patria.

« De pé! Unamo-nos e, como homens, cumpramos o nosso sagrado dever, » proclamou o governo de Pretoria.

Ninguem até hoje olvidou, nos Estados africanos, a recommendação official, — ninguem !

. . . .

O hymno da Republica brazileira diz em uma bella estrophe :

Seja o nosso paiz triumphante,
Livre terra de livres irmãos !

Isto é um desejo e um voto. O meio de satisfazer ao primeiro e cumprir o segundo, é este: terem os cidadãos, como já recommendamos, a alma forte, são o corpo, destreza nas armas, amor á paz,— mas em tudo preparados para a guerra.

Observou um velho bispo portuguez que «onde ha costumes, leis e armas em grau excellente, não pode faltar grande força no Estado, grande bem-estar nos vassallos, grande magestade no poder.»

RELIGIÃO CIVICA

Capitulo Quinto

I

A EXCELSA entidade a que damos o bello nome de Patria, não é só constituida pela zona do Mundo que occupais, brazileiros; pelo ameno territorio que é nosso berço carinhoso, riograndenses. Patria é a terra e as tradições que ahi vinculam uma população inteira: é a sublime idéa que enfeixa num todo, em uma unidade perfeita, o sólo amado e o conjuncto dos homens que o illustraram: a gleba que nos fornece os meios de sustentarmos uma precaria existencia, cheia de necessidades, e nossos maiores, que tanto trabalharam

para legar-nos um meio social apto a satisfazer o triplice aspecto de nossa natureza, moral, intellectual e pratico.

Basta definir o que é a Patria, para que se comprehenda quanto lhe devemos, e portanto, o reconhecimento a que estamos obrigados.

Quem diz favores, diz gratidão!

E essa que em nós desperta um tão alto objecto, não se manifesta unicamente pela observancia dos deveres antes definidos: o agradecimento ahi é uma verdadeira religião, — já largamente praticada por nossos antepassados.

Não ha mais nobre culto: venerar esta bondosa terra e seus grandes mortos — egregios servidores da evolução nacional — é um impulso nativo em almas bem formadas: poderoso estimulo e fecundo exercicio dos mais finos sentimentos do coração humano!

O symbolo que a resume a nossos olhos é a bandeira: imagem da Patria adorada, tabernaculo de união, signo de alliança e fraternidade universal que, nas horas de perigo commum, acordou sempre o mais sublime enthusiasmo entre nossos guerreiros e infundiu-lhes a heroica resolução de morrerem contentes na sua defeza!

Se o estandarte é a Patria, o escudo lembra eternamente suas glorias. E' a pintura que idealisa

a historia local: os combates e victorias, os desastres e louros, os jubilos e tristezas: painel do que fomos e onde haurimos esperanças de um tempo melhor,— do que podemos ser um dia, talvez não longe!

Fazel-os respeitados de extranhos é o que impõe o brio mais trivial; dar-lhes mostras do maximo acatamento onde quer que os encontremos, é um elementarissimo dever. Como ambicionar que outros seriamente reverenciem o que é objecto de nossa descuidosa indifferença?

Morrer por um ou por outro era honra cubiçada de todos outrora. « Os povos da Italia antiga, diz Plutarcho, não achavam que houvesse maior vergonha do que o abandono do estandarte.»

O coronel Leon de Pallejas, bravo hespanhol que adoptara por Patria o Uruguay e a quem os governantes deste paiz fizeram general depois de morto; repellido seu corpo, o heroico batalhão *Florida*, no assalto a uma posição inimiga, nota consternado, ao retirar, que fôra abandonada a bandeira que tinham os seus cravado nas trincheiras paraguayas. Retrocede logo; com sublime decisão carrega sobre o vencedor, e morre, salvando antes a insignia do brilhante corpo que commandava!

Se a bandeira e o escudo são os sacrosantos emblemas da terra natal, em nossos insignes

antepassados temos as mais nobres representações vivas que a Patria nos deu de si: tributar-lhes piedosa veneração reconhecedora do muito que fizeram por nós, é dever não menos alto do que esse que ha pouco assignalamos:—edificante lição aos coevos, que os incita ao devotamento por outrem, afim de obterem o mesmo subido premio desses

> ... que por obras valerosas
> Se vão da lei da morte libertando.

Os lugares em que repousem os sagrados despojos dos benemeritos extinctos, mereçam nosso constante cuidado, sejam as aras da religião do civismo: celebre-se ahi a fé republicana, que consiste, sobretudo, em assumirmos o solemne compromisso de manter fiel observancia das excelsas virtudes em cuja pratica tantos exemplos esses mortos illustres nos deixaram.

E, todavia, jazem os nossos em o mais cruel abandono : de alguns nem ha mais noticia, na ingrata memoria dos homens!...

Onde a sepultura de Vidal de Negreiros, Henrique Dias, Camarão? De Domingos Martins, Miguelinho e Frei Caneca ?

Quem de entre vós, riograndenses, sabe onde descança de tanto guerrear, nosso grande fronteiro

Raphaël Pinto Bandeira? Qual onde o primeiro Manuel Marques, heroe pai e avô de heroes; de Canto e Pedroso, que augmentaram a terra-patria de quasi mais tanto do que era?

Nosso Bayard, essa gloria muito nossa, o cavalheiresco João Antonio, quem do povo conhece o ponto em que dorme, neste paiz riograndense que tanto illustrou?

Não fosse a piedade de um extremoso filho, talvez estivessem perdidas as cinzas desse illustre quão infeliz capitão, que se chamou Bento Gonsalves, soldado das campanhas reaes, guerreiro da independencia, chefe da grande revolução, general e presidente da Republica!...

Jardim, o venerando patriarcha, typo do antigo juiz biblico, lá tem o esquecido tumulo no mesquinho cemiterio de Pedrasbrancas, sem nenhuma flor amiga — apenas distincto, em meio da viçosa hera de que o ornou a terra de seu amor!

Tenha um termo essa negra e desconsoladora ingratidão:

A urna dos fortes o forte animo alevanta
A egregias cousas...

Honremos nas festas civicas, os varões assignalados da nacionalidade, — «fileira aquella infinita de immortaes!»

«Nada poupemos para honrar nossos mortos,» aconselha o divino Homero.

Assim o determinava a Constituição da Republica riograndense: cumpramos seus sagrados dictames.

« E' a recordação do passado que constitue a nacionalidade de um povo.» Como quer manter a sua uma população sem memoria, « gente que não conserva a lembrança dos antepassados, » como diz dos occidentaes um manifesto chim?!

A fórma, porém, mais significativa de prestar a devida homenagem que o amor e o reconhecimento nos suggerem, é, como se disse, quanto possivel imitar os exemplos que nos legaram, em rasgos de subido heroismo e inexcedivel devotamento social. « Não ha modo mais bello de honrar os nossos mortos do que fazendo em nome delles, algum bem que vá como que prolongando, pelo tempo e pelo espaço, a querida influencia que de outro modo se extinguiria. »

No dia que assim fizermos, será grande a Patria: eterna, immorredoura a gloria sua!

— «Manes de nossos avós, inspirai-nos e sobretudo esclarecei nossas almas, com as vossas patrioticas e ardentes virtudes!...

Urge, é tempo de despertar!»

DEVERES QUE A RELIGIÃO CIVICA DEFINE

II

Este culto votado á Patria e a seus grandes servidores, resume-se todo em amor, — amor que, segundo Platão, «é o soccorro mais seguro e mais efficaz que os deuses deram aos homens, para os fazer attingir á verdadeira felicidade.»

«Não ha guia para a boa vida como o amor, continúa elle; porque nem o nascimento, nem honras, nem riquezas, conduzem ao bem, como o amor... Em uma palavra, não ha homem tão vil que o amor não faça devidamente inspirado pela mais energica virtude, de sorte que elle em nada será inferior ao que é naturalmente bravo.» E accrescenta: «Homero diz que um deus insufla em certos homens

uma força extraordinaria; eis justamente o effeito que o amor produz nas almas amantes!»

O primeiro dever que decorre desta religião fraternal é o de mantermos plena solidariedade com os nossos patricios, de maneira que UM SEJA POR TODOS E TODOS POR UM; e mais: o de observarmos a maxima indulgencia para com os semelhantes, já quanto aos factos communs da vida, já quanto aos desaccordos de idéas, porque onde a intolerancia domina, ahi ha compressão e não pode haver fraternidade.—E' mesmo preciso ter para com o proximo essa benigna disposição de absolver, que o magnanimo Jardim traduzia nesta maxima: «E' melhor perdoar muito que castigar muito.»

Se o Estado tem de ser inexoravel, os cidadãos sejam caridosos.

A mais franca irmandade aproxime os filhos deste paiz, e os inspire ainda quando não seja retribuida por alguns: a delicia de fazer o bem a outrem encontra em si propria encanto sufficiente, dispensando outros premios.

Comprehendam os brazileiros que o egoismo é o maior inimigo do genero humano e da ventura de cada um de nós. Os riograndenses, então, sabem perfeitamente que a força e pujança, como a alegria e ditosa condição de nosso povo, lhe veiu de

melhor entendermos antigamente as boas regras da vida e de nossa maior generosidade outrora.

Robusto e afortunado era quando se guiava pelos mais nobres principios, qual o que estabelecia que «a moral é a base da felicidade publica e privada;» que « a Republica não é só uma palavra: que é o regimen de todas as virtudes, » — principios correntes na quadra gloriosa da grande revolução.

Primoroso, de certo, o meio social propicio á tão elevadas idéas e á inspirações poeticas da ordem desta, em que se expande o mais largo altruismo:

> Viver muito não é viver bastante,
> Se não se vive em prol da humanidade:
> Nero fez menos bem em toda a idade,
> Que Tito a Roma fez num só instante!

Mas, a religião é sacrificio: consiste toda ella nesse *esforço que fazemos sobre nós mesmos*, *em favor dos outros*. Comprimir nossos instinctos egoistas, se é indispensavel, como se disse, para gosarem os

individuos de uma segura liberdade; é um dever que o bem da Patria impõe, para que domine sobre as conveniencias privadas, o fecundo amor social, cujos encantos proprios bastam para alimental-o, verdade esta que já assignalamos e não é demais repetir.

Superada a força nociva do nativo apêgo a nós mesmos, expande-se aquelle sentimento em ondas harmoniosas, tudo purifica e ennobrece: a adhesão á Patria sublimisa-se: a religião civica obtem victoria completa.

Transfigurada nossa terra pelo amor, extraordinarios destinos lhe reservam as éras futuras!

Duvidam que elle volte a triumphar as almas aridecidas pelo scepticismo do seculo... E' que lhe não conhecem os milagres, decantados pelo monge-poeta da *Imitação*: prodigios de toda classe de amor!

Aqui, porém, citamos os sublimes threnos da harpa evangelica, referindo-os tão somente ao magico instincto que nos preoccupa e tem por objecto de seu enthusiasmo o paiz natal:

« Grande cousa é o amor da Patria! Por certo que é um bem admiravel. Elle só faz leve tudo que é pesado, e supporta com animo sereno todas as inconstancias da fortuna. Pois leva a carga sem sentir-lhe o peso, e faz doce e saboroso o que ha mais amargo.

O amor da Patria é generoso; faz-nos emprehender grandes acções, e sempre nos excita ao que é mais perfeito... Não ha no Céo, nem na Terra, cousa mais doce, mais forte, mais sublime, mais ampla, mais deliciosa, mais completa, nem melhor, que o amor da Patria...

Quem ama, corre, voa; vive alegre, é livre, e nada o embaraça. Dá tudo para possuir tudo; e possue tudo em todas as cousas, porque sobre todas descança no unico summo bem, do qual manam e procedem todos os bens...

O amor da Patria muitas vezes não sabe limitar-se, mas vai alem de todos os limites. Nada lhe pesa, nada lhe custa; comprehende mais do que pode; não se desculpa com a impossibilidade, pois crê que tudo lhe é possivel e permittido. Por isso pode tudo, e põe por obra muitas cousas, impossiveis a quem não ama a Patria.

O amor da Patria sempre está vigilante e até no mesmo somno não dorme. Nenhuma fadiga o cança; nenhuma angustia o afflige; nenhum terror o assusta, mas qual outra ardente chamma e scintillante labareda, sobe ao alto e vence todos os obstaculos.

. . . .

O amor da Patria é diligente, sincero, pio, alegre, deleitavel, forte, soffredor, fiel, prudente,

magnanimo, varonil, — sem procurar nunca o seu proprio interesse, porque quando alguem procura o seu proprio commodo, logo perde o amor da Patria.

Tal amor é circumspecto, humilde e recto; não é frouxo, nem leviano, nem vaidoso: é temperado, continente, firme, quieto e precatado na guarda de todos os sentidos. O amor civico é submisso e obediente aos superiores, mas de si não cuida; é cheio de reconhecimento para com a Patria confiando e esperando sempre nella, ainda que se sinta desfavorecido, porque ninguem pode amar sem soffrer.

Quem não está disposto a soffrer tudo e a fazer sempre a vontade de quem ama, diz que ama, não pode dizer que sabe amar.

E' mister que aquelle que ama sua terra abrace de boa vontade por ella tudo o que há de mais duro e amargo, e que della se não aparte, ainda quando a adversidade a persiga.

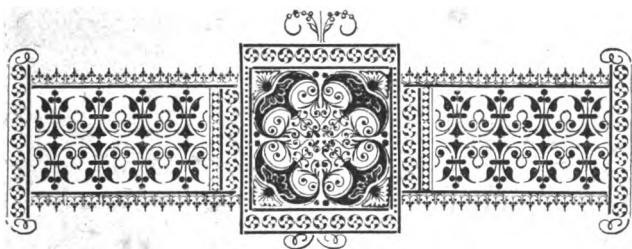
....

Só quem ama é que póde comprehender as vozes do amor.

Grande impressão faz no seio de nosso paiz aquelle ardente affecto de que se acha penetrada a alma quando diz:

Minha Patria! meu amor! sois muito minha e eu todo vosso!

Dilatai-me o coração, para que mais vos ame, aprenda a gostar no intimo de minha alma quão doce é o amar-vos, viver de vosso amor, nelle me abrasar. Possua-me o amor civico e eleve-me acima de mim mesmo, pelo impulso de seus transportes...

Ame-vos eu mais que a mim, nem me ame a mim senão por amor de vós, e em vós a todos os que verdadeiramente vos amam, como ordena a lei do amor! »

O GENERO HUMANO

Capitulo Sexto

I

Não se deve conceber a Patria como um sêr isolado e com existencia propria absolutamente independente dos demais povos. Não; ella faz parte de um grande todo, que abraça o planeta inteiro. Se por uma louca fantasia, ousassemos separal-o dessa entidade superior a que está intimamente ligada, vel-a-iamos prestes soffrer os mais terriveis effeitos: a industria decaír, degradar-se o seu desenvolvimento intellectual, os proprios laços moraes perderem aquella generosa energia que hão tido na vida moderna: toda a economia

nacional resentir-se de tão insensato ensaio. Tirai ao conjuncto de condições e factos que formam a civilisação brazileira o que é puramente nosso e o que nos veiu do concurso das gerações passadas e presentes do vasto genero humano, e dizei-nos depois a que fica reduzido o Brazil !...

Ha entre os varios paizes da Terra, hoje em dia, quasi tão profunda interdependencia, como entre os diversos orgams do corpo humano: separal-os, impossivel. Lesar a um é lesar a outros, por vezes lesar a todos.

O que foi, o que é, o futuro de uma nação, sempre ha de ser principalmente a obra commum dessas gerações que pacientemente accumularam os portentosos inventos de que temos gosado e ora gosamos. Nos aperfeiçoamentos moraes e intellectuaes, nos prodigiosos recursos da industria, nas mil vantagens da sociabilidade actual, usamos de um immenso capital que o genero humano creou para o proveito e bem-estar de todas as nações indistinctamente.

Fôra, pois, indigno menosprezo de um justo e devido reconhecimento para com tantos beneficios, como estupida reacção contra nós mesmos e nossos proprios interesses, suppondo servil-os, — o attentar contra os da humanidade em geral.

DEVERES PARA COM O GENERO HUMANO

II

E' regra do justo e do injusto entre os povos, que só ponham em pratica e execução aquelles actos ou resoluções que não sejam em detrimento da especie: mais particularmente, que só pratiquem os que possam ferir aos outros, quando necessarios em absoluto a seu salvamento, e neste caso só os estrictamente indispensaveis.

O grande Carnot assim definia o modo de proceder que a nobre equidade inspira.

« Se eu conhecesse alguma cousa util á minha Patria, mas que fosse prejudicial ao genero humano, olhal-a-ia como um crime, » disse um philosopho do

seculo passado, e tão magnanimas palavras devem ser uma lei para todo homem esclarecido, e norma dos governos dignos de sua missão.

Um despota sem bondade, mas genial, Bonaparte, no fim da vida, após haver provocado fundas antipathias contra a França, por odiosas violencias, após haver opprimido as nações visinhas em bem daquella sobre que imperava, percebendo alfim que os povos, sem perda de sua individualidade propria tendem a fundir-se numa fraternidade superior ; foi obrigado a fazer esta confissão, em que manifestou todo o erro das criminosas guerras que intentara: « Dora em diante, toda guerra na Europa é uma guerra civil. »

Pois essa unidade moral, já patente aos olhos do retrogrado conquistador, anno a anno se fortalece, apesar do actual passageiro aggravamento dos brutaes desmandos do militarismo, — ultimos vasquejos de seu agonisar : um dia será guerra civil qualquer guerra no Mundo.

Sem esquecer o que devem á Patria e a seus concidadãos, cumpre que os homens, no minimo, se tratem como filhos do mesmo planeta, que a todos conduz a iguaes destinos em sua marcha atravez dos espaços. E' digno somente de piratas o que vemos hoje praticarem nações fortes, atropellando

as fracas, usando até para com algumas, de processos de uma espuria moral, que em casa não reputariam menos que refinadas infamias.

Estas idéas de amor para com os semelhantes não são de agora.

— Roma não pode completar sua missão, sem a guerra; Camillo obtem-lhe assignalado triumpho contra Veies, mas contemplando os destroços da mais formidavel rival de sua querida cidade, derrama lagrimas compungido, e pronuncia-se deste modo: «Como é cousa má a guerra, e quantas injustiças e ruins acções traz comsigo! Cumpre, no entretanto, reconhecer que ha na guerra certas regras e certas leis para os homens de bem. E é preciso não ser tão avido de victoria, que se não evite cuidadosamente a censura de a dever a meios impios e vergonhosos, porque um bom general deve contar com seu proprio valor e virtude: jamais com a maldade e perfidia dos outros.»

Estas nobres tradições seguiu-as a idade media, e um rei cavalheiro, codificando as praxes do tempo, estabelecia que «o vassallo estava obrigado

a ajudar o senhor feudal em todas as guerras, que tivesse de emprehender com justo fundamento, *derechamiente*, ou que outros movessem contra elle sem justiça, *á tuerto :* » nunca, porém, nas violencias, atropellos e usurpações.

Nós, para vergonha do seculo, estamos decaindo para os primeiros tempos da civilisação occidental, em que o guerreiro se confundia com o salteador, ou, no melhor das hypotheses, em que tudo se julgava licito contra os que não eram do mesmo paiz.

Felizmente, ha signaes manifestos, no horisonte politico, de que uma fraternidade superior vai ganhando terreno no animo dos homens. Já apparecem modelos dos cidadãos do porvir, amando ardentemente á Patria, mas tendo exuberancia tal nesse amor a ponto de o extenderem ao genero humano. — San Martin bate-se pela independencia de seu paiz, vai depois entregar-se a obra igual na Bolivia, no Perú. Bolivar põe sua espada libertadora ao serviço da amada Venezuela, expurga de hespanhoes a Colombia, o Equador, e vai encontrar seus esforços com os daquelle, na terra dos Incas.

O perfeito typo do patriota dos seculos vindouros é, todavia, o immortal Garibaldi, esse que

declarou «ter aprendido a despresar o perigo» em nosso Riogrande do Sul.

Convencido de que a unificação da Italia é a missão a que deve consagrar seu apaixonado civismo, a ella se entrega de corpo e alma, com indefectivel constancia. Vencido, fugitivo, não menos inspirado de admiravel coragem, voltava sempre que possivel ao serviço do paiz. Vê por fim os austriacos repellidos do norte e a alta Italia unificada sob o sceptro de Victor Manuel. Corre ao sul com os seus heroicos «mil,» a libertal-o dos Bourbons, e enfrenta destemido os poderosos batalhões do rei.

Triumphalmente recebido na Sicilia, passa a Napoles e marcha de victoria em victoria: coberto de glorias, é feito dictador. O sonho, porém, era a Italia unida, e, para realisal-o, depõe a suprema investidura: o republicano ardente, por bem da Patria, cede ao monarcha do Piemonte o reino que conquistara!

A cidade eterna, comtudo, a mais formosa estrella a engastar na constellação italiana, ficava ainda sob o dominio dos papas, e julga preciso arrebatal-a, para a consummação de sua obra...

Que não fez elle no sublime esforço de effectuar este acariciado plano!

Um dia ousam erguer a Republica em Roma. Ali está elle entre seus mais extremosos defensores,

o incansavel campeão, até que se vê forçado a abandonal-a. Nem assim esmorece; com poucos retira, e mostrando-lhes ao longe, do cimo de um monte, as planicies de onde fogem e onde encontrará todos os commodos da vida quem prefira uma bastarda sujeição, proclama:

« Soldados ! — Eis o que offereço áquelles que me quizerem seguir : fome, frio, sol. Pão nenhum, nem quartel, nem munições, mas sim continuas vigilias, batalhas, marchas forçadas, e obra á ferro frio.

« Sigam-me aquelles de vós que amam a Patria ! »

Não se supponha que fica nestas grandiosas abnegações a carreira do heroe. Elle diz « que só teve um pensamento, um amor, um desespêro : a Patria. » Pois ver-se-á que essa fecunda alma, outros amores teve, primorosos !...

Patriota, Garibaldi é tambem cavalleiro andante : voa a todo canto do planeta onde sabe de opprimidos ou supponha que existam.

Conspirador aos vinte e oito annos, naufrága no intento e tem a cabeça a premio; foi preciso fugir para o estrangeiro.

Lá seguiu de novo o seu glorioso fadario. Eil-o na defeza da Republica Riograndense, como depois

na dos que lhe pareceram mais fracos e dignos no Uruguay e Argentina, como mais tarde na França.

Não houve causa generosa e perseguida a que não prestasse, pelo menos, o concurso prestigioso de sua sincera adhesão, neste seculo de indifferença e dominador egoismo!

« Tem graves defeitos o nosso tempo, mas, apesar de muitas das feições mais accentuadas que elle apresenta serem ás vezes repellentes, não se pode negar que nunca a caridade, a fraternidade humana, floresceram como hoje. »

Outrora as classes de um mesmo paiz entreolhavam-se com prevenção e desconfiança, abusando umas de outras e tyrannisando-as, como se fosse a cousa mais natural do Mundo: o progresso fez desapparecer estas barreiras sociaes e, sem confundil-as, irmanou todas ellas na massa geral dos cidadãos, tratados igualmente pela lei. — O mesmo succederá com os diversos paizes; utopia nos parecera a união das classes, utopia nos parece agora a união dos povos da Terra. Aquella já é para nós palpavel realidade; sel-o-á tambem a outra, em epoca melhor: a harmonia das nações, não pelos laços politicos, — pela fraternidade social!

Um czar generoso, Nicolau II, acaba de promover a reunião de um « Congresso da paz ».

Pouco se obteve ainda, a não ser a arbitragem facultativa, o melhor e mais efficaz regulamento das medidas humanitarias resumidas na instituição da « Cruz vermelha, » e outras com o mesmo fim.

Leia-se, todavia, esta observação feita pelo escriptor que representou o imperador da Russia:

« A sala das sessões da Conferencia não pode ser comparada á das sessões dos congressos de Pariz, de Berlim ou de Vienna. Nesta sala, os delegados das vinte e seis potencias não se sentavam á roda de uma mesa, mas grupavam-se separadamente em um salão, que parecia uma « Dieta internacional. » As consultas não foram negociações secretas, atraz dos reposteiros.

Graves questões foram elucidadas por via de discursos e estudos, pela reciproca permuta de idéas em sessão aberta, perante os representantes de tres partes do Mundo.

Uma nota final agradavel de assignalar: durante todo o tempo que duraram os trabalhos da Conferencia da Haya, reinou sempre a maior harmonia de pensamentos entre os representantes das diversas potencias, accentuando-se o mutuo respeito, as mais cordiaes relações pessoaes, *tornando-se palpavel o desejo de alguma cousa futura.*

Este facto animador muito explica no passado e *está cheio de promessas quanto ao porvir.*»

Foi a antevidencia do que elle nos prepara, que inspirou ao divino Milton o formoso desenho da realidade futura: «... uma nova Terra, idades de uma data infinita, fundadas sobre a justiça, a paz, o amor, e cujos fructos serão a alegria e a eterna bemaventurança.» Tudo annuncia, por certo, uma epoca muito mais rasoavel. Confiantes, podemos repetir a sublime prophecia de outro inspirado homem do norte, o grande Schiller: « Uma liberdade melhor florescerá: a antiga ordem de cousas desmorona-se, os tempos mudam e uma outra vida renasce por entre as ruinas... NOVAS FORÇAS SE PREPARAM PARA MANTER A GRANDEZA DA HUMANIDADE ! »

Quanto a nós, os republicanos do Brazil, convencidos de que, como a generosa França de 93, o «nosso systema não é a dominação, é a fraternidade,» já inserimos na Lei organica do paiz a arbitragem, processo que nossa cultura acha ser o unico apropriado a dirimir questões internacionaes; e no hymno das novas instituições, fazemos saber a todas as gentes, com essa nobre promessa, os cordiaes sentimentos que nos animam, não esquecendo de lhes lembrar que A CORDIALIDADE NÃO

EXCLUE AQUI A RESOLUÇÃO DE REPELLIR A FORÇA COM A FORÇA, no dia em que a ousadia de quem quer que seja, mal corresponda a tão elevadas disposições moraes...

Mensageiros de paz, paz queremos,
E' de amor nossa força e poder,
Mas da guerra nos transes supremos
Heis de ver-nos— luctar e vencer!

APRECIAÇÕES DA IMPRENSA

Direito Constitucional

Sob a epigraphe «Alfredo Varela,» o Dr. Campos Cartier, representante do Rio Grande e conhecido homem de lettras, publicou em seu Estado um estudo critico sobre a recente obra do Dr. Alfredo Varela, relativa ao direito constitucional brazileiro. Reproduzimos em seguida alguns extractos desse juizo, que revelam a opinião do Dr. Cartier sobre tão alevantadas questões.

Escusado é dizer que o *Jornal do Brasil* nada tem com as opiniões politicas emittidas.

« . . . .

E' admiravel e profundamente edificante observar-se em uma sociedade a braços com a anarchia e por entre a luta das paixões pessoaes e o choque dos interesses partidarios as lucidas manifestações de um espirito equilibrado a deduzir com sinceridade e logica as consequencias inevitaveis dos principios professados. Ainda que esses principios não sejam os nossos, ainda que essas consequencias distoem e offendam as nossas crenças e sentimentos, é impossivel não admirar a coragem intellectual com que é exposta uma doutrina e a coherencia e a lealdade com que se affirma e com que se proclama as suas applicações legitimas.

A verdadeira superioridade de um homem de Estado, de um artista ou de um publicista, conhece-se antes de tudo pela

tranquillidade com que encara os successos que se desenrolam aos seus olhos, pela imparcialidade e isenção de animo com que estuda e analysa os sentimentos que agitam a sua época.

O espirito de um homem assim constituido *não ficará jámais á mercê dos acontecimentos.* Sua intelligencia funccionará com a mesma regularidade, quer analyse e commente a historia de um periodo longinquo, quer examine e aponte as origens dos males que diariamente observamos e que profundamente nos affectam.

O temporal que o envolve e que a todos commove e perturba, não lhe faz um momento sequer perder a serenidade de animo nem lhe augmenta as palpitações do coração. Tem um rumo certo na vida. Sabe o que quer e para onde deve encaminhar seus passos. As desillusões e as desgraças que aos outros fere e anniquila, mais firmes tornam as suas convicções, mais energicas as suas resoluções.

Os caracteres desta ordem têm um ideal para que convergem todos os seus esforços, certos de que a realização desse ideal representará o supremo bem da vida humana. São intransigentes com os seus principios, o que é facil comprehender, pois que a menor transigencia para elles importa na adulteração completa do conjunto de suas doutrinas.

Sem equiparar o talento do Sr. Dr. Alfredo Varela ao destes espiritos que tão larga e poderosa influencia exercem sobre as manifestações da actividade mental de um povo, reconhecemos, entretanto, no illustre publicista riograndense a inalteravel convicção da excellencia de seus principios politicos, o ardor, a sinceridade, a intransigencia, as qualidades moraes, emfim, que tanto os caracterisam e os distinguem.

Assiste contristado ao desolador espectaculo dos grandes erros commettidos pelos governos republicanos; lamenta a destruição de suas esperanças e illusões, mas a fé e a confiança nos principios dia a dia mais se firmam e se robustecem em seu espirito.

Não é um fanatico e muito menos um inconsciente; estuda, analysa e critica com a severa imparcialidade de um

historiador; e a sua confiança em uma doutrina obedece e baseia-se em tão rigorosos processos, como se se tratasse de outra qualquer convicção scientifica.

. . . .

E' um espirito equilibrado, ainda o repetimos; tem ante si um ideal a realizar, e paira em um plano muito superior ás paixões que agitam a nossa vida politica; mas esse ideal reveste-se aos seus olhos de um caracter absoluto, pois que resulta de uma orientação philosophica que não comporta nem tolera o espirito de duvida.

Com admiravel perspicacia perscruta as origens do regimen presidencial na formação do direito portuguez. Evidenciando extraordinarias qualidades de historiador, revelando-se um analysta de grande valor e de vastos conhecimentos, busca na idade média, nos primeiros lineamentos da sociedade juridica em Portugal, as bases do governo unipessoal, produzindo a mais cabal e completa demonstração da imprestabilidade do parlamentarismo entre nós.

Sincero e superior ás conveniencias partidarias, magistralmente combate a Constituição Federal, que consagrando um regimen em que a unica funcção legitima concedida ao Congresso é a orçamentaria, arranca, entretanto, em beneficio deste poder, attribuições essenciaes ao executivo. Julgamos a este respeito impeccavel o estudo do illustre conterraneo.

. . . .

A lucidez da intelligencia faz-lhe ver os males da situação presente, que a mais louvavel lealdade não lhe permitte occultar.

O exacto conhecimento das conclusões de sua intuição philosophica e politica facilmente convence-lhe de que esses males resultam do falseamento dos principios na vida politica, e de que se a Republica ainda não correspondeu no Brazil á espectativa dos antigos propagandistas, deve-se exclusivamente attribuir á falta de orientação dos governantes.

O que mais admira e surprende no Dr. Varela é a coherencia, é a coragem com que aceita todas as conclusões de sua escola politica, não esmorecendo ante considerações de especie alguma e muito menos ante conveniencias partidarias. Não será hoje, talvez, um politico militante; mas inquestionavelmente não ha quem lhe leve vantagem na competencia e na franqueza com que defende os principios que inspiraram a Constituição do Rio Grande do Sul.

O distincto publicista que tanto tem illustrado o nome riograndense, convidou-me para prefaciar o mais importante de seus estudos, um tratado completo de Direito Constitucional applicado, que breve publicará.

Recusei a distincção, allegando o que repito agora: não me julguei com a competencia necessaria para trabalho de tanta monta. Verifiquei, entretanto, e com desvanecimento confesso, que não conhecia exposição mais profunda e defesa mais brilhante das doutrinas professadas pelo partido republicano rio-grandense e consubstanciadas na Constituição do Estado. E' incomparavel a este respeito o seu estudo de Direito Constitucional. »

Livros novos

Direito Constitucional Brazileiro é o titulo de uma obra de autor nacional, que temos sob as vistas e que, por signal, espera ha mezes o nosso juizo sobre o seu valor juridico-philosophico.

E' autor desse trabalho um joven e illustre riograndense, que vive entre nós na mais modesta das obscuridades e que entretanto vale como um exemplar de soberbo caracter, servido por uma intelligencia de *élite*. O nome desse notavel publicista é Alfredo Varela; e só quem não conhece os seus trabalhos de geographia e politica sobre o seu Estado

natal é que poderá ter duvidas a respeito do valor desse valente pensador, cheio de idéas sãs e de coragem civica.

Tendo estreado com uns magnificos estudos sobre a constituição riograndense e sobre a geographia physica e politica da terra em que viu a luz, Alfredo Varela apparece-nos agora com um livro que o põe na primeira linha dos nossos publicistas.

Este livro é, como já deixámos dito, intitulado *Direito Constitucional Brazileiro* e têm um sub-titulo que se inscreve deste modo: — *Reforma das instituições nacionaes*.

Não se infira, porém, desta segunda rubrica da obra que o autor é um derrocador irreflectido das instituições lançadas pela revolução de 15 de Novembro.

Muito ao contrario, Alfredo Varela é um defensor ardente do regimen republicano, de que foi, desde estudante no Recife, enthusiasta fervoroso.

O que significam o titulo e o sub-titulo da obra do joven riograndense é que elle deseja ver estudado devidamente o nosso estatuto fundamental, para o fim de ser elle perfeito e definitivamente adaptado ás necessidades theoricas que o fizeram nascer e ás condições praticas a que elle deve subordinar-se. E tal ponto de vista, em vez de ser reaccionario e anti-republicano, é, em these, conservador e constructor.

Seria impossivel, nos limites de uma simples noticia bibliographica, fazer uma apreciação, mesmo succinta, do novo trabalho de Alfredo Varela. O que os leitores d'*O Paiz* precisam saber é que, até o presente, sobre o nosso direito constitucional, apanhado no seu conjunto historico-philosophico, nada se escreveu de mais consciencioso e profundo do que o livro de Alfredo Varela.

Obra para politicos e estadistas, que não para estudantes ou para os simples misteres didacticos, o *Direito Constitucional Brazileiro* merece leitura attenta de todos os nossos intellectuaes, especialmente dos nossos homens publicos. Ha nella todo um problema de politica scientifica applicado á nacionalidade brazileira, ou antes, estudado através da historia geral e da do nosso paiz.

Vê-se bem, através e no fundo das allegações e affirmações do autor, uma preoccupação de escola philosophica, cujos pontos de vista se quer defender e firmar. Mas a verdade é que tal preoccupação não é aprioristica e caprichosa, pois que o autor do livro baseia-se nos factos historicos, para induzir as leis, e nunca nas hypotheses philosophicas, para deturpar os factos. Consequentemente, a obra é digna de ser meditada.

Certo, não nos sentimos ainda dispostos a aceitar muitas das suas conclusões, algumas das quaes nos parecem prematuras e outras até perigosas na época que vamos atravessando. Mas nem por isto o livro de Alfredo Varela deixa de ser um bellissimo attestado do talento, do estudo e, sobretudo, de altruistica preoccupação patriotica e vehemente ardor civico.

Ditas estas palavras, meramente noticiosas, resta-nos apenas recommendar ao publico a leitura do recente trabalho de A. Varela, do qual tivemos a felicidade de receber um exemplar, com que hoje se honra a nossa bibliotheca.

Agradecendo ao autor a sua gentilesa, fazemos votos para que o *Direito Constitucional Brazileiro* seja em breve acompanhado por outras obras de valor igual ao dessa, que é incontestavelmente um thesouro para as lettras politicas de nossa patria.

MARTINS JUNIOR.
(Lente da Faculdade do Recife).

(D'*O Paiz*).

Direito Constitucional Brazileiro, reforma das instituições nacionaes, por Alfredo Varela. Rio de Janeiro, 1899, 1 vol. in 8º, 380 pags.

Não é um livro de direito; é um manifesto politico, escripto com largueza de vistas, com a preoccupação da independencia scientifica, mas com o cunho indubitavel de um liberalismo *à outrance*.

O discurso preliminar é longo e eloquente, e ahi o A. entôa um louvor calido e enthusiasta á suprema ordem universal, omnipotente e victoriosa; estuda a historia dos povos, analysa as opiniões sobre soberania e autoridade, e tira de todas as premissas que offerece a seguinte conclusão:

— A ordem social, em vez de depender da submissão absoluta do povo ou da subalternisação da autoridade, resulta sempre do concurso livre de ambos na obra do bem commum; o governo da sociedade ha de obter-se por uma transacção, que, definindo os deveres, tanto da autoridade como do povo, limite a esphera da actividade politica de cada um, para que o abuso se torne impossivel.

O objecto do livro do Sr. Dr. Alfredo Varela é o estudo da Constituição Republicana de 1891, fazendo resaltar quaes as condições para tornar possivel um governo e como foram respeitadas essas condições pelos organisadores da Republica.

No seu proposito, que fôra difficil resumir, tantos são os pontos tratados, tantos os incidentes interessantes e instructivos, o autor demonstra duas qualidades substanciaes: uma grande erudição e completa boa fé na argumentação.

Por vezes, o seu instincto de liberalista fal-o enveredar pelos transviados caminhos de que o deveria afastar o seu entranhado amor pela *ordem;* mas a fórma de seus pensamentos acompanha a orientação sensata quasi sempre, embora muitas vezes a imaginação divague por conjecturas descabidas e se acoberte por citações que não podem merecer o cunho do dogmatismo com que o illustre autor as reveste.

Na leitura do seu livro ficámos por vezes perplexos, tal é a divergencia de principios que notámos, embora mui bem apresentados pelo Dr. Varela.

E' um republicano *sui generis,* com uma dose de autoritarismo que surprende, inimigo do jury, partidario da pena de morte, da liberdade de testar, da do illimitado exercicio do credito, do ensino absolutamente livre, da liberdade profissional absoluta, etc.

Em materia eleitoral, o Dr. Alfredo Varela, negando ao povo competencia positiva, entende que o systema indirecto é o preferivel, e no assumpto expende sensatissimas ponderações.

Seria longo resumir aqui todas as theorias apresentadas pelo distincto publicista, basta que indiquemos que elle procura crear um systema novo, legislativo, executivo, judiciario, sob bases que apresenta, tudo, porém, sob fórma amena, estylo castigado, linguagem culta.

Recommendamos o seu livro. Julgamol-o mais politico do que juridico, mais de effeitos praticos do que de combinações theoricas.

Os doutos o digam. Nós affirmamos que não é tempo perdido o que fôr gasto na leitura do *Direito Constitucional Brazileiro* do Sr. Dr. Alfredo Varela, cuja competencia não é desconhecida e cujas aspirações patrioticas se manifestam em cada uma das bellas paginas do seu trabalho.

DR. FERNANDO MENDES.
(Lente da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro).

(*Jornal do Brasil*).

Alfredo Varela e sua obra — Direito Constitucional Brazileiro

I

Alfredo Varela — eis aqui um autor cujo nome não vem precedido de fama retumbante nem é repetido todos os dias com encomios desmedidos, como os de certos escriptores muito amigos da forma e do effeito a produzir, mas que não obstante, com dous ou tres livros que fez apparecer no mundo das letras, já é considerado um dos maiores pensadores politicos do Brazil.

Ha cinco annos atraz, quando no Congresso Nacional oradores fluentes e apregoados sabios em direito constitucional,

tanto do velho, como do novo regimen, fulminavam do alto de suas tribunas intangiveis a Constituição Riograndense, appareceu em campo Alfredo Varela, ainda quasi desconhecido, e publicou no *O Paiz* uma brilhante serie de artigos em defesa do pacto fundamental riograndense, artigos esses que foram levar convicção a muita gente, enchendo de admiração aos proprios adversarios, inclusive aquelle a quem elles eram dirigidos, o Dr. Coelho Rodrigues.

Quando o illustre escriptor riograndense publicou a sua primeira obra de folego, o *Rio Grande do Sul*, já não era portanto um incognito. Mas, apezar disso a impressão produzida pelo seu apparecimento foi além da espectativa. Ha muito tempo não se publica no Brazil, nesse genero, uma obra tão systematicamente organizada, com uma tal abundancia de dados, unida a uma construcção synthetica, e a um estylo terço e florido. O escriptor vasou nella toda a sua alma de patriota enthusiasta, deixando perceber o intenso amor que vota ás cousas de sua terra. Todo o Riogrande vem ahi photographado, planicies, serranias, rios, lagos, e até o céo puro e azul deste pedaço amado do planeta, céo que tem inspirado tantas dedicações heroicas, merece em seu livro um capitulo especial.

Agora surge-nos de novo e com um trabalho ainda mais meditado, porque se refere á politica, o mais complexo de todos os estudos humanos, si exceptuarmos a moral. « Obra para politicos e estadistas, que não para estudantes ou simples misteres didacticos, o *Direito Constitucional Brazileiro* merece leitura attenta de todos os nossos intellectuaes, especialmente dos nossos homens publicos. » Assim se exprimio um critico ; e na verdade, si todos os nossos estadistas e homens publicos lessem este livro e se compenetrassem das verdades nelle contidas, muitos males poderiam ser poupados á nossa patria, nesta afflictiva crise que ella atravessa.

Neste momento em que os pagés do monarchismo sahem a campo, rompendo o silencio decennal em que estiveram penetrados, o livro de Varela se apresenta como de maxima

opportunidade. Diante da analyse profundamente meditada do eminente escriptor, os escriptos monarchistas se revelam como simples repetições banaes de lugares communs e chavões já gastos. Com esse confronto muito lucrará a Republica a quem Varela desde sua mocidade tem dedicado a melhor porção de sua preciosa actividade intellectual.

Não é de hontem portanto que ella presta serviços ás instituições vigentes. Aqui no Riogrande principalmente ha muito tempo já é conhecida a sua penna de propagandista republicano. Convicto admirador da Constituição Riograndense, promulgada a 14 de Julho de 1891, em artigos admiraveis propagou suas excellencias, e teve a honra de escrever o magistral artigo de fundo em que *A Federação* annunciava a installação do regimen constitucional no Riogrande e a eleição do seu primeiro presidente, o Dr. Julio de Castilhos.

Em todas as campanhas mantidas em prol da Republica, o seu nome se apresenta sempre na primeira linha.

Alfredo Varela é por conseguinte um desses individuos raros em nossos dias, que dotados de talentos de élite, os consagram ao serviço das causas honrosas, e a ellas se dedicam inteiramente sem jámais se afastarem da rota que se traçaram desde o começo de suas existencias.

O *Direito Constitucional Brazileiro* em que o autor destas linhas vio Alfredo Varela trabalhar com afan e com zelo paternal, veio despertar-lhe recordações da epoca em que teve a felicidade de conhecel-o e de, ao mesmo tempo, comprehender toda a profundeza da crise politica brazileira.

Conheci Alfredo Varela, na Capital Federal, em 1897, nesse terrivel anno de agitação civica, epoca de tantos acontecimentos importantes em nossa vida nacional, como a luta de Canudos e a reacção de 5 de Novembro.

Tratava-se da propaganda da candidatura do Dr. Julio de Castilhos á presidencia da Republica. Um enthusiasmo excepcional, indescriptivel, animava os republicanos do Rio de Janeiro e de toda a federação brazileira, produzindo um

arrebatamento patriotico que tocava ás raias do delirio. Nunca se trabalhou tão ardentemente no Brazil em uma pugna eleitoral; e os espiritos mais avessos ás praticas norte-americanas não tiveram acanhamento de empregar para a victoria de uma causa tão nobre os processos *Iankees* de propaganda *á outrance.*

A 10 de Agosto desse anno apparecera o manifesto do « Club Republicano Benjamin Constant, » bem redigido escripto devido ao presidente do mesmo Club, o illustre e ardoroso republicano capitão Dr. Gomes de Castro, que da Bahia o remettera para o Rio. Em seguida o partido nacional, chefiado pelo legendario almirante Gonçalves, aggremiação esta que possuia os mais puros e abnegados republicanos fluminenses, apresentava o nome do Dr. Castilhos como labaro ao redor do qual deviam reunir-se todos aquelles que se empenhavam pela sustentação da obra gloriosissima de Floriano Peixoto.

A mocidade republicana poz-se a campo e trabalhou desde então sem descanço e com um ardor desmedido. Manifestos, meetings, conferencias, de todas as formas a propaganda se fez. Na rua do Ouvidor, nos bonds, nos cafés, no recinto da Camara dos Deputados, em toda a parte se ouvia o nome do estadista riograndense e em todos os lugares se deparava, pelas paredes, papeis auri-verdes, apregoando o nome do laureado patriota.

Foi nessa occasião que o meu enthusiasmo de propagandista levou-me a conhecer Alfredo Varela pessoalmente. Um cartão de apresentação que me foi dado por um deputado riograndense e que entreguei ao destinatario em sua propria residencia, deu começo ás nossas relações.

Uma ligeira palestra fez-nos desde logo amigos velhos. A mesma conformidade de sentimentos e de idéas, a mesma orientação politica, um igual enthusiasmo pelas cousas riograndenses, uma semelhante paixão pelo estudo da nossa heroica revolução de 35, tudo isso veio reforçar o sentimento que nos tinha aproximado — a propaganda castilhista.

II

Si reflectirmos demoradamente sobre a situação da patria brazileira naquelle momento, veremos que nunca depois da Republica o problema politico republicano e a sua unica solução se manifestara com tanta nitidez aos olhos de todos quantos se preoccupam com os destinos politicos.

Corriam os tristes dias do governo de Prudente de Moraes. As illusões que, a principio, os republicanos mantinham a seu respeito, já haviam desapparecido. O nefasto presidente afastara de si os patriotas mais dedicados e toda reconciliação se tornara impossivel.

Então poude-se ver claramente todos os defeitos do nosso regimen constitucional e a razão que tinham os republicanos adiantados em pregar a abolição completa do regimen parlamentar e a exclusão dos antigos chefes monarchicos da direcção politica republicana. O nosso imperfeito presidencialismo, os preconceitos democraticos sobre a capacidade administrativa dos bachareis em direito e sobre a *panacéa* eleitoral, deram origem á situação que se creou, principalmente, com a eleição do primeiro presidente civil.

Os preconceitos parlamentaristas e democraticos victoriosos deram lugar á essa funesta crise quatriennal, em que o Brazil soffreu o dominio despotico e immoral de um dictador inepto, açulado por camarilhas desmoralisadas.

Fallamos em preconceitos sobre a capacidade dos bachareis, vendo ahi uma das causas de nossos desastres politicos. De facto, a eleição de Prudente de Moraes foi devida em grande parte á essa corrente de idéas. O heroico Marechal Floriano, vencedor da revolta de 6 de Setembro, só aspirava ao retiro tranquillo em que podesse rehaver a saude que elle perdera no ingente esforço feito para defender a Republica. Procurava-se um homem que podesse substituir Floriano e a maioria dos chefes politicos da época voltou os olhos para o individuo que a muito tempo representava uma

bandeira de guerra contra o governo militar, que, na opinião da colligação parlamentar triumphante na occasião, devia dar lugar ao governo civil, para que, diziam elles, se restabelecessem a paz e a tranquillidade na familia brazileira.

E o parlamentarismo nessa occasião revelou mais uma vez a sua degradação moral, enchendo de desgosto os ultimos dias do salvador da Republica. Mas elles, os caudilhos parlamentares, tiveram a digna recompensa de tão desleal conducta, na repulsa que mais tarde soffreram do presidente por cuja causa esquecêram Floriano Peixoto.

Não podia ser mais pungente o estado da alma republicana. E é de se imaginar o desejo que nutriam os patriotas de verem assumir a suprema direcção do paiz um estadista verdadeiramente republicano e dotado de uma capacidade administrativa capaz de superar as difficuldades que então appareciam no horizonte politico.

Todos os republicanos voltaram então os olhos para o Rio Grande. Já algum tempo que este Estado, terminada a guerra civil que o devastara por mais de dous annos, entrara numa phase de ordem e de progresso devido a sua superior organização politica e ao superior tino governativo do homem publico que então dirigia os seus destinos. A legenda de despotismo, que um jornalismo mercenario creara ao redor do nome do laureado patriota, desapparecera completamente do espirito nacional, diante da verdade esmagadora dos factos. Por toda a parte o nome do estadista riograndense era repetido com respeito e apontado como um modelo a ser imitado por todos os dignos governantes.

Perante os acontecimentos, quando em todos os outros estados, como na propria União, o regimen republicano ia accumulando desastres sobre desastres, como não devia ser desejado o advento á presidencia da Republica, do estadista que ao tino administrativo unia um civismo sem igual, que já o fizera sagrar o *continuador de Floriano*. Eis as razões do enthusiasmo que o seu nome inspirava e do fervor com que se trabalhava pela sua candidatura.

Foi então, a 24 de Junho de 94, que os mais eminentes orgãos da opinião republicana no Brazil, os incomparaveis apostolos positivistas brazileiros, manifestaram a sua opinião sobre a situação politica, indicando aos republicanos como um dever imprescindivel «levantar e apoiar a candidatura do Cid. Julio de Castilhos, dentre os chefes politicos, o que melhor pode representar actualmente o conjunto de aspirações e do precedentes consubstanciados na memoria gloriosa de Floriano Peixoto.»

Só quem conhece de perto esse nucleo de patriotas que se aggremiam ao redor do Apostolado Positivista do Brazil, só quem comprehende a força inegualavel das convicções scientificas impulsionadas pelo nobre sentimento da fraternidade universal, poderá fazer idéa da dedicação, do ardor impetuoso que se apoderou então da mocidade que de perto ou de longe se deixára possuir por essas convicções.

A este grupo vieram se unir os florianistas mais adiantados, já organisados em partido nacional e de mãos dadas, n'um afan desmedido, foram attrahindo pouco a pouco ao mesmo programma, todos os republicanos puros e ardorosos da Capital Federal. A propaganda teve ramificações pelos estados. Desde o Rio Grande até o Amazonas retumbava entre acclamações enthusiastas o nome de Julio de Castilhos. Em Minas, em S. Paulo e até no exercito de Canudos, appareceram os celebres papeis auri-verdes, nos quaes, um companheiro nosso, Venancio de Figueiredo Neiva, da Parahyba, havia mandado imprimir a conhecida phrase: Salve Julio Prates de Castilhos — Unico capaz de manter a paz e elevar o credito nacional.

Alfredo Varela foi nessa occasião um dos batalhadores mais infatigaveis. Em artigos bem lançados, na *Folha Nova*, orgão republicano castilhista do Rio, elle ia preparando os espiritos para a grande pugna eleitoral a se realizar em Março do anno seguinte. E em folhetos, cheios de um são patriotismo, folhetos que eu me encarregava de distribuir ás centenas entre os republicanos, elle mostrava ao governo, cada vez mais retrogrado e impatriotico, que si quizesse ainda podia evitar,

por uma conducta moderada, a *debacle* geral que se preparava para a patria e na qual o proprio governo seria o primeiro a perecer.

Junto dos chefes politicos, Varela tambem se esforçava por convencel-os da opportunidade da eleição de Julio de Castilhos, e aos companheiros mais tibios ia distribuindo um pouco desse ardor que lhe transbordava no coração de patriota.

Os propagandistas não se limitavam, como se vê, á diffusão de suas idéas sómente na massa eleitoral, mas se empenhavam tambem por trazer, á causa da patria nesse momento, todos os chefes eleitoraes e parlamentares de prestigio e cuja união podia influir poderosamente para a victoria dos castilhistas na convenção do partido republicano federal, que em breve tempo se reuniria.

Dentre todos os cabecilhas eleitoraes e parlamentares o que gozava de mais consideração e o mais habil nesses assumptos era incontestavelmente o Sr. Francisco Glycerio, de Campinas. Em torno delle se agitaram todas as esperanças republicanas, pois esse homem podia, por um rasgo de generoso patriotismo, resgatar os seus erros passados, assegurar ao Brazil um futuro brilhante, e merecer as benções dos patriotas que de sua conducta esperavam a solução da tremenda crise politica.

E no emtanto a cegueira deste homem, cuja palavra era ouvida e respeitada por um grande numero de chefes politicos, preferia uma conducta subalterna, que terminou com a sua impopularidade e a queda definitiva do prestigio que lhe deram passageiras combinações eleitoraes !

E elle que affirmava a todos que votaria em Castilhos, destruio á ultima hora, uma obra tão carinhosamente preparada, e pensando dirigir a onda do patriotismo nacional que o acclamava e se despenhava impetuosamente, foi de encontro a ella e pereceu no desastre horrivel que se seguiu ao enfraquecimento do partido republicano federal.

Nunca esquecerei a noite de 6 de Outubro de 1897, em que se reunio a convenção do Partido Republicano Federal para

escolher o candidato ás eleições que se deviam realizar a 1º de Março de 1898. Os convencionaes resolveram fazer a sessão no edificio do Senado Federal á Praça da Republica, na Capital Federal. Desde a tarde começaram a apparecer os convencionaes, assim como aquelles que estavam desejosos de saber o resultado da magna sessão. A' noite, as tribunas e as galerias regorgitavam de espectadores, que de intervallo a intervallo acclamavam delirantemente o nome de Julio de Castilhos. Apezar dos pedidos do presidente da sessão, que recommendava calma, a mocidade não se continha, acclamando todos os representantes do partido que haviam manifestado publicamente suas sympathias pelo estadista rio-grandense. Porém, quando a apuração começou a se fazer, e o resultado se manifestou contrario á geral aspiração republicana, de toda a parte irromperam gritos de protesto e a indignação patriotica explodio com fera energia, como um leão ao ser apanhado por traição.

Nesse dia Varela não descançou e eu o vi na sessão de um lado para outro, inquieto, sem poder impedir o seu patriotismo indignado, quando a surpresa traiçoeira de Glycério veio destruir esse castello de civismo que as almas republicanas tinham construido por si mesmas. No dia seguinte o «Jornal do Brasil» publica um vibrante artigo de Alfredo Varela, em que este analysa claramente a situação politica, já sem nenhuma contemplação para com o chefe parlamentar que lhe difficultara anida mais a solução. E á noite em sua casa eu o vi redigir esse celebre telegramma passado para o Dr. Julio de Castilhos, no qual os republicanos da Capital Federal, em nome do partido republicano brazileiro, faziam o protesto de continuar na propaganda salvadora.

Eis em breves traços o que se passou em 1897, anno em que Varela escreveu a maior parte de sua obra.

Parecerá que tudo isso não se liga directamente ao assumpto que nos serve de epigraphe. Mas cada homem e consequentemente cada obra sua, é filho de sua epoca e obedece ás aspirações dominantes nella, e por esse motivo estudamos a

epoca em que foi gerado o livro de que tratamos — Direito Constitucional Brazileiro —.

O problema não consistia então em simples mudança presidencial, e tanto assim que o candidato apresentado pela convenção do Partido Republicano Federal foi repellido, apezar deste ser tido como representante legitimo do florianismo e do radicalismo republicano. Fazia-se questão de Castilhos porque este representava, como representa actualmente, um programma politico completo, um plano de reforma, e era esperado como o homem destinado, não sómente a continuar Floriano Peixoto, mas tambem a realizar o que se podia esperar das convicções de Benjamin Constant.

A reforma da nossa constituição federal — tal era, como ainda é, a aspiração da élite republicana, reforma não como a querem os chamados «revisionistas:» no sentido de tornal-a de accordo com as nossas necessidades actuaes, dilatando o nosso imperfeito federalismo e dando mais consistencia ao poder central conforme as tendencias da nossa civilisação.

A constituição da Republica foi um producto do empirismo e confeccionada nas suas grandes linhas em obediencia ao afamado constitucionalismo de Montesquieu, modificado em parte pelas doutrinas democraticas em voga. Não foi, portanto, um resultado da sciencia politica fundada neste seculo pelo maior dos philosophos, como resultado da observação historica e do estudo da natureza humana.

Os constituintes agiram como os norte-americanos, no tempo de Washington, deixaram-se levar por uma observação empirica, sem methodo e sem doutrina alguma que os guiasse.

Consequencia de tudo isso foram os desastres administrativos que a sua pratica tem acarretado para a Republica. Como resultado do seu imperfeito federalismo, ahi estão os conflictos constantes entre os governos estadoaes e o federal, e que poderiam trazer consequencias funestas, se não houvesse para impedil-as o patriotismo das primeiras autoridades.

Por outra parte, o poder precario do presidente que não possue a faculdade legislativa, é origem das difficuldades cada

vez maiores para a resolução do problema financeiro. O Congresso, irresponsavel como eram os reis, cuida mais do interesse das facções que nelle dominam temporariamente, do que do bem supremo da patria. Os seus membros, na maior parte inexperientes nas cousas da governação, encaram-o antes como uma arena onde os contendores se disputam o premio de uma eloquencia oca, do que como um gabinete de trabalho arido mas proveitoso de administração publica.

Com o fim de propagar as idéas tendentes a sanar todos esses males escreveu o nosso illustre patricio a sua admiravel obra, que está destinada a produzir o mais benefico resultado nos homens que se preoccupam com os destinos patrios. E eis tambem a razão porque o seu autor deu-lhe o sub-titulo— Reforma das Instituições Nacionaes—.

O livro é dividido em onze capitulos, além do discurso preliminar. Em artigos subsequentes, analysaremos cada um delles em particular.

III

Começa a obra com um discurso preambular, em que o autor descreve magistralmente o estado em que se acha a sociedade occidental, depois que começou a dissolução da civilisação catholico-feudal, isto é, desde o XIV seculo.

Como a obra é essencialmente relativa á organisação politica, o seu autor occupa-se em apreciar a revolução moderna sob seu aspecto temporal, concentrando-a na sua ultima phase quando, vencida a aristocracia e subordinada á realeza, a luta trava-se directamente entre o povo (burguezia e proletariado) e o poder monarchico.

A sociedade divide-se então entre os partidarios do direito divino e os partidarios da soberania popular. D'ahi as lutas constantes que agitam os povos modernos e que só terminarão quando os estadistas, desprendendo-se das ficções

theologicas ou metaphysicas, reconhecerem as verdades scientificas da sociologia.

Uns e outros laboram em erro. Os primeiros, aquelles que desejam o restabelecimento puro e simples do antigo regimen, porque se baseam na doutrina theologica, cuja decadencia inevitavel e irrevogavel tem acompanhado o advento gradual e definitivo da sciencia. Os segundos, os partidarios da soberania popular, porque tomam como um estado definitivo da sociedade, um estado puramente transitorio e por pretenderem transformar armas de combate, em materiaes de construcção.

A harmonia governativa que existio na idade media, isto é, a solidariedade entre governantes e governados, desappareceu por completo. Actualmente não existe mais, como outr'ora, o respeito do fraco pelo forte, e a dedicação do forte pelo fraco. Governantes e governados se olham com desconfiança e com odio, os primeiros considerando o poder como destinado a opprimir os povos e os segundos imaginando que a sociedade deve estar em permanente hostilidade contra os seus chefes naturaes.

E essas duas tendencias podem se resumir nas seguintes doutrinas — democracia e parlamentarismo — de um lado, do outro — monarchia. — Nos povos europeos a luta trava-se principalmente entre democratas e monarchistas, nos povos americanos entre democratas e monocratas republicanos ou entre parlamentaristas e presidencialistas.

O estudo da historia vai mostrar que essas lutas não remontam sómente ao XIV seculo, mas são de uma origem trinta vezes secular, pois tiveram nascimento com a civilisação greco-romana. A. Comte demonstrou que até hoje só existio uma epoca verdadeiramente normal na Humanidade, e esta epoca denomina-se « theocracia ». Desde Homero que o Occidente vem experimentando uma dissolução lenta. A guerra de Troia iniciou o movimento revolucionario contra as instituições do Oriente, que na sua immobilidade pretendiam como que annullar toda aspiração ao progresso.

Uma das instituições caracteristicas da theocracia é o regimen das castas e contra esse regimen foram feitas as revoluções que na Grecia e em Roma instituiram a republica, na primeira destas nações sob o predominio da «democracia» e na segunda sob o governo da «aristocracia.»

Tiveram então começo as duas instituições que caracterisam esta revolução secular da Humanidade, «o regimen eleitoral e a ruptura da continuidade.»

Desde essa epoca o governo é considerado como tendendo naturalmente a opprimir os governados, conforme se deduz do que dizia um historiador romano, narrando a queda da realeza e a eleição dos dois primeiros consules: «Igitur Bruto, Collatinoque ducibus populus romanus regem repentè destituit: imperio in eosdem libertatis sue vindices transfert, et ex perpetuo annuum placuit, ex singulari duplex NE POTESTAS SOLICITUDINÆ, VEL MORA CORRUMPERETUR.»

Todos os preconceitos propagados ainda hoje como novidade pelos democratas têm sua estirpe nessas revoluções realizadas a trinta seculos. E por essa observação confirma-se mais a opinião de que esses principios têm origem quando um povo pretende libertar-se de um estado que se tornou oppressivo, mas que mostram-se impotentes quando se trata de fazer entrar novamente a sociedade em funccionamento normal.

Taes são os principaes vicios dos modernos systemas governativos: fragmentação do supremo poder, electividade dos magistrados, temporariedade do governo.

O autor do Direito Constitucional estuda essas tres questões nos capitulos IV, V e VI do seu livro. Ahi com abundancia de documentação, na qual revela grande e profunda erudição, mostra o autor a fraqueza dos governos que tomam taes principios como dogmas incontestaveis.

De facto o que foi o governo grego que é apontado como o modelo das democracias? Si fosse uma verdade absoluta a theoria que diz ser o caracter de um povo modificado pela sua organização, bastaria citarmos opiniões insuspeitas de autores

modernos e antigos sobre o povo hellenico para que ficasse provado ser a democracia o systema mais infelicitador da sociedade e mais proprio para desenvolver a corrupção.

Que mais se poderia dizer dos Gregos do que Tasso no seu sublime poema? E Joseph de Maistre? Mas a opinião de Voltaire é a mais insuspeita de todas: «povo vão, invejoso, inconstante, passando em um mesmo dia da temeridade á consternação, digno emfim do opprobrio no qual vegetou miseravelmente durante tantos seculos, sob as ruinas da gloria de alguns homens illustres e de alguns artistas distinctos.»

Mas bastará dizer que houvo um tempo em que todo mundo repellio com indignação o epitheto de «grego.»

Si é verdade que o povo grego não deve sua degradação exclusivamente á fórma democratica sob a qual se governava, não se póde negar todavia que ella contribuio immensamente para a anarchia em que elle viveu constantemente.

O povo romano, apezar do predominio aristocratico, foi organisado tendo em vista os tres principios dissolventes acima enunciados. E si a sua organisação foi mais estavel deve-se isto ao admiravel alvo que se propunha a conquista pela civilisação — alvo este que afastando de Roma as naturezas de «élite» e distrahindo o povo com as guerras longiquas, não deixava tempo a que se desenvolvesse o espirito de facção, conservando a eterna cidade o seu vigor e poderio.

Entretanto um historiador observa que Roma triumphante e gloriosa no exterior vivia dentro de seus muros entregue ás lutas partidarias. O que prova que apezar dessa probidade intrinseca do povo romano, de que falla o autor do «Espirito das Leis,» as suas frageis instituições foram entre outras uma das causas que apressaram a sua dissolução e decadencia, depois que seu destino historico foi preenchido.

Da observação meditada das historias grega e romana chega-se á conclusão que Roma e Grecia viveram constantemente á mercê das lutas entre a democracia e a aristocracia, igualmente impotentes para governarem uma epoca de dissolução. Tal é a opinião de Puffendorf, que recommendava o governo

de um só, ou a — monocracia. — E era o que fazia Roma nas occasiões de perigo durante a republica e o fez mais tarde definitivamente sobre a gloriosa iniciativa do incomparavel Cesar.

RAUL NIELSEN.

(O *14 de Julho*, de Uruguayana).

Livros Novos

Rio Grande do Sul.— Descripção physica, historica e economica, por Alfredo Varela.

E' uma obra de bastante merito, escripta sobre um plano elevado e fóra do vulgar e, acima de tudo, sob um ponto de vista que logo revela o grande apego do seu autor pela terra natal.

O primeiro volume que sahio á luz ultimamente não é assim um livro banal, ao alcance de qualquer penna que o quizesse traçar, capaz de ser produzido por qualquer intelligencia mediana, como acontece quasi sempre em escriptos congeneres. Estes, em geral, demonstram na mór parte das vezes; antes um trabalho paciente e perseverante de compilação ou de cópias de archivos e de actos publicos do que um producto de longas investigações, em que o cerebro funcciona como agente que indaga conscientemente em vez de um simples repetidor do que fôr lendo nos documentos consultados.

Ao Sr. Alfredo Varela, ao contrario, o facto, a estatistica, a informação official, as publicações já feitas, servem simplesmente de bases elucidativas ou de pontos de discussão. A critica, formulada pelo seu espirito culto e adiantado, predomina nos menores detalhes, tira conclusões a cada passo ou a cada incidente, imprime uma nova interpretação, demorando-se na pesquiza do que parece confuso ou do que ainda não foi bem averiguado.

Ha mesmo muitas observações originaes, o que não é para admirar em um paiz tão mal ou melhor tão pouco estudado como o nosso. E justiça é registrar-se que, por este motivo, torna-se o illustre escriptor riograndense credor dos mais merecidos encomios, especialmente quanto á parte geographica da sua obra, em que não só são feitas innumeras correcções aos erros de que estão eivados muitos mappas e trabalhos didacticos, como tambem pela soberba descripção do aspecto physico da uberrima zona do extremo sul, descripção com que se abre o livro.

Nesta parte ainda ha mais cinco capitulos, tres dos quaes dedicados ao clima, ao céo e á paysagem, em que se vêem desenrolar com delicioso prazer os mais encantadores panoramas, e dous dedicados ao estudo do povo e da gloriosa e agitada historia dos pampas.

E' ahi que o Sr. Varela revelou todas as suas qualidades de escriptor erudito e de estylista que não póde conter o seu temperamento ardoroso e pujante, brilhando nas impetuosidades da linguagem eloquente e febril com que celebra todos os fastos heroicos do seus conterraneos, desde a fundação das primeiras estancias, até ao fim da epopéa dos *Farrapos* e dahi, através das lutas com as dictaduras de Rosas e de Lopez, até a proclamação da Republica e a subsequente revolução federalista, que ainda é de hontem e que ainda não póde ser julgada sem paixão pelo espirito contemporaneo.

Entretanto, força é confessar-se, o distincto publicista se nos afigura talhado para ser um profundo historiador, se acaso se resolver a entregar-se a este genero de estudos, que tem tido tão poucos cultores entre nós, deixando entre os vivos tão raros continuadores de João Lisboa, Porto Alegre, Candido Mendes e alguns mais.

E de facto, as paginas em que o Sr. Varela se occupou da revolução de 1835 são dignas de uma menção especial.

Todos os episodios receberam um relevo admiravel, todo o tumultuar das paixões politicas foi acompanhado sem uma solução de continuidade, com uma pujança de analyse

extraordinaria, com uma firmeza e precisão verdadeiramente notaveis.

Vê-se que o escriptor conhece a fundo o terreno em que pisa: as descripções dos scenarios deixam uma impressão indelevel, o caracter dos homens salta a cada phrase em que são esboçados.

Sobre as questões contemporaneas, ha tambem no livro do Sr. Varela um repositorio riquissimo de documentos e revelações que o historiador do futuro consultará com proveito, quando tiver que se occupar da vida accidentada daquelle povo nestes ultimos annos.

Não menos interessante é a segunda parte do volume, na qual se encontra a descripção physica do Rio Grande, assim como a terceira, inteiramente occupada pela descripção politica, resumo precioso de toda a organisação do Estado, já sobre a administração nos seus differentes ramos, já sobre a divisão eleitoral e influencia dos municipios como forças politicas de primeira ordem.

A ultima parte, consagrada a *evolução politica*, é muito extensa e nella é proficientemente estudado o progresso riograndense, quer sob o ponto de vista material, vias de communicação, agricultura e criação, industria, commercio e regimen bancario, quer sob a situação espiritual do povo.

A tão debatida *Constituição riograndense* recebeu tambem do illustre escriptor uma analyse detida em que se demora a demonstrar quanto tem sido ella mal julgada quando a accusam de *extravagante, anti-democratica, positivista, monstruosa,* chegando a ridicularisal-a em todos os tons ou a pedir a sua substituição. E sempre assim, em estylo alevantado e elegante, chega o autor aos dous ultimos capitulos, em que se occupa das rendas e dos recursos de seu estado, provando com innumeros dados estatisticos o grau de prosperidade e riqueza a que chegou presentemente, e fazendo um largo confronto com a receita da União.

Taes foram as impressões que nos deixou a proveitosa leitura do excellente livro do Sr. Dr. Alfredo Varela, que, se

já era reconhecido como um escriptor de merito e de talento brilhante, revelou-se neste seu ultimo trabalho um historiador de muito futuro, sobrando-lhe como lhe sobram, um espirito erudito e investigador e um amor entranhado á nossa patria, digna sem duvida que os seus filhos a elevem tanto quanto a grandeza de suas terras lhe promette a mais venturosa destinação social.

(*Jornal do Brasil*).

DUNSHEE DE ABRANCHES.

Rio Grande do Sul — Descripção physica, historica e economica por Alfredo Varela — Volume I, 1897 — Echenique e Irmão, editores — Pelotas e Porto Alegre.

E' um volume in-8° grande, de 507 paginas, cuja feição se torna no todo sympathica pela fogosidade patriotica com que é escripto. Vê-se logo que o A. é moço e ardente em seus impetos, donde provém bem visivel exageração em opiniões de caracter politico, sobretudo, em algumas das quaes se mostra intransigente. Não se lhe póde, porém, negar enthusiasmo nem ufania pelas coisas patrias, o que por certo suggestiona logo agradavelmente o espirito do leitor.

As primeiras palavras que abrem a obra de prompto nos impressionam bem : « Em meio, diz o A., de séria e dolorosa doença de olhos, foi traçada a parte principal deste livro. Rodeado de trevas, meu maior tormento era imaginar que não me seria dado rever a terra sagrada onde jazem a minha mimosa mãi, meus bons avós — a patria querida em que tive a honra de nascer. »

Resente-se o estylo de todo o livro da impetuosidade de genio de quem o produziu. As descripções da natureza são um tanto confusas, baralhadas, mal definidas nos contornos geraes, mas sempre coloridas, quentes, n'uma abundancia de pormenores, em que a imaginação se espraia fertil, exuberante, embora com prejuizo da accentuação e clareza das paizagens esboçadas

E essa mesma impetuosidade se reflecte na parte historica em que nem mesmo o passado se mostra desanuviado das insufflações parciaes, sinão perigosas, do presente. E isto prejudica tambem na obra o lado meramente descriptivo, geographico e ethnographico, cuja indagação não nos parece bastante aprofundada e de accordo com estudos calmos, serenos, em que a paixão nada tem que ver.

Sem resalva alguma, porém, muito e muito apreciámos as primeiras 24 paginas, e para chamarmos ao nosso lado quem nos esteja lendo, não duvidamos fechar esta resumida noticia critica com a seguinte e longa transcripção: « Nesta madrugada, a paizagem era quasi de todo indistincta e fugitiva; tudo em meias tintas, mal entrevendo-se o campo com a luz indecisa, ainda não vencedora da sombra. Mas que tons de côr, vagos quanto interessantissimos naquella visão da alvorada! A cada instante que corre, a immensa campina muda de aspecto; nevoas se dissipam, a claridade desce aos espaços mais sombrios, a configuração do terreno vai se destacando com o seu colorido, e a Natureza se mostra paulatinamante, como si um artista invisivel fosse, em successivas pinceladas, traçando a pintura inegualavel! De tudo porém, o que mais nos captiva é escutarmos em meio daquelle acordar da immensa planicie uma como que remota musica, indefinivel, mas poetica, a que ousamos chamar — a voz da pampa —, mixto de todos os sons, primeiro pipilar dos passarinhos, querulos de aves varias, mugido do gado—ouvidos de mui longe e que se agrupam em accorde harmonioso, numa surdina que parece evolar-se da propria terra, pois que o descampado está em socego e na apparencia ermo, em solidão completa! »

Não é tão bonito, ou melhor, não é tão bello?

VISCONDE DE TAUNAY.

(*Revista Brazileira*).

♣

O Rio Grande do Sul, por Alfredo Varela

O enthusiasmo com que foi suffragado, no recente pleito eleitoral, o nome laureado do intrepido publicista cujo nome se lê mais ao alto, justifica a tardia razão por que ora publíco o presente artigo, desde muito esboçado e esquecido entre outros papeis meus.

Perdera a opportunidade, e só agora a titulo de sympathica homenagem devida áquelle galhardo amigo, é que deliberei estampar as seguintes linhas.

I

Injustamente acolhido com um silencio pertinaz, que bem póde ser qualificado de — hostil, o *Rio Grande do Sul*, parece-me, deveria já ter provocado mais de uma discussão historica ou geographica, ou outra, no tocante aos diversos problemas que essa obra superior estuda com grande elevação de vistas.

Quanto a mim, se bem que publicamente seja esta a primeira vez que fallo do excellente livro; e tambem a primeira occasião em que, pela imprensa, discuto com o Dr. Varela, todavia prestei o devido apreço a trabalho tão attrahente e profundo como é o *Rio Grande do Sul*, segundo ver-se-á além.

Em correspondencia intima, sim — já discutimos. Epistolarmente temos trocado, ambos nós — elle e eu — o nosso modo de ver acerca deste ou d'aquelle facto politico, historico ou geographico.

Não obstante porém a respeito de muitas questões acharmo-nos em franca divergencia, não só devido á orientação philosophica como a certos preconceitos de detalhe, que nos separam, ainda assim a sinceridade de suas opiniões, o seu profundo saber, o bom senso, o talento e a disciplina intellectual com que elle aborda os complexos assumptos da actualidade social brazileira, politica e economica, ora pela imprensa

ora pelo pamphleto, ora pelo livro — tudo isso constitue uma forte somma de predicados que me attrahem, occasionando esse agradavel choque de idéas, que faz lembrar-me o que aquelle subtil e penetrante Edmond Scherer dizia de um seu antagonista, tambem eminente : *Frotter mon esprit à son esprit*.

Desde já direi, aliás, que não é opportunidade para applicar ao caso presente os principios criticos que conviriam n'outras circumstancias ; isto é, se em vez de fruir o favor das columnas de um diario politico, podesse commodamente instalar-me nas paginas de uma revista litteraria: *Chacun á sa place.*

Sim ! Procurar distinguir, e apontar na esthetica e sciencia do Dr. Varela as suas particularidades estylisticas, para descobrir o ponto de vista que presidio á expansão dos sentimentos predominantes no autor (e para mim que o conheço tão de perto, isso não seria o ponto mais difficil...), a exactidão de suas creações, estudos, relações e conhecimentos, para depois remontar á sua pessoa e acção, em face do meio e do momento, — sería bom caminho a seguir.

Como, entretanto, não se póde fazer critica em um diario cuja missão—sendo a de defesa dos mais transcendentes interesses da collectividade brazileira, como sobrar espaço se não para a resumida e despretenciosa controversia que teve logar atravez da amistosa correspondencia particular?— pelo que não posso circumscrever-me ás formulas escholasticas do criticismo rhetorico.

II

Da Capital Federal escreveu-me o Dr. Varela, em Outubro de 1897, a seguinte carta, repassada de uma certa ironia velada de quem não gosta de errar, e cuja resposta foi a summula que adiante se lê :

« Só agora posso responder á tua apreciada carta de 11 do proximo passado. E's lisongeiro com o meu livro: discordas, porém de algumas partes, que vou justificar. Antes de o fazer,

deixa-me dizer-te que és muito injusto, crendo que podessem melindrar tuas criticas: de ninguem, quanto mais de um amigo!

« Estás tanto mais errado quanto estranho que fales em « desdem supremo dos positivistas pelo engenho progressivo de espirito humano, » conceito que reputo de fraca orthodoxia.... O tom imperativo que descobres em mim, não me veiu, se o tenho, do positivismo, e sim talvez da profunda convicção com que affirmo minhas crenças: esse é o tom dos grandes convencidos. Só as naturezas dubias e as frageis convicções falam de outro modo.

« Vamos ás discordancias, por partes. Observas que desprezei Eliséo Reclus e Herbert Smith, não lhes aceitando as theorias geologicas sobre o Riogrande, nem adoptando outras.

« Como ia eu commetter essa heresia, se os meus principios repellem tão inuteis divagações? Dize-me, qual a utilidade de saber as cousas a que alludes, da « caprichosa » fórma da zona nordeste? Qualquer pagina a esse respeito daria ao meu livro um cheiro scientifico, mas não sei o que ganhariam com isso os nossos patricios.

....

« Tens toda a razão no que dizes sobre o effectivo do exercito de Barbacena. Esqueces, porém, que tal « descuido » só podia ser attribuido á imprensa, aggravado pelo do revisor. Esqueces tambem que não de « hoje é facto incontrovertido que o effectivo era de 5140 homens. » Desde muito que o numero dos milhares é incontrovertido: só ha desaccordo quanto ás centenas á mais, ou menos. Não podia commetter erro tão grosseiro quem tinha em casa dados como estes:

« Em 1852, Titara deu ao exercito 5007 homens; em 60, Caxias (Mem. Machado de Oliveira) deu 5047; em 74, Seweloh, 6616, dos quaes excluindo 1353 ausentes, ficam 5263; em 64, Pascual, 5327; em 68, Paranhos, 5567; e modernamente, Alcides Lima, 5000.

« Erras sustentando que o exercito não foi perseguido. Contra o allegado ha o testemunho irrecusavel da tradição popular. O proprio Seweloh, um dos derrotados, que devia estar com a vaidade ferida, como todos os seus camaradas, confessa que houve perseguição das 2 ás 4 horas...

«... Não tenho noticia de fazendas vicentistas existentes desde 1640.

«Onde leste isso? Censuras ter eu «omittido o concurso dos naturaes de S. Vicente,» e terminas perguntando: «como foi que o nosso solo se povoou de gado?»

«Não ha tal: comprehendi o affluente paulista, como outros de origem brazileira, no grande caudal portuguez. A pergunta tem esta cabal resposta: não precisamos dos paulistas para explicar a genesis dos gados do sul: introduziram-nos os hespanhoes. — Tanto é mais logico admittir esta versão, que tu mesmo affirmas terem fundado fazendas de criação os vicentistas entrados do seculo XVII. Se as fundaram, é porque já havia gado... Acreditar que o levassem de S. Vicente?

«Absurdo. Atravessar sertões com elle para que? Não comprehendo...

«Pelo contrario, alguns sertanistas ficaram, porque naturalmente os incitou a abundancia dos gados já existentes.

«A orthographia de que usei não é a mesma que se vê no livro. Vendo na evolução da nomenclatura geographica portugueza a tendencia para soldar num só os differentes vocabulos de toda denominação composta, como *Val de Vez*, hoje graphado *Valdevez*, entendi seguir a razoavel corrente, que nos traz muitas vantagens de tempo, etc.. Não fui tão longe, porém, como em Portugal: limitei-me a unir as denominações compostas não intermeadas da particula *de*: *Portoalegre*, *Riogrande*; as outras continúo a graphar como usualmente; por exemplo, villa de *Cima-da-Serra*, *Piratiny-da-orqueta*, etc. Até mesmo naquellas denominações, mantenho separação sempre que nellas concorre um nome proprio. Exemplo: *Alto-Uruguay*, *Nova Petropolis*, etc. A typographia, porém, fez o que quiz.»

III

Posteriormente recebi novas cartas de Varela, e n'uma das mais recentes declara-me que « tem prompta para entrar no prelo uma 2ª edição do *Riogrande-do Sul,* em que não só aproveita as observações de Smith como as ultimas observações e estudos effectuados pela *Commissão das obras da Barra.*» De modo que, só essa declaração serve para provar evidentemente que o illustre escriptor adoptou nova orientação para dirigir o seu ultimo trabalho, competentemente refundido. »

Quanto á theoria de Herbert Smith, exposta em precioso livrinho que teve pequena circulação, e hoje está completamente fóra do mercado, ella será publicada em o proximo *Annuario* do illustrado e benemerito Dr. Graciano de Azambuja.

O erro mais profundo em que parece laborar o Dr. Varela, consiste em querer reduzir a physionomia do riograndense, apenas á cruza do açoriano com o indio. Não quero aliás assumir a pesada responsabilidade de accusar o Dr. Varela como autor de um erro. Nesse ponto, porém, influenciou-se por preconceitos arraigados em muitos historiadores seus predecessores. Não se nega que foi larga e preponderante a influencia açorita, na formação do caracter riograndense: ella, porém, não foi nem exclusiva nem decisiva até o meiado deste seculo XIX.

Anteriormente á introducção dos ilhéos, o Rio Grande já estava sendo povoado por gente de origem luzitana, mas já obnubilada pelo meio brazileiro: o bandeirante é um enigma perante a ethnographia brazileira; porém, é elemento que entra suggestivamente com importante cabedal na constituição da civilisação sul-brazileira. Ora o bandeirante não é precisamente um caracter identico ao do açorita.

A dessemelhança é notavel e extremada.

Pois bem, Varela, partindo do ponto de vista em que se collocou, sustenta *com o tom dos grandes convencidos,* porque « só as naturezas dubias e as frageis convicções falam de outro modo, » que ainda até hoje o poder publico deveria

fomentar a immigração açorita para o Rio Grande, de preferencia ás populações allemã e italiana, esquecendo-se de que os 60 casaes que fundaram Porto Alegre eram analphabetos; esquecendo que a região nordeste do Estado (Torres, Santo Antonio, Conceição do Arroio e Gravatahy) é incontestavelmente aquella onde menos se tem accentuado o progresso quer agricola quer pastoril; esquecendo-se de que o habitante dessas paragens (que se podem extender até Mostardas e Estreito) não tem o espirito de iniciativa peculiar aos habitantes de outras regiões co-estadinas, nem a agilidade caracteristica do habitante destas outras zonas.

O numero de ilhéos transportados para o Rio Grande foi superior a 6000; porém o contingente advindo de S. Paulo foi, quiçá, muito superior, sem contar com o que forneceram Santa Catharina, os hespanhóes do sul e os indigenas das reducções missioneiras.

E é tanto mais de estranhar o desdem de Varela para com os paulistas invasores, quando sei eu que elle tem grande veneração por um dos mais audazes sertanistas de S. Vicente — Manoel Dias da Silva.

Achava-me eu em S. Paulo, nos primeiros dias de Maio de 1896, quando, em nevoenta e fria manhã, recebi a seguinte cartinha: «Alcides, Leio em jornaes d'ahi que nos escombros da igreja do *Collegio* foi encontrado o despojo mortal de Manoel Dias da Silva. Indaga que destino lhe deram. Não ignoras que é um dos exploradores da nossa terra e desejo iniciar qualquer idéa de dar-lhe sepultura digna. Vê se alguem tomou conta, e trata de impedir que se descaminhe. Rio, 17—5—96. *Varela*» (1)

(1) Poucas relações, nessa época, eram as que eu mantinha em S. Paulo. Entretanto, procurando o Dr. Leopoldo de Freitas, este me deu uma apresentação ao Dr Antonio Piza, erudito director da repartição do Archivo Publico e Estatistica de S. Paulo. Espirito cultissimo e muito dado ás investigações da Historia Patria, o Dr. Piza, apóz acurada busca, concluiu que os ossos em questão não eram os do audaz aventureiro, porque o heróe de Cima da Serra fallecera nos arredores de Cuyabá e lá ficara sepultado: eram os despojos de seu pai.

Fundo-me nos seguintes dados para acreditar no primitivo estabelecimento dos velhos paulistas-nas plagas deste extremo sul.

« Em 1653 nos desertos campos da Vaccaria um P. Alfaro arrostara guerra guerreada aos Paulistas mandados pelo mestre de campo Manoel de Campos Bicudo » — *Annaes da Prov.* por S. Leopoldo (pag. 242 e 243, 2ª ed.).

Handelmann *(Geschichte des Bras.)* refere que desde os meiados do seculo XVII era corrente o trafico de mercadorias de S. Vicente com os estabelecimentos do Rio Grande do Sul.

Monsenhor Pizarro escreve: « He desconhecida a epocha em que o Continente do Rio Grande se principiou a povoar de gente não india, por não existirem memorias exactas d'esse facto: e comtudo he certo que seus habitantes primeiro transitaram das Villas de Santos, S. Vicente e São Paulo, e que muito antes do anno de 1680 haviam ahi agricultores das terras, os quaes se foram augmentando depois da passagem de Domingos de Brito Peixoto (2) da Ilha de Santa Catharina para a Laguna a quem seguiam muitos Vicentistas, Santistas e Paulistas, atravessando o interior d'essa campanha assás extensa » — *Memorias Historicas* do Rio de Janeiro por J. de S. Az. Pizarro e Araujo, tomo 9º (Rio, 1822, pags. 334 e 335).

Ayres de Casal relata que « nos principios do seculo XVII, ou fins do precedente, mudaram alguns Vicentistas seus estabelecimentos para as visinhanças da Lagôa dos Patos, e seus descendentes foram-se extendendo para o Sul e poente, á proporção que os indigenas lhe largavam o terreno »... « ... estes povoadores foram sempre considerados como povos daquellas capitanias, e designados ora com o nome de Vicentistas, ora de Paulistas, até que com a criação da

---

(2) Parece que foi nessa occasião que vieram Cosme da Silveira (fundador de Viamão), Garcia Dutra, João de Magalhães (fundador de Santo Antonio da Patrulha) e muitos outros que ficaram acantonados entre o Gravatahy e o Capivary.

provincia tomaram o de *continentistas* » — *Corographia Brasilica*, vol. I, pags. 93 e 96).

Fallou-me o conhecido escrivão João Vieira, de Porto Alegre, que em seu cartorio, o 1º de civel e crime, encontram-se autos de uma medição requerida por um Bittencourt, em 1711.

Em 1633, 1639, 1637, 1638, 1641 e 1652 houve terriveis invasões de bandeirantes que ordinariamente assolavam o Rio Grande incipiente, sobretudo a florescente região Missioneira.

Pisaram, então, este solo amado os mais destemidos sertanistas paulistanos, como Bicudo, Frederico de Mello, Antonio Raposo, (3) Dias da Silva e outros.

Em 1620, numa dessas aventurosas excursões (cuja historia está a pedir um consolidador), muitos milhares de indios Patos foram levados para S. Vicente.

O sabio Rio Branco *(op. cit.)* narra que a região povoada pelos paulistas era delimitada pelo Ijuhy e Serra Geral ao Norte; pelo Taquary a Leste; pelo Jacuhy e o Ibicuhy ao Sul e o Uruguay ao Oeste.

« Em 1737 os paulistas tinham estabelecimentos ao Norte do Jacuhy » — *op. cit.*, pag. 102.

O rio Jacuhy no tempo em que o nosso bello Rio Grande chamava-se « provincia Tappe » tinha o nome de Igay e tambem Phasido: o Taquary era o Tebicuary ou Espirito Santo.

O Cahy e o Rio dos Sinos, bem como a Lagôa dos Patos já eram conhecidos; consultem os preciosos mappas

---

(3) Ácerca desse Raposo ha controversia. Outro dia, em data de 22 de Dezembro proximo passado escrevia-me o citado Dr. Piza e Almeida, uma interessante carta em que dizia: « Recebi hoje um exemplar do *Annuario do Estado do Rio Grande do Sul*, do Dr. Graciano de Azambuja... emtanto cumpre-me dizer-lhe desde já que discordo do barão do Rio Branco quando affirma que o chefe paulista que invadiu o Guayrá em 1629 foi Antonio Raposo TAVARES. Este sertanejo paulista foi chefe da expedição que de S. Paulo foi ao soccorro de Pernambuco contra os hollandezes. O chefe que foi ao Guayrá era um outro Antonio Raposo, que não se assignava TAVARES. Vide vol. IX, pags. 92 e seguintes, do *Archivo do Estado de S. Paulo*, publicação official de documentos interessantes sob minha direcção.

com que o eminente barão de Rio Branco instruio a sua grandiosa e memoravel *Exposição* junto ao governo de Washington, que nenhuma duvida restará acerca do conhecimento d'essas paragens no seculo XVII.

IV

Porque motivo pretendo que o sangue paulista tenha influido no rio-grandense ?

Dir-me-hão, como Varela já me advertio, que o affluente paulistano subordina-se ao caudal luzitano. Eu, porém, quiçá bem erroneamente, tenho a crença, um tanto convictamente accentuada de que, pela mesma razão segundo a qual o brazileiro de hoje não é o mesmo que o portuguez de hoje, igualmente, o paulista de ha dous seculos atraz, devido ao phenomeno da obnubilação, (5) já havia despido copioso cabedal dos caracteristicos constitutivos da raça portugueza, e tinha enroupado alguns dos componentes da raça aborigene, então conquistada a ferro e fogo.

O paulista, sim, é o resultado directo da fusão do luzitano com o indio. Do mesmo modo o bahiano representa no grande componente heterogeneo onde repousa a nacionalidade brazileira, em pequena escala, uma herança forçada da cruza do portuguez com o africano. O pensador Bagehot ensina que nada se sabe da mysteriosa operação, pela qual se formaram as grandes raças humanas: é uma força desconhecida que actuou fortemente nos primeiros tempos e inactivou-se nestes ultimos. Tratava-se no Brazil de vencedores e vencidos ;— os vencedores eram os europeos, os vencidos eram os indios ou os negros que aquelles iam roubar ás remotas paragens do mysterioso continente Lybico. Uma vez

(5) Quem desejar conhecer como se deu a OBNUBILAÇÃO brazileira leia a admiravel obra de Araripe Junior — *Gregorio de Mattos*, e a collecção da extincta *Vida Moderna*.

subjugados, indios ou negros, observava-se o seguinte, tambem enunciado por Bagehot em suas *Lois scientifiques du developpement des nations:* os homens foram reduzidos á escravidão e as mulheres foram desposadas pelos submissores.

Ora, como é pela mulher que ordinariamente se transmittem as heranças biologicas, pode-se, facilmente, chegar a este resultado: os portuguezes seduzidos — no norte pela negra mina e no sul pela china, obliteraram desde cedo a pureza da sua raça nativa. E como as suas capitanias, Bahia e S. Vicente, são as mais antigas fundações brazileiras, de que outro modo, senão desse, começou a mestiçagem nacional?

O legado portuguez, na sua fatalidade biologica, aliás germinou e floresceu exuberantemente quando brotou a flor nova do *bandeirante*. Este sim, o *bandeirante* não é outra cousa, acredito eu, sem a minima pretenção de desvendar o oraculo, (6) mais do que o producto do peninsular obnubilado com o indio. Em recente escripto, que ignoro ter ou não merecido as honras da publicidade, esbocei ao de leve o fundamento da minha crença acerca da ethnographia do bandeirante.

Não ha quem ignore que a tendencia do peninsular iberico, aventureira por excellencia, tenha alcançado a sua expansão maxima durante a Renascença. E assim foi que os seus feitos e proesas irradiaram em direcção ás mais longinquas regiões terraqueas, notabilisando-se pelo denodo e rapacidade. Foram tão longe que com razão, os dous mais poderosos monarchas peninsulares, Carlos V e D. João III, gabavam-se de que « em seus dominios o sol não tinha ocaso. »

Pois bem, cá em terras incultas, recem conquistadas, os portuguezes sentiram fremir-lhes o mesmo ardor expansivo

---

(6) O Sr. Sylvio Roméro, em livro ultimo com o titulo *Estudos de Litteratura Contemporanea*, apontando o *bandeirante* como o mais importante factor do povoamento do interior do Brazil, limitou-se a formular a interrogativa: *Quem eram os bandeirantes?*

Tambem pergunto eu: *Quem eram?*

que os levou, na Europa, á conquista do mar Tenebroso; e aqui, á exploração rude e bravia, do ouro, da prata, das esmeraldas e dos indios.

A terceira geração dos Paes Lemes, dos Bicudos, dos Pires, dos Buenos, dos Prados, dos Andradas, dos Camargos, dos Taques, dos Proenças, dos Toledos, dos Laras, dos Arouches, dos Moraes, dos Amaraes, dos Campos, dos Gayas, dos Abelhos, dos Borbas Gatos, dos Prates, dos Anhaias, (7) e de todos quantos tinham o nome não só na *Nobiliarchia Paulistana* como em outros codices nobiliarchicos de Portugal ou Hespanha — a terceira geração sahida desses troncos venerandos, já formava uma raça nova. E esta raça nova, mesclada com indios; açorianos e hespanhóes (restos das expedições militares que talaram o Rio Grande em fins do seculo passado e principio deste) — é que constitue o sedimento do actual typo riograndense.

Não tenho a minima pretenção de discutir phenomenos de tão elevada magnitude; porém, a minha curiosidade enveredando-se, ás vezes, por esses meandros tortuosos e obscuros, necessita lançar mão do methodo historico comparativo afim de pedir um pouco de luz bastante que dissipe o cahos que envolve essas velharias.

E de todas as hoje remotas expedições guerreiras de outr'ora ou das caravanas com fito especulativo ou traficante não iam ficando após cada acampamento, restos isolados e dispersos, como os detrictos que as correntes oceanicas arremessam ao longo das praias?

E esses troços não contribuiram para nada?

Durante as guerras travadas, encarniçadamente, em fins do seculo passado as levas de soldados remettidas de S. Paulo para o Rio Grande foram avultadas (Vide a publicação off. do Arch. Publ. de S. Paulo—30 vols.)

---

(7) Todos esses nomes, excepto dous ou tres, têm milhares de descendentes aqui no Rio Grande.

Assim, d'ess'arte fica demovida a exposição da pag. 28, quando diz: « Em 1715 houve a primeira entrada de portuguezes, (8) e logo depois outra, ordenadas ambas, com o fito de desvendar as terras, pelo governador do Rio de Janeiro, Francisco de Tavora, que para isso enviou instrucções ao capitão-mór da Laguna, Francisco de Brito Peixoto. Seguiu-se a expedição ao mando de João de Magalhães, que deixou estabelecimentos; as primeiras *estancias.* »

Entretanto á pag. 255, Varela volta a affirmar desta vez contradictoriamente, o seguinte: « ... e por isso suppomos que os VICENTISTAS (desde 1735 começaram elles a fundar *estancias* no Rio Grande do Sul, estabelecendo-se pelas alturas de Viamão) (9) é que deram em suas excursões com o canal por onde entrou Paes, e divulgaram a sua existencia.»

Finalmente, Varela não tem razão quando insurgindo-se contra a emigração germanica, lamenta que os poderes publicos se não resolvam a fomentar o exodo de nova corrente açoriana para o Rio Grande.

Evidentemente, o patriotico publicista não quiz lembrar-se da proverbial ignorancia dos ilhéos, talvez olvidando que, para não ir muito longe, os sessenta casaes que povoaram Porto Alegre eram analphabetos; e nem tão pouco quiz lembrar-se de que a zona colonisada pelos açoristas é a mais rotineira, a mais inculta, a mais pobre e a unica decadente em todo o Estado. Varela quererá desconhecer o poder regressivo da indolencia alliada a ignorancia.

---

(8) Não eram portuguezes. Mais uma vez o illustre autor trocou paulistas por portuguezes. *Domingos* de Brito Peixoto era natural de S. Paulo e pertencente a antiga e conhecida familia dos Peixotos, cujo nome anda, hoje em Gaviões Peixotos (inf. do Dr. Antonio Piza).

(9) Deu-se este facto em 1720 e não em 1735.

V

Se a parte historica do *Rio Grande do Sul* foi tratada com um extraordinario *parti-pris* açoriano, tanto mais incomprehensivel quanto Varela de subito, inesperadamente, insurgindo-se contra certas denominações geographicas dadas pelos luzitanos, deixa o leitor suspenso e sem poder atinar porque insiste em apagar o expressivo e pittoresco termo *Viamão*, para substituil-o pela infecunda denominação *Setembrina*, de tão sangrenta recordação; pois bem, se a relação historica nem sempre é bem equilibrada, e se desordena, — as outras partes tratam de cousas admiravelmente bem conduzidas e jámais tratadas com tamanha segurança e novidade por seus predecessores.

O trabalho referente ás aguas, é completo, e aproveitando todos os dados que o actual estado de conhecimentos permitte fornecer, Varela deu-nos o mais que se lhe podia exigir. Sem ter sido rigorosamente habil com o seu eloquente estudo — *O Relevo do territorio*, todavia encerra as mais preciosas observações até agora compendiadas á respeito da complicada orographia riograndense.

Varela deveria ser menos abalançado quando emprega a denominação de Continente dada ao Rio Grande.

Sempre era bom ter consultado o que disso diz Reclus. Mas a primeira parte, inscripta sob o titulo generico de *Descripção geral*, merecendo especial menção os capitulos I, II, III, e IV que descrevem aspecto, paizagem, céo e clima, deslumbram e seduzem com a impetuosa magia de estylo.

Pela severa disciplina intellectual que lhe subordina o espirito, pautada pelo positivismo philosophico, Varela tem muito escrupulo na leitura das obras litterarias que a actualidade imprime, evitando cautelosa e resolutamente tudo quanto apparece com o sabor de cousas da moda. Despreza os magnatas litterarios da ordem do dia, e, entretanto, delicia-se com a litteratura classica; sem comtudo aborrecer o romantismo.

E desses, dous ha que lhe deixaram viva reminiscencia que hoje se descobre atravez das suas melhores paginas descriptivas: Chateaubriand e Michelet.

De quanta poesia se engrinalda e enflora a paizagem riograndense, quando Varela lh'a vai sorprehender em seus silenciosos contornos geraes!

E quanta côr quente e feitio seductor a sua penna, evocativa e poetica, sabe dar á natureza viva da nossa terra amada! » ... valles encantadores, onde o homem contemplativo desejaria embrenhar-se e nunca mais d'ali saír, tal é a attracção magica da Natureza.»

Se Varela se dedicasse ao romance de costumes, o seu poder descriptivo seria unico e sem rival no Brazil: poderia eu dizer d'elle: «... paginas encantadoras, onde o homem intellectual desejaria enlevar-se e nunca mais fechal-as, tal é a attracção magica do estylo.»

Encruzilhada, 1900.

ALCIDES CRUZ.

Dr. Alfredo Varela

Abrimos espaço ao seguinte escripto que nos enviou o nosso collega de imprensa Achylles Porto Alegre em justa homenagem ao intrepido publicista republicano Dr. Alfredo Varela:

« A commissão central do partido republicano apresentou, pelo 4° districto, a candidatura deste illustre patriota, a deputação federal, no proximo pleito de 31 de Dezembro.

Ninguem que se interesse pelas cousas riograndenses desconhece os inestimaveis serviços que ao amado torrão natal tem prestado o Dr. Alfredo Varela. Elle pertence a essa legião de fortes, que, nestes ultimos annos, surgiu á tona da politica brazileira, e, temerario na luta, tenaz no esforço, bate-se heroicamente pela victoria final da Republica.

Elle pertence á mocidade que na academia do Recife pregou o sereno ideal do govêrno do povo pelo povo, e queimou cartuchos na defesa dos brilhantes principios da democracia pura.

Talento de *élite*, de um solido preparo scientifico, o Dr. Alfredo Varela é um polemista de raros dotes de analyse e um escriptor de firmes requisitos de arte.

O seu estylo é masculo, fluente, incisivo, penetrante. A sua critica é ardente, ironica, por vezes violenta, mas sempre justa e sincera.

Como redactor da *Federação*, o seu republicanismo ficou accentuado de um modo preciso. Com a lealdade que o caracterisa, e que é hoje um dos mais bellos distinctivos do escriptor republicano, o Dr. Alfredo Varela sempre atacou o adversario de frente, nobremente, a peito descoberto.

E assim o talentoso patricio deixou assignalada brilhantemente a sua passagem pelas columnas do orgão official, outr'ora illuminadas pelo lucido espirito de Venancio Ayres, Ernesto Alves e Julio de Castilhos, o intemerato publicista e bravo republicano *sans peur et sans reproche*, e onde fulge actualmente o talento de Pinto da Rocha e de outros escriptores patricios.

Tambem na *Folha Nova*, de que foi director espiritual, o eminente riograndense traçou magnificos artigos de sã doutrina republicana.

E, facto singular — apezar do fero egoismo deste fim de seculo seccarrão e brutal, apezar dos continuos attritos da perversidade dos homens e da maldade do nosso coração, tão imperfeito e tão mau, — o Dr. Alfredo Varela, que, como polemista de fina tempera, tem tido diversos encontros na imprensa, não despertou odios, não moveu represalias, e é querido e acatado por todos que vêm nelle antes de tudo um cavalheiro de educação sem falha, um espirito correcto e fidalgo.

O Dr. Alfredo Varela ama, com desvelado carinho, o nosso querido Rio Grande; estuda os nossos homens, as nossas coisas, a nossa politica, a nossa arte, a nossa industria, as

nossas finanças, as nossas leis, e é amigo leal do governo republicano, a quem, em determinadas circumstancias, tem dado inexequiveis testemunhos de incondicional apreço e alta dedicação.

Quando, no Rio, escriptores levianos, apaixonados, odientos, movidos por pequeninos sentimentos de hostilidade contra tudo o que é nosso, atacavam a supposta inconstitucionalidade da Magna Carta que nos rege, o Dr. Alfredo Varela sahiu em defesa do notavel codigo politico, e, em vibrantes artigos, hoje reunidos em folhetos, demonstrou a inanidade dos argumentos postos em jôgo pelo adversario desleal e salientou as bellezas dessa lei incomparavel, que é na marcha triumphal dos destinos riograndenses, a fonte fecunda donde dimana todo o nosso progresso, e a garantia legitima dos nossos direitos.

Não ha muito tempo elle escreveu um livro precioso: *O Rio Grande do Sul*. Neste trabalho o Dr. Alfredo Varela põe num forte relevo a superioridade do nosso solo, a bravura de nossa indole, a riqueza da nossa flora, a doçura do nosso clima, e, mais uma vez, patenteou os seus finos dotes de escriptor moderno, copioso, erudito, que á forma nitida e limpida, ao estylo crystalino e sonoro, allia um magnifico cultivo scientifico e um inestimavel thesouro de conhecimentos sérios.

A critica recebeu bem o livro do eminente patricio, que é hoje considerado um dos melhores talentos do jornalismo do Brazil contemporaneo.

A opinião republicana, indigitando o Dr. Alfredo Varela para representar no Congresso Federal o Rio Grande do Sul, na proxima legislatura, procedeu com muito acerto e tornou-se digna dos mais altos encomios.

O Dr. Varela é um espirito superior e tanto pela sua illustração como pelo seu talento, devemos esperar grandes e alevantados commettimentos a bem do interesse collectivo e da Patria commum, na esphera elevada onde vai agir, como legitimo representante do pensamento republicano riograndense.

Achylles Porto Alegre.

(*Federação*, de Porto Alegre).

Coronel Dr. Alfredo Varela

(COM UM RETRATO)

Na litteratura brazileira o espirito do Dr. Alfredo Varela figura com a apresentação de dous titulos de real saber: *O Rio Grande do Sul* e *Direito Constitucional Brazileiro*, duas obras já julgadas pela critica, em grau eminente.

O Rio Grande do Sul, volume sobre o qual o saudoso Visconde de Taunay escreveu excellente juizo nas paginas da *Revista Brazileira,* é um trabalho de folego, cheio de enthusiasmo e ufania pelas coisas do Estado natal do autor.

O Direito Constitucional Brazileiro estuda a constituição republicana de 24 de Fevereiro de 1891 e é um manifesto politico eivado do mais accentuado liberalismo. Segundo o autor, a boa ordem social nasce do concurso livre e harmonico do povo e da autoridade, restrictos os abusos pela delimitação da esphera da actividade politica de ambos os factores.

Da leitura attenta do *Direito Constitucional Brazileiro* resulta que o Dr. Alfredo Varela é um republicano convicto, autoritario e liberal.

Combate o jury e não se lhe dá ver a execução da pena capital. Liberdade de testar, credito exercido sem peias nem reservas, ensino livre por completo, liberdade profissional absoluta—todos estes principios cabem no molde e nas intenções do programma republicano e liberal do Dr. Alfredo Varela.

Tratando de eleições, o Dr. Varela nega ao povo competencia positiva e inclina-se pelo systema indirecto, convencido, como todos os patriotas, que o suffragio eleitoral no nosso paiz ainda será por longos annos um feitiço que nunca se ha de virar contra os feiticeiros — manipuladores de eleições.

O Dr. Alfredo Varela indica o mal, apontando o remedio, procurando usar um systema novo, legislativo, executivo, judiciario, sob bases que formúla com elevação de pensamento e de fórma.

Quem percorrer as paginas do *Direito Constitucional Brazileiro* será obrigado a convir que não perdeu o seu

tempo, embora divirja não raro da orientação do seu illustre autor. As doutrinas do Dr. Alfredo Varela são a exposição dos principios encerrados na Constituição do Rio Grande do Sul, promulgada em nome da Familia, da Patria e da Humadidade, a 14 de Julho de 1891.

« Não será hoje talvez, o Dr. Alfredo Varela, um politico militante, diz Campos Cartier, mas inquestionavelmente não ha quem lhe leve vantagem na competencia e na franqueza com que defende os principios que inspiram a Constituição do Rio Grande do Sul. »

O Dr. Alfredo Varela, com effeito, é um polemista de valor, pairando sempre acima das paixões politicas. Basta seguir as considerações que faz sobre a Constituinte Federal por não ter consagrado a funcção orçamentaria como unica legitima do Congresso, transferindo, comtudo, ao poder legislativo attribuições inherentes e indispensaveis ao executivo.

O Dr. Alfredo Varela, publicista e cidadão, honra o nome riograndense como os que mais o honram.

O Coronel Dr. Alfredo Varela nasceu no Rio Grande do Sul em 1864. Filho do Dr. Manoel Roiz Villares e de D. Rosita Varela Villares, esta da familia de Florencio, Heitor, João Cruz, Jacobo Varela, homens de estado, oradores e poetas do Prata. Foi caixeiro, professor e praça do exercito matriculada na Escola Militar. Dedicou-se ao direito em 1886 e formou-se em 1889. E' um dos organisadores do partido republicano do Rio Grande do Sul. Recusou fazer parte da Constituinte do Estado, mas muito trabalhou pela adopção de sua constituição. Foi no primeiro governo de Julio de Castilhos convidado para secretario do interior e logo nomeado, mas não tomou posse do lugar, por motivo até agora ignorado. Sobrevindo o golpe de estado de 1891, achou-se á frente da força que deu combate aos revolucionarios na capella de Belem. Com a queda de Castilhos, reassumiu a direcção da *Federação*, que redigia desde o anno anterior, fundando com outros logo depois a *Folha Nova*, hoje *Gazeta da Tarde*, de Porto Alegre.

Restaurado o governo de Castilhos, pela revolução do Junho, em que tomou parte, nas forças do sul, foi convidado para juiz de direito da Capital, chefe de policia, representante do Estado, secretario do interior por segunda vez, mas recusou estes lugares em declaração publicada nos jornaes, passando a organisar um corpo de infantaria, para oppor-se á imminente invasão federalista. Realizada esta, foi nomeado commandante em chefe interino das forças da fronteira invadida, posto que occupou até a chegada do effectivo, general Menna Barreto, deixando as armas veiu para aqui, onde casou, seguindo depois para a Europa; ahi representou o Brazil no congresso de medicina de Roma (1894), secção de medicina legal, do qual se retirou logo, por doença em pessoa da familia. Por seus serviços de guerra o governo da Republica conferiu-lhe as honras de Coronel.

De regresso ao Brazil, publicou os trabalhos constantes da penultima pagina do *Direito Constitucional Brazileiro,* sua derradeira obra.

O partido republicano riograndense acaba de proclamar a sua candidatura ao Congresso Nacional.

(Rua do Ouvidor).

♣

Temos sobre a mesa o ultimo trabalho do vigoroso publicista Dr. Alfredo Varela. Intitula-se *Rio Grande do Sul — Descripção physica, Historica e Economica.*

O autor, distante da sua terra natal, foi atacado por pertinaz molestia de olhos que o obrigou a refugiar-se no seio de sua familia, no grande Estado do Sul.

Como diz no prefacio, embora doente, não queria deixar de prestar seus serviços á terra que lhe serviu de berço. Começou, então, não obstante os seus soffrimentos, a trabalhar, produzindo a obra que temos aberta diante de nós.

E' bem impressa e, sem duvida, digna filha de um dos mais bellos talentos da geração intellectual moderna.

Vamos lel-a para termos occasião de mais largamente della tratar e emittir o nosso juizo.

(*A Nação*, de S. Paulo).

Publicações

Temos sobre a mesa o primeiro volume de importante obra, que acaba de ser editada no Rio Grande do Sul, pelos Srs. Echenique & Irmão, proprietarios da acreditada Livraria Universal, de Pelotas e Porto Alegre.

Intitula-se *Rio Grande do Sul*, e contem a descripção physica, historica e economica do prospero Estado, que é a patria querida do autor, o Sr. Alfredo Varela.

Mal folheamos o livro, que havemos de ler com a attenção que nos merecem as publicações uteis, raras ainda em nosso paiz, onde o trabalho e o esforço, em qualquer ramo das lettras, não encontra compensação, nem premio; mal o folheamos, e podemos já recommendal-o á leitura dos estudiosos, porque acharão nelle *materia nova*, como diz o seu autor, e abundante cópia de dados para a geographia do Estado; accrescendo que a descripção geral contem a historia local descobrindo acontecimentos, que as chronicas imperiaes esconderam, e que todos devemos saber.

Começa do tempo colonial essa historia que abrange resumidamente a vida do Estado, e termina com a ominosa revolta, cujos autores são hoje os oraculos do governo da Republica.

Tem 231 paginas a primeira parte do volume; a descripção physica vai até a pagina 361 e comprehende, além da parte propriamente geographica, tratando da situação, área, limites, terras, aguas, portos, natureza morta, natureza viva, com bellissimo estudo sobre as raças humanas, a descripção da soberba paizagem riograndense habilmente feita.

Segue-se a descripção politica até á pagina 373; occupando mais de 100 paginas a historia da evolução social, que é um estudo completo sobre o progresso do Estado, tanto espiritual, como material, principalmente.

O 2º volume tratará da *descripção dos municipios*.

Do pouco que ahi fica dito, podem inferir os leitores a importancia do trabalho utilissimo e patriotico do Sr. Alfredo Varela, a quem agradecemos o exemplar com que nos obsequiou.

(D'*O Paiz)*

O Sr. Alfredo Varela obsequiou-nos com um exemplar do 1º volume, que acaba de ser publicado da sua obra—*Rio Grande do Sul. Descripção physica, historica e economica*.

Abrange este volume a *Descripção geral*, na qual o autor inseriu a relação historica, a *Descripção physica* do Estado, a *Descripção politica* e a *Evolução social*.

O 2º tomo comprehenderá a descripção dos municipios em particular.

Um rapido relancear d'olhos sobre a vasta e interessante monographia do Sr. Varela deixa-nos ver que o autor consignou muitos dados novos e preciosos, de que estava carecida a geographia do Rio Grande do Sul, incompletamente tratada até agora.

Os capitulos relativos á historia e á organisação politica do Estado serão provavelmente objecto de discussão e de critica porque nelles transparece claramente um espirito dominado por sentimentos demasiado partidarios. O Sr. Varela é sem reservas enthusiasta do regimen dominante naquelle bello torrão da Republica, e a proposito das agitações politicas, que desde 1891 até a pouco perturbaram o Rio Grande do Sul, não occulta as suas predilecções.

Ora a serenidade dos juizos da Historia não é compativel com este exaggerado partidarismo, que não vê nos antagonistas

sinão crimes e baixezas, e nos correligionarios sinão benemerencias e virtudes.

A parte descriptiva da obra, é em compensação muito digna de apreço e representa uma valiosa contribuição para a sciencia geographica.

Felicitando o laborioso escriptor, agradecemos cordialmente o seu obsequio e aguardamos anciosamente o complemento da monographia.

(Gazeta de Noticias)

♣

Rio Grande do Sul

Obsequiaram-nos os Srs. Echenique & Irmão, livreiros-editores em Pelotas e Porto Alegre, com um exemplar da obra que, com o mesmo titulo da epigraphe de que nos servimos nesta ligeira noticia, acaba de publicar o Dr. Alfredo Varela, escriptor riograndense.

E' obra de folego, de que não se póde dar noticia desenvolvida e consciencíosa senão depois de lêl-a detidamente, o que não pudemos ainda fazer, tendo apenas lido um ou outro trecho, o que nos habilita a affirmar que o estudo do Sr. Dr. Varela póde não ser perfeito, póde resentir-se de faltas, de inexactidões e até da parcialidade do autor, mas o que é incontestavel é que tem valor, por isso que revela talento e concentração ao estudo, e porque nas suas paginas ha o que aprender, e ha sobre tudo sentimento patriotico, e acendrado amor a este querido torrão que deu o nome ao livro.

Este divide-se em quatro partes. A primeira — *Descripção Geral* — comprehende os seguintes assumptos: aspecto, paizagem, céo, clima, povo, relação historica. A segunda — *Descripção physica* — abrange: situação, área, limites, terras, o continente; fórma geral; relevo do territorio; peninsulas e pontas. Aguas exteriores, o mar, aguas interiores, os lagos, os cursos d'agua, portos, ancoradouros e saccos, natureza

morta, natureza viva, vegetaes, animaes em geral, as raças humanas. A terceira — *Descripção politica* — occupa-se de: organisação politica, divisão administrativa, divisão judiciaria, e municipal, regimen fiscal e divisão eleitoral. Da quarta parte — *Evolução social* — são objecto: progresso espiritual, religião, o coração riograndense, a situação da mulher, instituição, associações, diversões, a Constituição politica, a administração, progresso material, vias de communicação, navegação, correios, telegraphos e telephones, agricultura, criação, pescaria, industria extractiva, industria fabril, commercio, emprezas e companhias, bancos, rendas e despezas publicas, os recursos do Rio Grande.

Por este indice facil será fazer idéa da importancia da obra, não só no ponto de vista do merecimento do seu autor como do relevante serviço que vem prestar a este Estado em geral e a todas as pessoas estudiosas em particular.

(Diario do Rio Grande).

ERRATA

PAGINA	LINHA		
17	23	Leia-se :	é o primeiro
42	14	»	aos seus.
66	6	»	aceito
72	7	»	auctoridade
76	23	»	Poisque
81	13	»	e essa
87	14	»	Dionysio
104	14	»	perto se
120	8	»	a que
123	3	»	desperta
135	12	»	á imitação

(Ha outros erros secundarios, facilmente corrigiveis pelo leitor).

INDICE